Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

ANO 62.º N.º 21 031
Dezembro 1982
Sexta-feira
17
20$00

Freitas do Amaral e Melo Egídio cumprimentam-se após os discursos que marcaram a entrada em vigor da Lei da Defesa Nacional. Em fundo, o retrato de Eanes domina a cena.

Lei da Defesa entrou em vigor

CEM's continuam ou saem? Governo decide 3.ª feira

Pág. 6

Eurico de Melo (PSD) entrevistado amanhã no "DL":

Escolha de novo 1.º Ministro deve aguardar o Congresso

Eurico de Melo

- **Dirigentes nacionais do PSD foram enviados para explicar às bases necessidade de saída de Pinto Balsemão**

Comissão Política reuniu

Há alternativa à AD

— afirmam os socialistas

Págs. 4 e 5

Sorte de Sérgio Godinho decidida esta tarde

Pág. 24

O atropelamento de Xabregas

Quadrilha matou sem motivo o agente da PSP

Pág. 24

Esta manhã na Damaia

Coleccionadora de bonecas estrangulada por assaltante

Uma senhora divorciada, Serafina Marques Amaro, de 65 anos, que tinha como «hobby» coleccionar bonecas, foi estrangulada, esta manhã, na sua residência na Damaia (concelho da Amadora), em princípio por um jovem assaltante ainda não identificado. O corpo da vítima, que habitava com a filha e uma neta, na altura ausentes, no quarto andar esquerdo da Rua 3 à Rua Garcia da Orta, só foi encontrado por esta última, aler-

Continua na pág. 24

Hoje "DL Ler/Escrever"

PS gostaria que eles votassem

Vizelenses parecem dispostos a impedir eleições de domingo

O PS tem feito apelos ao voto dos vizelenses para o próximo domingo, porque com cerca de 2800 eleitores a seu favor naquela localidade conseguiria retirar um lugar à AD no executivo camarário de Guimarães. Mas a população de Vizela, que já impediu a realização do acto eleitoral no passado domingo, não parece disposta a ceder. Na foto: urnas atiradas para o pátio do edifício onde estava instalada uma mesa de voto, no dia 12.

Pág. 24

Um regresso de madrugada

O Primeiro-Ministro regressou de madrugada. Como era inevitável, nas primeiras declarações que prestou, os resultados da viagem aos Estados Unidos da América do Norte (USA) foram positivos. Do alto nível cultural do seu interlocutor norte-americano ficará um testemunho que os séculos celebrarão. Aquela frase que ontem, dia 16 de Dezembro, servia de legenda, num diário da manhã, à fotografia de ambos: «A influência do vosso País no Brasil é ainda muito evidente».

Desta espantosa descoberta do Presidente Reagan, e da sem cerimónia de a ter dito ao Primeiro-Ministro de Portugal, não se conhece reacção ou comentário do Dr. Francisco Pinto Balsemão à chegada.

Falou de coisas mais sérias. Das Lajes falou. E falou, também, do Líbano, possivelmente sem ter um conhecimento exacto da altiva e firme reprimenda aos políticos de um chefe militar, o general Amadeu Garcia dos Santos, CEME.

Se a questão do envio de tropas portuguesas para o Líbano está, inquietantemente, a ser tratada a um nível de

Continua na pág. 24

Pão de Açúcar

DE ALCÂNTARA

AGORA MUITO MAIOR!
MUITO MELHOR!

Para ter mais por onde escolher e para comprar melhor, abrimos novas secções: Brico Center, Garden Center e Padaria com fornadas constantes de todo o pão sempre gostoso, quentinho... Aumentámos e melhorámos as outras secções.
Veja como está variado e moderno o novo pronto a vestir!
Venha viver o prazer de comprar no Pão de Açúcar de Alcântara.

FÁBRICA NACIONAL DE AR CONDICIONADO, U.C.R.L.

PRECISA

Para admissão imediata

1 DESENHADOR DE MÁQUINAS com dois anos de experiência, no mínimo

1 DESENHADOR com 3 a 5 anos de experiência em Projectos de Ar Condicionado

Respostas à Estrada de Outorela, Lote 20, Carnaxide.

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Admissão de radiografistas de 2.ª classe

1. Para conhecimento dos interessados se publica que se encontram abertas inscrições para a categoria acima referida, para admissão imediata.

2. Poderão inscrever-se os indivíduos possuidores do respectivo curso profissional.

3. Os interessados deverão dirigir-se ao Serviço de Pessoal dos Hospitais Civis de Lisboa, sito no Campo Mártires da Pátria, n.º 91-2.º Esq.º — Lisboa, de 2.ª a 6.ª feira, das 9 às 12 horas ou das 14 às 16 horas, onde lhe serão prestados todos os esclarecimentos.

A segurança dos aparelhos de gás

Beja Santos

A economia industrial impôs o fabrico em série de modo a que a produção em escala permita o abaixamento dos custos e aumente o número de consumidores. A tecnologia passou a ser obrigada a disciplinar através de normas ou certificados nacionais ou internacionais o fabrico de muitos produtos, designadamente dos múltiplos sectores da agro-indústria, equipamentos domésticos, veículos e materiais de construção.

A certificação dos produtos é estimulada por organismos oficiais e por um grande número de empresas que vêem na certificação a melhor recomendação dos seus produtos no mercado. Quando um produto industrial ou agrícola se apresenta conforme uma norma estão criadas as condições para efectivar uma política de certificação.

Certificação tanto pode ser a marca de origem, o registo ou a marca registada ou até mesmo o certificado de garantia.

É nestas condições que a certificação fornece critérios que inspiram no comprador a certeza de que o produto adquirido corresponde às exigências da sua real utilização.

Os aparelhos a gás – como é o caso dos fogões, esquentadores e convectores de calor – passaram a estar sujeitos a um sistema obrigatório de certificação da qualidade. Está plenamente justificado este sistema de obrigatoriedade, dados os riscos para a segurança do consumidor e a economia do combustível que resulta da prática das normas de qualidade e segurança.

Assim, os aparelhos a gás postos à venda no mercado passam a ter uma estampilha com a palavra «protótipo», o que garante ao consumidor que o aparelho que serviu de modelo para o fabrico em série foi ensaiado num laboratório e que, periodicamente, a Direcção-Geral da Qualidade recolherá vários aparelhos que serão submetidos a ensaios.

Que vantagens há nesta certificação tanto para a economia como para os consumidores? Ao iniciar o fabrico em série de determinado modelo, o fabricante envia um desses aparelhos a um laboratório reconhecido pela Direcção-Geral da Qualidade para se verificar se ele está de acordo com as normas de segurança. Aprovado este aparelho, que nós aqui designamos por «protótipo», o fabricante ou o importador garantem que todos os aparelhos dessa série, que vierem a produzir, respeitarão as características do protótipo.

Ao obter a aprovação do seu protótipo, o fabricante ou o importador passam a poder colocar uma estampilha na parte de trás do aparelho e que tem inscrita a palavra «protótipo».

A Direcção-Geral da Qualidade tem vindo a dirigir aos chamados grandes consumidores, isto é, aos organismos oficiais, construtores civis, cooperativas de consumo, associações de arquitectos e engenheiros e à opinião pública em geral, uma campanha de esclarecimento e informação sobre as vantagens de adquirirem apenas os aparelhos a gás que tiverem aposta a estampilha de «protótipo».

As marcas de qualidade contribuem, por conseguinte, para a aceitação dos produtos no mercado interno e para a sua implantação no mercado externo.

As marcas garantem ao consumidor um menor risco de reclamações e mais segurança.

Portanto, quanto a aparelhos a gás, não esqueça: prefira produtos com certificado de qualidade, com a indicação de «protótipo».

Estará assim a contribuir para a sua própria segurança e a poupar combustível.

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

CONCURSO N.º 3-0114/83

FORNECIMENTO DE GASES MEDICINAIS

Recebem-se propostas até ao dia 3 de Janeiro para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no SERVIÇO DE AQUISIÇÕES dos Hospitais Civis de Lisboa (Campo dos Mártires da Pátria, 91) das 9 às 12.30 e das 14 às 17 as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa em 9 de Dezembro de 1982.

O CHEFE DO SERVIÇO

a) **Ilídio Luís de Sousa**

NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS

Croniqueta à volta de um prato de sopa

Susana Ruth Vasques

É sábado à tarde. Estou bem instalada em casa. Chove lá fora, mas os convectores aquecem o ambiente. Oiço música através de um aparelho de alta fidelidade, à minha volta livros, bibelots, quadros, flores, alguma solidão.

Um chá perfumado que chegou ontem de Londres pelas mãos de uma amiga, um bolo-rei que comprei no Chiado, ajudam-me a passar este dia de folga, este dia em que podia aproveitar para estar com os amigos, mas não estou. Apetece-me conversar comigo própria, repensar a vida, sonhar, dormir a sesta, acordar, procurar no frigorífico o resto do pitéu de ontem e, talvez ao fim da tarde, ir ao cinema.

Sinto-me bem, afasto a tal pontinha de solidão para um sítio escuro, talvez lá para o fim do comprido corredor desta casa que se foi esvaziando aos poucos, primeiro com a saída, anos atrás, do meu companheiro, depois com a partida dos filhos para as suas próprias vidas.

Comodamente instalada num macio sofá de veludo castanho-escuro, o jornal sobre os joelhos, oiço (ou é engano ?) tocarem à campainha.

Um toque tão ao de leve, tão tímido... Ao sábado? Quem será? Devo ter ouvido mal (o «Messias» de Haendel enche de música as paredes) mas, ao cuidado vou ver. Uma ligeira, ligeirissima, tão indelével que nem dou por ela conscientemente, esperança, enche-me o coração: e se fosse ele? Ele, o príncipe encantado, evidentemente!

Abro (entreabro) a porta. Uma mulher dos seus 65 anos, magra, um xaile pela cabeça, diz secamente: «sou pobre, dê-me qualquer coisa, nem que seja um prato de sopa».

Córo, mas ela não pode ver. Não tinha acendido a luz da escada.

– Sopa, não tenho, não faço aos fins-de-semana. – Desculpo-me, enquanto, no espaço de um relâmpago, penso: ao sábado e ao domingo costumo comer no restaurante ou em casa dos amigos.

Lembro-me, no entanto, do pitéu que sobrou do jantar de ontem. Mas como havia de lho dar? Teria de a convidar a entrar e a sentar-se à mesa? Ou dava-lho num prato com um garfo, à porta? E esperava enquanto comesse? Sim, mesmo que fosse sopa? Esperava que a acabasse?

Vou ao meu quarto, tiro uma nota (a mais pequena) da carteira e dou-lha. Acendo a luz da escada e ela murmura: «Deus a proteja e lhe dê saúde». Sobe ao andar de cima.

Fecho a porta, volto à sala aquecida, sento-me e penso numa coisa absurda: e se eu, que no fim do ano posso ficar no desemprego (porque estou numa lista de despedimentos) tivesse de andar de porta em porta a pedir um prato de sopa? Absurdo, claro, pertenço àquela classe privilegiada de pessoas a quem os parentes e os amigos dão de comer em caso de necessidade! Além disso, sempre usufruia, durante uns tempos, do subsídio de desemprego (tantos pratos de sopa!) e recorria a um ou outro biscate. Foi assim que sobrevivi da outra vez em que também fiquei no desemprego. Uma pessoa habitua-se a tudo, não é?

Mas não foi certamente por me imaginar no lugar da mulher (pelo menos a nível consciente) que lhe dei aquela tão pequena notinha verde (eu que ganho mensalmente o equivalente a cerca de 1100 notas iguais que, ironicamente, gasto por inteiro, sem me sobrar um tostão para o mealheiro!

Pensar que oito anos após o 25 de Abril ainda é possível um cidadão deste país ver-se obrigado a mendigar um prato de sopa...

Pensar que, numa noite destas, bem fria por sinal, um homem preparava a cama para dormir num degrau de entrada de um prédio junto ao Hotel Tivoli, servindo-lhe de cobertor um capote que puxou bem para cima da cabeça...

Pensar, que naquele dia, á hora do almoço, entrou no snack-bar, a pedir esmola, uma jovem mãe, 17 anos talvez, o rosto ligeiramente mongolóide, o filho amarrado a ela como quem teme perdê-lo...

Não, por favor, não me venham dizer que em Paris também há os «clochards» a dormir à boca do metro (sempre lhes chega algum calor) e que, além disso, «a crise é mundial»...

Porque eu vivo em Portugal e é aqui que se passam estas coisas que já tinham tido tempo suficiente para deixar de se passar!

E, se alguém me vier perguntar porque carga de água me deu para escrevinhar isto, sou capaz de responder: porque fiquei com (ou tenho) má consciência, eu que, lá pela hora do jantar, devo ter uma sopa quentinha (talvez chinesa, gosto muito) à minha espera num bom restaurante...

O Rio Triste, de Fernando Namora: algumas hipóteses de leitura

José Manuel Mendes

Dez anos após **Os Clandestinos**, Fernando Namora reaparece como romancista. **O Rio Triste**, longamente conjecturado e escrito, de acordo com as declarações do autor, em escassos meses de tumultuária actividade, é uma obra densa, polissémica, fecunda de implicações sociais e psicológicas. Se o amor, nas suas múltiplas vertentes (da ternura partilhada aos tensos silêncios do desencanto) é, num certo ângulo, o tema dominante, a verdade é que outros núcleos sémicos se vão revelando fundamentais no percurso romanesco: a escrita sobre a escrita, a guerra colonial, a emigração, o quotidiano de um jornal, com as suas taras e grandezas, o meio literário, a morte, a resistência, os primeiros acordes de Abril. Diversíssimos tributários, afinal, do rio da vida. E, por sobre tudo, como uma concha amarga fechando em cinza a cintura dos dias, o tempo que passa, dissolve, corrói, clarifica, apouca ou eleva. Nunca como nestas páginas, não obstante quanto, na obra precedente, o indicia, o quotidiano esteve tão presente, contraditório e cru, despojado de edulcurações, percutido de sinais. Poder-se-á afirmar, assim, que o mosaico de personagens é composto por gente comum, que é essa realidade vizinha das nossas vivências e inquietações que surge como quadro envolvente das acções, a um tempo cenário e sujeito, entidade passiva, cujo peso não é passível alijar, ou activa, determinando comportamentos tanto individuais como gregários.

Uma primeira conclusão importa, nesta linha retirar: a de que, sendo diferentes uns dos outros, profundamente diferentes, somos, sem paradoxo, iguais; para aquém e para além das peculiaridades em que o timbre pessoal se afina, conforma-se toda uma vasta zona de inarredáveis similitudes, o limbo do ser comum. É o que acontece quando vemos, progressivamente, André Bernardes, o escritor, identificando-se com o enigmático Rodrigo. À medida que vai desvendando a silhueta do desaparecido é como que o traçado do próprio rosto que (re)encontra: hábitos, aspirações, relações afectivas, trivialidades, o desejo de fuga às constrangentes malhas dum viver rotinizado. O que terá levado Rodrigo a não voltar a casa? Uma aventura amorosa, o exercício responsável do militantismo político, uma briga ocasional num dos barcos que ligam as duas margens do Tejo? Não chegamos a saber. Ou antes: sabemos que tudo isso, fosse qual fosse a razão imediata, poderia ter ocorrido e representaria sempre a consumação duma ruptura com a saturada atmosfera que o envolvia, no plano familiar (com Teresa, sobretudo) como no do trabalho. Ora, é ou não verdade que os encontros e desencontros com Dorita, o desgaste que vinham sofrendo as tertúlias e os projectos, artísticos ou de outra natureza, em que se investia, conduziam, dia após dia, André à fadiga, à rebelião consigo, a uma ávida procura de desbloqueio? Os amores com Marta constituem, no desdobrar da análise, a realização, ainda que inconclusa, da libertação (entre espontânea e voluntária) que almejava. Se o empregado da Novilectra tivesse podido assumir-se numa situação paralela (não teria sido isso o que se passou?) decerto não caminharia (se caminhou) para a lenta auto-aniquilação que antecede o seu desaparecimento. Outrotanto, embora em direcção inversa, se confabulará hipotetizando a inexistência do par André-Marta.

Mais: não são as relações Teresa-Rodrigo, Bia-Faria Gomes, André-Dorita, André-Marta tocadas pela mesma frustração dos limites inatingidos, por alguma coisa de coacto e irrepreso, o pouco mais de sol ou de bruma que não chega a haver?

Temos, pois, que o comum das situações permite apurar todos os contornos (mesmo os menos evidentes) da esfera do igual na pluralidade. E seria fácil levar à exaustão o sistema de identidades que se vai estabelecendo. Gradativamente, por exemplo, assistimos a um processo segundo o qual Teresa e Dorita compõem um só perfil, que é, também, em alguma medida, o de Marta. Veja-se, a propósito, como (fundindo presente, passado, futuro) André/Rodrigo dialoga com Dorita (afinal Teresa), uma bela manhã de amargas ponderações, logo após a morte de Faria Gomes. Peças de um puzzle compósito (a vida), as personagens, frágeis e contrariadas, sacudidas por agudas confrontações psicológicas, movem-se, sem determinismos, nas túrbidas águas da precaridade, num impressionante e veraz equilíbrio feito de erosões, expectativas, instabilidades. Tanto basta para que **O Rio Triste**, sendo um mural da nossa

circunstância humano-social, e não o insólito de um caso, acabe revelando-se, a um tempo, uma polifonia do desconcerto e uma parábola de esperança.

Com efeito, no longo perpassar de conflitos, adensa-se a névoa do desencanto, do cepticismo, designadamente quando André Bernardes, a par da sua função de narrador, protagoniza os acontecimentos. Mas, do mesmo modo, perseverando nos ideiais de sempre, é ele quem acende as luzes terminais das apostas decisivas. A moldura dos comportamentos não favorece uma leitura optimista do quotidiano. As disputas ridículas, as intrigas e calúnias que animam a pequena comarca das letras (com destaque para a figura de Castel-Branco, prototípica da presunção bajulada, da felonia, do academismo reaccionário), o estreito universo do jornalismo que se fazia, sob a ditadura, com os seus tiques e contradições, os agravos, dissídios, tormentos das relações afectivas, pese embora o que nelas subsistia de estimulante (como sucedia com Marta), o clima de sufocação política, estiolador de iniciativas, violentador de consciências, carregam, entre outros espécimes, o fardo da crestação que percorre os itinerários do romance. Porém, em clara contraposição, ocorrem realidades diversas: as greves operárias no Barreiro, a moral da resistência, o epílogo (canto a abril vitorioso, feixe de pistas reiluminadas para a compreensão do entrecho), ou, numa outra área, as cartas de Marta, o seu amor possessivo e terno, o diário de Cecília, os instantes despoluídos, entre serenidade e euforia, do convívio com Teresa, das tréguas com Dorita.

O olhar maduro de Namora (que a si mesmo se joga na pele de André/Rodrigo, sem por ela, obviamente, se deixar por inteiro recobrir) vai detectando, com lucidez, as tintas dominantes de uma tábua de contrastes, recusando o esquematismo das primeiras sugestão sempre empobrecedoras quando desatentas à complexidade do real. É expressivo o modo como Bernardes se refere, em duas ou três passagens, a Castel-Branco, em regra vazado por uma dura observação crítica. Uma certa compreensão relativamente ao molde temperamental desta leva-o, em nome de valores duma juventude comum, duma amizade nascida, apesar de todas as ravinas separadoras, nos anos de Coimbra, a um desejo de aproximação sem cedências, a um grande sentido de perdão. Mais: chega a perpassar, a dada altura, uma apreciação positiva de aspectos parcelares da sua personalidade de escritor. Donde, na esteira desta amostragem, ser de concluir que, não obstante o rigor exegético, as tensões e antagonismos, o Autor não dá terreno a construções maniqueístas, tanto no plano ideo-sensível como no político. O que não quer dizer que esqueça elementos caracterizadores como os que se nos deparam a propósito de André Bernardes: um homem que atingiu a notoriedade sem pôr em causa, no essencial, o seu passado progressista e solidário. O curioso é que aportamos a este cais pelas rotas dum posicionamento preferencialmente assumido nos mares da arte. No curso de páginas que exprimem a incindibilidade da escrita e do real, Bernardes, fiel à sua formação, enriquecida desde a origem, dispõe-se a recepcionar uma provável réplica, dissolvendo-a pela mordacidade. Assim: «um momento, Rodrigo, deixa ouvir ali o Castel-Branco, ele enfiou o polegar eclesiástico na cava do colete, a boca rebenta-lhe de gozo mal sofreado,

– E ainda te irritas que eu fale da tua vocação miserabilista!

Pronto, já o ouvimos, (...)». E as reflexões seguem, articuladas, lógicas, justas, como se a frioleira do outro não tivesse existido.

Estamos longe, naturalmente, da polémica teórica entre o realismo e as correntes estéticas que o contraditam. De toda a feição, o que resulta inambíguo de momentos como este é a reiteração, por parte de Bernardes-/Namora, das incidências fundamentantes do projecto que mobilizou as intelectuais do neo-realismo, ainda quando se não exima à questionação interna de alguns aspectos concretos. A porfia no molde literário é, no entanto, uma faceta apenas do não enjeitamento, aos diferentes níveis, duma empenhada atitude perante a vida. Por isso, ao contrário de Castel-Branco, não terá que envergonhar-se do pretérito pessoal, passar uma esponja sobre um qualquer giz acusador na lousa da memória de uma geração; é o mesmo, na Lisboa contemporânea das acções ficcionadas, que era em Coimbra, quando estudante, ou foi, mais tarde, em qualquer estância do seu jornadear cívico. Uma coerência lograda, decerto, à custa de um permanente interrogar das próprias ideias, confrontadas com a marcha da História, de uma austera disciplina de pensamento, atormentadora e desbloqueante, como lemos, aqui e além, nos patamares do texto.

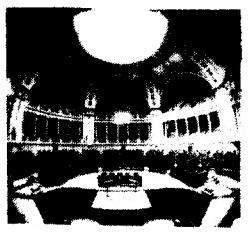
Importa, entretanto, perguntar: em que medida a visão do mundo que deflui de **O Rio Triste**, sobretudo através dos olhos, perscrutadores e desembotados, do narrador principal, se forma a partir de um ângulo subjectivo, descrente, solitário? Regressamos a um tema já tratado. Mas é talvez curial abordá-lo, depois dos materiais que temos vindo a trabalhar, com novos desenvolvimentos.

Já se asseverou que solidão e solidariedade são inconciliáveis, uma vez que esta, pela sua pressuposta abertura aos dramas colectivos, renega todas as formas de oclusão individual. O inverso, porém, também tem sido considerado. De facto, na solidão pode fermentar, pela conscientificação dos problemas, pelo sazonar de apetências, o impulso para a alteridade. E assim muitas vezes acontece, como empiricamente vamos sabendo. Ora, sendo certo que o novo livro de Fernando Namora é uma melancólica ária da solidão, de um tempo em que os homens, como já se escrevia em **Domingo à Tarde**, são ilhas e estendem os braços entre si à espera que sirvam de pontes para a comunicação realentadora, não é menos verdadeiro, na decorrência do que ficou esboçado, que tal não significa a socialidade, renúncia à intervenção, apologia do individualismo. Bem ao invés: uma irrefreável força magnética convoca o humano à realização plural. Se podemos ler, ao acaso, na página 225: «às vezes tem-se necessidade de falar com alguém capaz de escutar, alguém a quem se fale como se falássemos a nós mesmos», ou, antes, com um traço amargo: «há ainda essa inelutável lei da vida humana que a todo o instante nos declara e demonstra que uma alegria, mesmo pequenina, se paga com uma dor», tal não arreda a necessidade duma relação viva com os outros que esta bela formulação traduz: «o amor não deixa as pessoas envelhecer nem morrer».

De resto, desde o título, o romance nos vai conduzindo à seguinte descodificação de uma longa metáfora: a estas águas correntes afluem detritos de uma colmeia activa, eventos e meditações, afrontamentos, esperanças, sinais da paisagem epocal em mutação; tudo se mistura sob «as mãos do tempo, que também matizam e arrefecem, põem nódoas, dão vida e dão morte», tudo se move num ciclo de brumas entrecortado de luminosidades, se conforma, ao cabo e ao resto, com uma leitura global das últimas décadas da vida portuguesa. Eis, até certo ponto, como o solitário se mune da experiência global duma comunidade, a reelabora em termos ar-

Continua na pág. 4

ponto a ponto



O Parlamento só deverá começar a debater no dia 7 de Janeiro as Propostas de Lei do Orçamento e do Plano. Esta informação – divulgada pela ANOP – contradiz a dada na passada sexta-feira, à saída do Palácio de Belém, pelo Primeiro-Ministro, Pinto Balsemão, segundo o qual o Governo desejava que tais propostas de lei começassem a ser debatidas ainda em Dezembro. O plenário da Assembleia da República, contrariamente ao que chegou a ser divulgado, além da sua sessão de sexta-feira, reúne dia 21, entrando depois no período de férias. Embora ainda sem agenda fixada, supõe-se que o Parlamento se debruçará terça-feira sobre um suplemento ao Orçamento Geral do Estado para 1982, apresentado pelo Governo. Os deputados voltarão a reunir no dia 4 de Janeiro de 1983.

O Presidium do Soviete Supremo da União Soviética nomeou um novo embaixador da URSS em Portugal, Valentin Vdovine, indica a agência «TASS». Valentin Vdovine, de 55 anos, que substitui Arnold Kalinine, «chamado a desempenhar outras funções», era anteriormente embaixador em Moçambique, depois de ter representado o seu país em vários países africanos. Valentin Vdovine começou a sua carreira diplomática como conselheiro na Embaixada da URSS em França, precisa a «TASS».

O presidente do CDS recebeu, na terça-feira, o comandante Carlos Reis, secretário do Conselho Nacional do PAICV, que lhe entregou uma mensagem pessoal do secretário-geral desse partido, Aristides Pereira – anunciou Freitas do Amaral. Na mensagem, o presidente da República de Cabo Verde, sublinha as relações de amizade e solidariedade que se têm desenvolvido entre os povos português e cabo-verdiano. O comandante Carlos Reis, está em Lisboa a caminho de Moscovo, aonde vai participar nas celebrações do sexagésimo aniversário da União Soviética.

No âmbito das relações luso-africanas, o gabinete de Freitas do Amaral divulgou também uma informação segundo a qual o ministro moçambicano da Defesa, general Alberto Chipande, terá considerado a sua recente visita a Portugal «um momento de alto significado» nas relações bilaterais. Numa carta escrita ao seu homólogo português, Chipande destacaria o «nível de compreensão mútua e correcto relacionamento atingido entre os dois países, que beneficiará os nossos Estados e contribuirá para o estabelecimento de uma paz duradoira na África Austral».

O líder socialista português Mário Soares preside amanhã em Paris, a uma reunião da Comissão Internacional Socialista para o Médio Oriente. Participam nos trabalhos representantes dos partidos socialistas francês, italiano, português e austríaco e dos sociais-democratas da Suécia, RFA, Itália, Holanda e Malta. Soares partiu hoje para Paris e regressa a Lisboa segunda-feira. O antigo primeiro-ministro português é recebido pelo presidente da República Francesa, François Mitterrand, e encontra-se com o primeiro-secretário do Partido Socialista Francês, Leonel Jospin.

O embaixador da República da Guiné-Bissau em Portugal, Leonel Vieira, entregou as cartas credenciais que o tornam também embaixador na Itália – anunciou a representação diplomática guineense em Lisboa. No mesmo dia, Leonel Vieira foi recebido em audiência pelo Papa João Paulo II. EM Janeiro, Vieira irá também apresentar as suas cartas credenciais ao rei D. João Carlos, como primeiro embaixador não residente da Guiné-Bissáu junto do Estado espanhol.

O PPM começou a transferir a sua sede da Rua da Escola Politécnica para a Rua Duques de Bragança. Instalado desde 1975 num prédio alugado da Rua da Escola Politécnica, o partido muda-se agora para instalações num edifício em que é proprietário de dois andares, um destinado aos serviços de secretaria e outro para convívio e secção de publicações. O Conselho Nacional do PPM marcado para sábado decorrerá num hotel de Lisboa, uma vez que as novas instalações ainda não estão completamente desocupadas.

O ex-dirigente da Frente Revolucionária do Timor-Leste Independente (FRETILIN), Rogério Lobato, está detido há cerca de cinco meses em Luanda, sob a acusação de envolvimento no contrabando de diamantes. Por outro lado, círculos partidários confirmaram que Rogério Lobato, responsável pelas questões de defesa, foi afastado da direcção da FRETILIN a partir de Março de 1982. «Mas já há algum tempo que Rogério Lobato se auto-afastara dos restantes dirigentes», acentuaram as mesmas fontes. A última intervenção oficial de Lobato como dirigente da FRETILIN registou-se em Lisboa, em 1981, por ocasião de uma reunião do Tribunal dos Povos.

Um destacamento de comandos terminou na ilha Terceira uma série de exercícios destinados a avaliar a operacionalidade daquele ramo das Forças Armadas. Os exercícios, que tiveram a duração de uma semana, envolveram 300 militares, entre praças, sargentos e oficiais.

assembleia da república

Assembleia da República

AD e ASDI introduzem alterações ao Código Cooperativo

A Assembleia da República aprovou alterações introduzidas na especialidade ao Código Cooperativo.

O Código – que contou com os votos favoráveis da AD e ASDI – tinha sido chamado à ratificação do Parlamento por iniciativa do PS e do PCP e posteriormente remetido para a comissão parlamentar competente. O PSD recordou que o decreto-lei que cria o código foi da iniciativa do Sexto Governo Constitucional e condenou que tenha demorado mais de dois anos até que estivesse pronto o processo de ratificação.

Na declaração de voto, o PSD acusou «certos partidos (...) de constantes, visíveis e incorrectas tentativas em chamarem a si despudoradamente, tal como fazem no sindicalismo, a exclusividade da representação, orientação e defesa do movimento cooperativo».

O CDS considerou que a aprovação de um Código Cooperativo «estável, ratificado pela competência política e força moral desta Câmara e, na sequência das disposições constitucionais, a consagração do sector cooperativo como agente fundamental das actividades sociais, seja no domínio económico da produção e distribuição, seja no campo cultural e outros».

O PS justificou a sua recusa do projecto afirmando que se trata de um «simulacro de Código» e acrescentando que não poderia votar favoravelmente «pelo respeito que lhe merece o cooperativismo e pelo respeito pela luta de século e meio dos socialistas na defesa dos princípios cooperativos».

O Partido Socialista disse ainda que tomou esta posição sem prejuízo de, «no quadro de uma Assembleia da República renovada, vir a propor oportunamente uma Lei de Bases Gerais do Fomento Cooperativo e um Código Cooperativo verdadeiramente digno desse nome».

Quanto ao PCP considerou que no decurso do processo de ratificação foram introduzidas ao documento algumas melhorias técnicas, mas que o fundamental não foi alterado.

Para este partido manteve-se a característica «espartilhante» do Código, que não fica com a «dignidade do diploma que o movimento cooperativo merece, quer pela sua experiência histórica, quer pela sua dimensão e potencialidades de desenvolvimento em Portugal».

O Parlamento aprovou uma autorização para que o Governo possa legislar em matéria de definição de crimes de tráfego ilícito de diamantes.

Antes da ordem do dia, o PCP fez uma intervenção de fundo sobre a «situação verdadeiramente escandalosa» em que se encontram em Portugal os professores do ensino primário.

De acordo com a carta aberta enviada ao ministro da Educação pelo Sindicato dos Professores da Grande Lisboa – e citada pelo deputado comunista Manuel Matos – o Ministério deve 900 mil contos àqueles professores devido à não actualização de salários.

Ainda sobre o ensino primário, o PCP afirmou que «seja qual for o ângulo para que nos voltemos, a panorâmica é desoladora – desde uma rede escolar que se mantém anos e anos por redimensionar, e cujas instalações se degradam mais e mais, até à política de formação de professores, tanto inicial como contínua».

O deputado do PSD Cristóvão Norte fez também uma intervenção em que falou da secção de viação de Faro, principalmente nos atrasos verificados na marcação de exames e nas deficiências de instalações e de pessoal especializado.

PS comenta resultados das eleitorais:

"Estão reunidas as condições para uma profunda mudança política"

«Estão reunidas as condições para uma profunda mudança política democrática na sociedade portuguesa», «o PS surge de novo como força determinante», «há alternativa (à AD) e o povo português conhece-a com suficiente clareza» – afirma a comissão política do Partido Socialista num comunicado emitido ontem, após uma reunião realizada para analisar os resultados das eleições autárquicas do passado domingo, a situação por eles criada e as perspectivas de desenvolvimento que se abrem à actual situação.

O PS salienta, como aspectos mais imediatamente marcantes dos resultados, a sua subida, a «quebra» da AD e a «estagnação» da APU, de par com o elevado afluxo de eleitores às urnas. Num balanço interpretativo, a comissão política do PS fala do «fracasso do modelo político, económico e social em que se inspira a coligação em que se inspira a coligação conservadora no poder liderada por Pinto Balsemão», recordando as taxas de inflação de 25 por cento, 400 mil desempregados, uma dívida externa galopante, um défice da balança da ordem dos 300 milhões de contos, a estagnação do investimento, o recuo da poupança, a desconfiança na moeda, um agravamento ímpar da carga fiscal.

«Os líderes da AD classificaram as autárquicas como um teste nacional» – lembra também o PS, para sublinhar que, «se os resultados eleitorais de 12 de Dezembro fossem para eleições legislativas, a AD não disporia, neste momento, de maioria absoluta na AR».

O comunicado repete as críticas e os comentários que o PS vem fazendo nos últimos tempos à AD, dizendo porém que «não se regozija com o fracasso da AD e dos seus governos, porque não pode regozijar-se com as cada vez maiores dificuldades do País. Mas julga, serenamente, que chegou a hora do reconhecimento do acerto da sua (dr. PS) política de combate à crise», e afirmando que «aguarda tranquilamente que a AD e o seu Primeiro-Ministro revejam a sua interpretação absurdamente optimista dos resultados das eleições. Se o não fizer, como infelizmente tudo indica, caberá ao Presidente da República interpretá-los, em conexão com anteriores afirmações e atitudes públicas no quadro dos poderes que a Constituição lhe confere».

Bloco central e alianças

Entretanto, e à entrada da reunião da comissão política do PS, ontem, o dirigente Jaime Gama classificou «destituídas de sentido» expressões como «bloco central», «aliança PS-PSD», «aliança PS-AD».

O PS «não tem que ajudar a direita a resolver os problemas que ela própria criou» – no dizer de Jaime Gama, para quem, também, os resultados do dia 12 deveriam impor «a satisfação de uma repetida exigência socialista: a demissão do Governo, dissolução do Parlamento, e marcação de novas eleições legislativas».

Segundo o dirigente socialista, as últimas eleições criaram «uma nova geografia política no País».

A UEDS e as eleições

Recuperação do socialismo democrático

«Uma clara recuperação das forças do socialismo democrático», que são «núcleo fundamental de qualquer alternativa à coligação reaccionária actualmente no poder», é como a UEDS define o resultado das últimas eleições autárquicas.

Depois de uma reunião do Secretariado Executivo Nacional daquele Partido, foi emitido um comunicado de balanço das autárquicas nas quais se aponta também como resultado das eleições o «evidente desaire para aqueles que apostavam na desmobilização do eleitorado tentavam confundir o desencanto dos portugueses em relação ao Governo com um desencanto em relação às instituições democráticas».

Nesse documento renova-se também a responsabilização de Ramalho Eanes pelo desenvolvimento futuro da situação política – «cabe agora ao Presidente da República tirar desse facto as necessárias conclusões, demitindo o Governo, dissolvendo a Assembleia e convocando novas eleições legislativas», diz a UEDS.

Recorde-se que a coligação PS/UEDS ganhou a câmara de Espinho, mas foi derrotada, por pequena margem, na Azambuja.

PR: almoço em Cascais com jornalistas estrangeiros

O Presidente da República almoçou hoje em Cascais com 14 jornalistas estrangeiros acreditados em Genebra, junto de organismos da ONU.

Aqueles profissionais de informação, que estiveram em Lisboa, acompanhados por Luís Esteves, correspondente da RDP naquela cidade suíça, participaram nos trabalhos de cobertura das eleições autárquicas de domingo passado, e têm aproveitados os restantes dias da estadia entre nós para um contacto mais intenso com a realidade portuguesa.

Facto curioso: apesar de algumas diligências feitas, não lhes foi possível contactar ou ter acesso junto do responsável actual do Governo pela Comunicação Social, José Alfaia, empenhadíssimo ainda, na sua «gesta» de destruição da Anop.

O Rio Triste de Fernando Namora: algumas hipóteses de leitura

Continuação da pag. 3

tísticos, nela participa, assim transmutando o que se julgaria septado do mundo no investimento do corpo pleno na sua alteração. Acentue-se, todavia, que tais posições nem sequer são novas na obra de Namora. Se há tema que lhe seja caro, nas primeiras como nas mais recentes produções (com saliência para **Cidade Solitária** ou a novela inicial de **Resposta a Matilde**), é justamente este. Nunca o molde vulnerável, sofrido ou corajosamente subjectivizante das personagens do autor de **O Homem Disfarçado** se confundiu com o solipsismo inactuante, com a metafísica da imobilidade, com a recusa à construção do devir, salvo nos casos em que se visou representar um quadro expressivo da alienação. Provar que o acento psicológico é parte inabandonável do homem histórico e reivindicativo terá sido até, sem dúvida, das preocupações medulares do seu projecto, em consonância com as propostas do movimento realista que ajudou a impor. **O Rio Triste,** portanto, fala-nos, em última análise, de uma «tristeza rubra como os cravos», a mesma a que um dia se referiu Carlos de Oliveira, capaz de acender na cave das amarguras interpessoais o fósforo insubmisso da libertação. Que outro entendimentto teria, se não consoante com este dado de partida, o capítulo final, elevado de euforias, pressombros, múltiplos desmedidos gestos de uma **alegria** longamente cativa nos baços anos do nosso descontentamento? Ou a emoção de Rodrigo, certa vez, diante de um cartaz (ALMADA, UM CONCELHO PARA O POVO DE ABRIL) na outra margem? Já não vivíamos (ou viveríamos por muito tempo) num país «campo de concentração vigiado por baionetas sem sono», «cheio de polícias, uns fardados, outros não», suportando, sem o menor aplauso, uma guerra injusta, que as cartas de Henrique, numa rebeldia céptica, ingénua, anárquica, condenavam, derramado pelo mundo, numa sangueira dolorosa, como Marta, a emigrante, denuncia. Ao cabo e ao resto, as tristes águas vão correndo e, enquanto correm, mudam a face social, dissolvendo, lentamente, a própria tristeza que as anima.

Para nos dizer tudo isto (e muito mais: a problemática de uma juventude em crise, por exemplo), Namora recorre a um pretexto ficcional: o desaparecimento de Rodrigo. Em torno deste pólo de atenções se desenvolve uma trama eivada de típicos ingredientes policiescos: a manutenção até fim de todo o enigma em que o caso mergulha; a pesquisa, ardilosa e persistente, de pistas, com o adensar de hipóteses alimentadas pelos jornais tanto como pelas autoridades de investigação; o sucessivo discreto abrir de indícios: a conjugação de possibilidades em si inconvergentes: suicídio, acidente, morte violenta na sequência de confronto físico incidental, fuga-ruptura com o quotidiano irrespirável, clandestinização do labor político militante; assassínio, após cilada, perpetrado pela Pide; finalmente, a não resolução, no decurso da acção, de qualquer das eventualidades que vão sendo sugeridas e geram, afinal, novas dificuldades. A estória deste Rodrigo, empregado comercial com aspirações de índole cultural-artística (tencionava até alterar o nome) serve, pois, de ponto de apoio a uma outra história, bem mais complexa e cheia de implicações, como se viu: a da vida portuguesa sob o fascismo, a da própria condição humana. Por isso se me afigura notável a solução, entre insinuadora e multissémica, das páginas finais.

Com efeito, nada ficamos a saber, apesar dos relatórios policiais, quanto ao destino do ausente. Pelo contrário: somos chamados a figurar cenários pouco explorados. Quando André Bernardes acaba por querer ver um dos **dossiers** da Pide, escolhe o de Rodrigo dos Santos Abrantes. No caso, obviamente, de esse **dossier** existir. Tudo, entretanto, faz crer que sim. Donde: ganha fôlego a ideia, esboçada de modo sumário na economia do romance, de um Rodrigo-activista de esquerda, abatido pela repressão fascista ou, quem o virá negar? ainda vivo, reaparecendo, um qualquer dia sem data, dos túneis onde andara a escavar o Abril resgatador. Ou seja: frustra-se o esquematismo da leitura, ilude-se quem esperava uma chave para o problema em aberto, recusa-se um desfecho (talvez probabilizado) na lógica da arquitectura do policial. Chegados ao fim sentimo-nos apelados a um retorno ao princípio: a um reescrever ou continuar do texto. Indo mais longe: habilmente convocados a participar na elaboração dos eventos narrativos (como já acontecia em **Resposta a Matilde**), coniventes ou não com a sorte das personagens, com as acções e marcas ideológicas, somos, no termo do livro, estimulados a prosseguir sozinhos no desvendamento do **puzzle** enleador tanto como no levantar, equacionar e solver das situações sociopsicológicas típicas do nosso **habitat** de precaridades e esperanças.

O autor, quase desde o início, coloca uma questão que lhe é frequente, sobretudo em trabalhos dos volumes de esparsos da série **Cadernos de Um Escritor** e nos **Encontros:** a do ofício de viver, para me creditar aqui de um título de Pavese. As fulgurações, os dissabores, o frenesim, o inebriamento e a tortura são uma vez mais cores fortes numa paleta antiga. Mas, desta feita, Namora dá-nos conta dos limites de tensão autodilaceradora que podem povoar as coordenadas da escrita. Não se trata apenas da busca do rigor temático-formal, do extrair à realidade o húmus fertilizante de um engenhar literário, das árduas pugnas travadas com o corpo das palavras (presentes ou relapsas). Agora, numa moldura de dúvida e angústia, vai-se ao ponto de questionar o que, no labor regular de um autor, é sutraído à vida banal do homem comum. Assim: «um escritor, em muitos aspectos, parasita-se e parasita a vida dos outros. Vive de empréstimo. E põe nas palavras o que deveria por na vida.» Nos instantes de desânimo, apetece optar pela renúncia, pelo desprogramado partilhar dos hábitos, futilidades e grandezas do quotidiano de todos. Só que não há remédio para o voluntário cárcere de sonhos frustrados e cumpridos em que se compromete, assume, faz. Por isso, «não escrever é esse sucessivo, erosivo, mortal adiamento». Nunca como em **O Rio Triste** Namora se nos revela tão acre a propósito dos tributos pagos pelo labor que é o seu, nunca tão próximo do repúdio, da abdicação. Mas, do mesmo modo, em nenhum outro momento tão claro ficou que uma tal abdicação seria a morte. Para um escritor não existe o caminho do abandono. Pelo menos para um certo tipo de escritor: aquele para quem escrever é viver, conviver, lutar, sofrer, amar.

Ao enredar-nos nesta teia, através dos mecanismos que acima se enunciaram, não pretenderá o Autor fazer-nos sentir que uma obra, sendo um investimento de sangue e raiva, não deve ter-se, por muito que dela nos afastemos pelas mais díspares razões, como algo que nos é alheio, mas, bem opostamente, como uma das faces do poliédrico espelho do solitário e solidário ser de cada um? Como quem diz: um cadinho dos nossos gostos e desgostos, da simpatia ou da repulsa que nos suscita? Isto, claro está, sem deixar de se colocar no bloco operatório para o exercício de todas as técnicas e deambulações do bisturi crítico-textual.

Romance de amor e morte, da solidão, do desencanto, do aflorar de residuais euforias, do passado, do presente e do futuro (sempre misturados, confundidos, no tempo narrativo), dos dias negros, do Abril transfigurador, da melancolia, da esperança, de todos nós, frágeis ou determinados, e do mais que nele, por múltiplos sectores, vamos descobrindo, **O Rio Triste** é, antes e para além de tudo, um desafio irrecusável. O mais belo, polimórfico, profundo empreendimento ficcional de Fernando Namora? É bem de crer que sim. Não esquecendo, cautelarmente, outras notáveis criações do Autor de **Retalhos da Vida de Um Médico,** todas elas respondendo, como a que analisámos, aos reptos mais prementes da condição do homem português e da sua circunstância no fluir dos anos.

Temendo decisões precipitadas no CN de amanhã

Eurico de Melo propõe novo Primeiro-Ministro escolhido em Congresso

A demissão de Pinto Balsemão do lugar de Primeiro-Ministro e a escolha de novo na reunião de amanhã, do Conselho Nacional do PSD seria uma decisão precipitadíssima com consequências graves – esta a posição do «crítico» Eurico de Melo, expressa numa entrevista polémica concedida ao «DL» e que será publicada na nossa edição de amanhã.

Eurico de Melo, ministro de Sá Carneiro e que tem sido apontado como um dos «duros» do PSD, falou ao «DL» serenamente, sobre a actualidade política nacional, explicitando, com pormenor, a sua proposta anunciada já em Agosto do ano passado e que agora apresenta, com força renovada com base nos resultados eleitorais: Balsemão deve ser substituído no Governo e na presidência do partido. Simultaneamente? Eurico de Melo diz que não necessariamente, mas que ambas devem resultar de uma decisão tomada em Congresso e não antes dele. Por isso mesmo: «O Congresso deve ser convocado com muita urgência, e realizar-se, no máximo, até fins de Janeiro».

Apesar deste desejo, é uma incógnita se Eurico de Melo irá ao congresso apresentar os seus pontos de vista. Se não encontrar receptividade para a sua proposta de direcção colegial antes do Congresso, não vai lá. «Se Pinto Balsemão continuar com a ideia de ser presidente do partido, fico em casa muito tranquilamente». E atira com esta:... «um líder de um partido político não se faz publicando muitas fotografias nos jornais, nem aparecendo muitas vezes na televisão. E a prova está dada».

Eurico de Melo fala, como João Jardim, na necessidade de desfazer o eixo Lisboa-Cascais diz claramente que não há líder no PSD, que antes existe uma «oligarquia à volt do presidente» e que qualquer solução, em termos do partido ou de Governo, tomada antes do Congresso é «cupulista» e por isso terá consequências graves.

Para presidente da tal direcção colegial que propõe, Eurico de Melo afirma que aceitaria ser «o último dos vogais». Com esta particularidade: «... e não me importaria nada que o dr. Pinto Balsemão fosse o primeiro vogal dessa solução colegial».

Quanto à AD: «Tem-se transformado mais numa coligação de Governo, de partidos, de interesses partidários, do que num projecto político de alteração da sociedade». Na opinião de Eurico de Melo não foram tomadas medidas de fundo e o que se vê é «descrédito, apatia política... frustração».

O antigo ministro da Administração Interna afirma também que não aceitaria ser o presidente da direcção colegial que propõe. Mas nem ele, nem Pinto Balsemão. Qualquer dos dois, sublinha, «radicalizaria o processo». «O melhor seria um António José qualquer de que nunca ouvi falar, mas que tivesse qualidades»...

Com o olhar sobre os resultados eleitorais, Eurico de Melo justifica as perdas, no campo da AD, com as marginalizações de que são alvo as zonas Centro e Norte. E, a propósito, desabafa: «Sabe que o ministro do PSD que mora mais a Norte de Lisboa é Ângelo Correia, que vive próximo do Aeroporto da Portela?...».

Enquanto se espera pelo Conselho Nacional do PSD

Dirigentes esclarecem distritais sobre substituição de Balsemão

Enquanto alguns dirigentes sociais-democratas estão em contacto com as distritais, com o objectivo de as convencer à substituição de Pinto Balsemão, na reunião de amanhã do Conselho Nacional, registam-se opiniões contrárias à demissão do Primeiro-Ministro.

Responsáveis como Alberto João Jardim ou Mota Amaral são favoráveis à continuação de Pinto Balsemão à frente do Governo, pelo menos, até ao próximo Congresso do partido.

Está nas mãos de Balsemão, por isso, a decisão final. Esta noite, na reunião da Comissão Política Nacional, tudo ficará alinhavado para o Conselho Nacional. Mota Amaral e João Salgueiro, que acompanharam Balsemão aos Estados Unidos, poderão ter delienado uma estratégia conjunta. Também o encontro entre Balsemão e Mota Pinto, anunciado por «O Jornal», será decisivo para o desenrolar da crise. Mota Pinto aceita ser o «sucessor» desde que indicado por Balsemão e nunca contra Pinto Balsemão.

Caso seja decidido adiar a solução para o Congresso, o Conselho ficará pela «análise dos resultados eleitorais» e pela manifestação de confiança nos valores sociais-democratas e na vitória do PSD que continua a gerir o maior número de Câmaras.

Prolongar AD: suicídio do PSD

O vice-presidente do PSD, dos Açores, Pacheco de Almeida considerou hoje que prolongar a AD será o suicídio do PSD.

Em declarações citadas pelo jornal «Açoriano Oriental» de Ponta Delgada o dirigente social-democrata açoriano acrescentou que a manutenção da Aliança Democrática só beneficia o CDS e PS, desgastando cada vez mais o PSD.

Admitiu que uma longa intervenção de Mota Amaral na reunião da Comissão Política do partido que se prolongou pela madrugada de terça-feira evitou a demissão de Pinto Balsemão.

Pacheco de Almeida declarou também que a melhor solução para a actual situação política portuguesa seria a noemação de um Governo de gestão e a convocação de eleições gerais antecipadas.

Disse, ainda, que Mota Amaral poderá vir a chefiar um Governo resultante de um coligação PSD/PS, mas nunca um executivo que envolva o CDS.

Eanes observa a crise...

Entretanto, em Belém e na Rua da Emenda acompanha-se com alguma preocupação o desenrolar da crise. Ninguém está interessado em eleições antecipadas: nem Ramalho Eanes nem o Partido Socialista. Pretende-se que o PSD se continue a desgastar, quer Eanes, quer o PS quer o próprio CDS.

Continuará o silêncio por parte do Presidente da República e dos seus conselheiros. Mesmo o discurso da Passagem do Ano, segundo fontes bem informados, será «formal e de circunstância».

Vítor Crespo demitiu-se

O presidente do Grupo Parlamentar do PSD confirmou ontem a sua demissão, tal como anunciámos em primeira mão. Um violento discurso de Amândio de Azevedo, retirando-lhe a confiança, levou de imediato ao pedido de demissão de Vítor Crespo. O problema da eleição dos representantes sociais-democratas nas comissões internacionais provocou mais um motivo de crise no PSD. Recorde-se que Vítor Crespo foi eleito, surpreendentemente, apresentando-se sozinho ao cargo de presidente. A lista de Fernando Condesso foi derrotada, tendo-se depois chegado a um acordo. Mais uma «acha» na degradação do PSD, um partido, onde as questões pessoas há muito que ultrapassaram os argumentos, as ideias.

Conselho Nacional:

um "show" deprimente

João Jardim admite sair do PSD

Alberto João Jardim admitiu, ontem à ANOP, a hipótese de abandonar o PSD. «Não vale a pena lutar por pessoas que não só não merecem esse empenhamento, como ainda são as primeiras a hostilizar o Governo social-democrata da Madeira».

João Jardim, presidente do Governo Regional da Madeira, manifestou intenção de não participar no próximo Conselho Nacional do PSD, que este fim-de-semana se realiza em Lisboa.

O presidente do Governo Regional adiantou ainda que considera este Conselho Nacional «além de um show» a preparação de um espectáculo deprimente, que serve unicamente ambições pessoais de poder e levará o Conselho Nacional a assumir posições para as quais não tem legitimidade».

«Só o Congresso possui tal legitimidade» – disse.

João Jardim acrescentou, que, «não justificando os resultados das autárquicas qualquer alteração, o PSD ao promover a separação da liderança no Executivo e no Partido, pretende chamar a si quaisquer aspectos negativos do resultado eleitoral, ilibando o CDS». «Dir-se-ia uma estratégia promovida por simpatizantes do CDS dentro do PSD» – sublinhou.

Jardim, que propõe «um alerta a todos os sociais-democratas portugueses para as traições que o Conselho Nacional pretende encapotar», considera que «a ideia de criar o lugar de presidente do Partido separadamente da do lugar de Primeiro-Ministro, é mais uma manobra para destruir o PSD», e «não constitui uma remodelação governamental mas sim uma estratégia sinistra, igual à que o CDS montou em 1978 para destruir a coligação com o PS».

Consequências da vitória

O Governo Regional da Madeira congratulou-se ontem com os resultados das eleições autárquicas na região, considerando-os «um apoio e confiança na política social-democrata desenvolvida pelo Executivo».

O Governo reunido sob a presidência de Alberto João Jardim, observa que «face ao empenhamento que pôs nas eleições e aos resultados vitoriosos alcançados, não pode deixar de retirar conclusões em função das relações futuras no plano autárquico e partidário».

O gabinete de Jardim salienta «a plena ordem democrática em que decorreu o acto eleitoral, numa plena demonstração da maturidade do povo madeirense, ainda não compreendida por certos partidos políticos colonialistas».

Passa a deputada independente

Natália Correia abandona o PSD

Natália Correia passará a independente, mantendo-se, com esse estatuto, como deputada, na Assembleia da República. «Questões culturais» terão estado, mais uma vez, na origem do conflito entre a escritora e o partido. Natália Correia era até agora a vice-presidente da comissão da cultura.

A confirmar-se a sua saída, o PSD perde um dos poucos valores intelectuais do grupo parlamentar. Diga-se, porém, que desde há muito, Natália Correia tinha entrado em ruptura com o PSD. O «Caso do PRP», a legalização do aborto, foram as duas últimas votações em que a escritora esteve frontalmente em desacordo com a direcção dos sociais-democratas.

Dois processos disciplinares lhe foram instaurados, tendo Natália Correia tido deles conhecimento pela Televisão.

E os processos?

Entretando, também o deputado Jaime Ramos, segundo noticiava «O Jornal» reeleito presidente da Câmara de Miranda do Corvo – enviou uma carta ao presidente do PSD, Pinto Balsemão, na qual pede a conclusão «rápida» do processo que lhe foi instaurado. Esse processo teve origem na visita do Presidente da República ao concelho de que è responsável. Também este deputado teve conhecimento do processo através da Comunicação Social.

Mais deputados aguardam a conclusão dos processos disciplinares. Helena Roseta é um desses casos. Uma das condições de candidatura de Helena Roseta a Cascais foi a retirada do processo disciplinar que lhe foi instaurado pela sua posição no Projecto-Lei de Amnistia aos «Presos do PRP». Helena Roseta viria, como deputada, a renunciar no final de todo este «Caso PRP». Todos os deputados que se recusaram a aceitar a disciplina partidária foram alvo de processos. Mesmo aqueles que, como Amândio de Azevedo, se limitaram a abandonar o hemiciclo no momento da votação. O ministro da Justiça, Meneres Pimentel (PSD), viria a ceder, mais tarde, face às pressões e intervenção pública do Presidente da República.

SIEMENS

Máquina de lavar louça Siemens · a oferta ideal para a quadra de Natal

Enquanto altos comandos do Exército reuniam em Coimbra

Freitas do Amaral comemorou no Restelo entrada em vigor da nova Lei da Defesa

Poucas horas depois da cerimónia que marcou a entrada em vigor da Lei da Defesa Nacional ter terminado no Restelo, o gabinete do vice-primeiro-ministro e ministro da Defesa divulgava um comunicado esclarecendo que, no prazo de cinco dias, decidirá propor ao Presidente da República a recondução ou exoneração dos actuais chefes de Estado-Maior das Forças Armadas. Esta decisão, informou aquele gabinete, será tomada na próxima terça-feira, dia 21, em reunião do Conselho de Ministros. Antes disso, na próxima segunda-feira, o Primeiro-Ministro Pinto Balsemão e o ministro da Defesa, Freitas do Amaral, receberão em audiências separadas cada um dos chefes de Estado-Maior.

Com Eanes em fundo: Freitas do Amaral e Melo Egídio ontem, no Restelo

Três CEM's ameaçados de substituição: Garcia dos Santos, Exército, Sousa Leitão, Marinha, Lemos Ferreira, Força Aérea

Ontem, no Estado-Maior-General das Forças Armadas, realizou-se uma cerimónia assinalando a entrada em vigor da nova Lei da Defesa a que esteve presente o ministro da Defesa, Freitas do Amaral, os chefes dos três ramos das Forças Armadas e o director do Instituto de Defesa Nacional.

Falando no decorrer dessa cerimónia, Melo Egídio afirmou que passam a ser cometidas ao Governo, através do ministro da Defesa, «alargadas competências no âmbito das Forças Armadas». O CEMGFA salientou que «foram cumpridos os compromissos assumidos em 25 de Abril e depois em 25 de Novembro» ao mesmo tempo que sublinhava que nesta última data «as Forças Armadasintervieram decisivamente, no sentido de assegurar a democracia e garantir a liberdade dos portugueses, criando condições para que a soberania viesse a ser plenamente exercida pelos órgãos democraticamente eleitos». Disse ainda que as Forças Armadas «são um corpo consciente, disciplinado, coeso e apartidário, e detendor de um alto sentido do cumprimento do dever».

Freitas do Amaral elogiou as Forças Armadas afirmando que elas «acabam de cumprir uma das suas promessas mais nobres e mais dignas de há oito anos: devolver o poder, na íntegra, àqueles que o povo livremente designasse». Sublinhou que tal transferência decorrerá «da melhor forma, pacificamente e sem traumatismos» graças à atitude de reiterada aceitação e concordancia, que, desde ha anos, sistematicamente, foi adoptada pelo comandante supremo das Forças Armadas e pelos CEMES's».

Para um ministro, que ainda há bem pouco tempo, no final de uma viagem ao estrangeiro, declarava pura e simplesmente que o general Ramalho Eanes – comandante supremo das Forças Armadas – era «um desestabilizador», estas palavras de Freitas do Amaral são no mínimo surpreendentes.

Freitas do Amaral revelou depois algumas intenções do Governo relativamente às Forças Armadas, entre elas a decisão, da exoneração ou recondução das actuais chefias militares, a criação de condições para o funcionamento dos Conselhos Superiores de Defesa e Militar, a delegação nos CEME's da competência administrativa para autorização de despesas e «a definição da nova missão dos serviços de informações militares».

O «leader» do CDS e ministro da Defesa, adiantou também que a Direcção Nacional do Armamento e a autoridade nacional de segurança transitarão para a dependência directa do ministro da Defesa.

O Governo, e mais concretamente o CDS, ficam assim de posse dos mecanismos técnicos não só para o controlo total das Forças Armadas como para o próprio controlo dos cidadãos através de serviços de informações que uma vez desinseridos da sua estrutura actual no âmbito das FA's podem tornar-se em instrumentos semelhantes a alguns bem conhecidos em países latino-americanos.

Comandos do Exército reunidos em Coimbra

Enquanto no Restelo, Freitas do Amaral presidia à cerimónia comemorativa da entrada em vigor da sua Lei da Defesa, em Coimbra reuniam-se também ontem todos os comandos do continente, Açores e Madeira e directores de departamentos, sob a presidência do Chefe do Estado-Maior do Exército, general Garcia dos Santos.

Este não atribuiu qualquer significado pelo facto desta reunião coincidir com o primeiro dia da entrada em vigor da nova Lei da Defesa Nacional, afirmando que «encontros deste género acontecem periodicamente, estando este já programado há cerca de três meses».

Estiveram presentes, entre outros, o vice-chefe do Estado-Maior do Exército, general Lopes Alves, comandante da Academia Militar, general Sanches da Gama, comandantes das Regiões Militares do continente e zonas militares da Madeira e Açores, inspector-geral do Exército, general Ramires de Oliveira, ajudante-general do Exército, genral Firmino Miguel e quartel-mestre-general, Salazar Braga.

De todas estas coincidências de datas não será legítimo extrair grandes conclusões. Mas há uma que se pode desde já tirar com toda a margem de segurança: é que a cerimónia da lei do prof. Freitas do Amaral não deve ter tido muito brilho porque os altos comandados parece que estavam todos em Coimbra.

É uma questão de dólares?

Balsemão prometeu a Reagan facilidades para outra base militar

«O papel de Portugal na NATO e em África foram valorizados pelos norte-americanos» – anunciou, visivelmente satisfeito o Primeiro-Ministro, no regresso, ao princípio da manhã, a Lisboa, após três dias de contactos em Washington com Ronald Reagan e alguns dos seus principais colaboradores, como Weinberger e Carlucci, ex-director da CIA.

No entanto, relativamente à promessa de 90 milhões de dólares para a assistência militar a Portugal (incluído no acordo das Lajes) Balsemão trouxe apenas a promessa do actual presidente dos Estados Unidos, já que um obstáculo importante ainda a vencer será o Congresso, onde o responsável da Casa Branca, tem, ultimamente, sofrido consideráveis reveses.

Nas suas declarações na Portela aos jornalistas, Balsemão falou de «novo espírito» e de «passos significativos» nas relações Lisboa-Washington, o que poderá traduzir o acordo do Governo AD no tocante a facilidades acrescidas em bases militares (fala-se de Beja e Lajes) para as forças armadas norte-americanas, designadamente para a controversa (e muito contestado pelo Terceiro Mundo) «força rápida de intervenção».

O Primeiro-Ministro indicou que este assunto foi considerado «matéria separada da renegociação da base das Lajes» e que «pode avançar noutras conversações e eventuais negociações, paralelamente, mas não em conjunto com o processo da referida base».

«Ideias novas»

Para Pinto Balsemão é visível a «importância crescente de Portugal na cena internacional» e como argumento para esse interesse dos EUA citou a «credibilidade que resulta da estabilidade interna e da coerência da nossa política externa...»

Acrescentou ter manifestado a Reagan e a empresários norte-americanos as suas posições e preocupações sobre «assuntos de interesse» para o mundo livre e anunciou a concretização de «algumas ideias novas» – como a criação de uma fundação luso-americana para o desenvolvimento, com contribuição maioritária americana, visando o investimento dos EUA em Portugal.

Falou também de cooperação no campo da agricultura do interesse da Ford em Sines, e da «concordância generalizada de opiniões» de ambos os países em assuntos internacionais, para saldar a sua visita como «mais um passo importante» a acrescentar às suas deslocações a África e ao Canadá.

Quanto à hipótese de envio de um contigente militar português para a força multinacional de paz no **Líbano**, Balsemão disse ter pedido informações às autoridades americanas «pelo seu maior conhecimento» sobre o assunto.

Entretanto, e sobre o mesmo problema, o responsável português indicara, na véspera em conferência de Imprensa em Washington, existirem «difíceis problemas de financiamento», estando prevista resposta para breve ao presidente libanês.

Sobre a **Namíbia**, disse Balsemão aos jornalistas dos EUA que debateu o problema com Reagan a quem deu «informações úteis». Terá ainda «reafirmado» que a decisão de uma retirada das forças cubanas de Angola apenas compete ao governo do país, sendo necessário «respeitar, o direito de um Estado soberano».

Quanto a **Timor** (tema levantado na Portela pela Imprensa) Balsemão disse ter manifestado a «indicutível importância» que assume a posição da Casa Branca, dadas as «relações positivas» que mantém com a Indonésia, no apoio às diligências a efectuar pelo secretário-geral da ONU.

O Primeiro-Ministro abordou ainda outros pontos no encontrocom jornalistas americanos:

Relações com a **CEE**: Portugal espera firmemente que as negociações de adesão à CEE se encontrem concluídas até ao fim do ano, apesar das dificuldades que a comunidade está a atravessar, nomeadamente a nível agrícola.

«Ficaríamos felizes – acrescentou – se a entrada da Espanha no Mercado Comum coincidisse com a de Portugal, mas não podemos ser penalizados por causa da evolução das negociações entre a Espanha e os países membros da CEE».

Situação interna portuguesa: as eleições municipais de domingo passado não passaram de «eleições locais», que não deveriam ter consequências importantes para o actual Governo. Balsemão lamentou finalmente as dificuldades surgidas na aprovação da nova Constituição portuguesa, acusando o Partido Comunista de seu principal adversário.

comunicação social

ANOP: despedimento colectivo

Propósito político de Alfaia?

— *requerimento de Natália Correia*

Enquanto os organismos de trabalhadores da Agência Noticiosa Portuguesa (Comissão de Trabalhadores, Comissão Intersindical de Delegados e Conselho da Redacção) foram informadas pelo Conselho de Gerência respectivo de que o despedimento colectivo será concretizado no final deste mês se não forem levantadas objecções pela Secretaria de Estado do Emprego, Natália Correia (PSD) entregou ao Presidente da Assembleia da República um requerimento para que o secretário de Estado José Alfaia responda a três perguntas sobre o caso ANOP, designadamente quanto às relações com África.

Aquela deputada pretende saber qual o fundamento das afirmações feitas num comunicado do núcleo do PSD na ANOP, segundo as quais o secretário de Estado José Alfaia teria tentado assinar um contrato entre o Governo de Cabo Verde e a agência Notícias de Portugal (NP).

A ser verdade semelhante alegação, a atitude atribuída ao secretário de Estado – observou Natália Correia – daria razão «a vozes que relacionam a decisão governamental da extinção da ANOP com interesses obscuros de grupos financeiros portugueses e estrangeiros apostados na penetração política e económica em África».

Natália Correia pretende ainda ser informada da veracidade de uma declaração do presidente do Governo Regional da Madeira, Alberto João Jardim.

De acordo com tal declaração, João Jardim sempre denunciou que «um dos objectivos da extinção da ANOP é boicotar a divulgação de informação proveniente dos países africanos de língua portuguesa, junto das comunidades internacionais onde grandes interesses de grandes potências pensam boicotar estes países nossos amigos».

A deputada, interrogando-se sobre o alegado empenhamento do secretário de Estado José Alfaia, junto do governo de Cabo Verde, com vista à assinatura do contrato com a NP, termina o requerimento com uma interrogação:

«Como se explica esse comprometimento do Governo na defesa dos interesses de uma empresa que está fora do sector público?»

Voltando ao iminente despedimento colectivo, os organismos representativos dos trabalhadores da ANOP responsabilizam o Conselho de Gerência e o Governo pela situação criada na empresa. Aliás, acentuam, se a ANOP não paralisar por falta de verba «vai ser certamente obrigada a silenciar-se com a manutenção da decisão dos seus gestores de despedir mais de metade dos seus trabalhadores».

Os referidos organismos alertam os órgãos de soberania, a Comunicação Social, os sindicatos e a opinião pública para o significado desta «medida de gestão», a qual na prática se traduzirá no cumprimento do projecto de silenciamento da ANOP defendido pelo secretário de Estado José Alfaia, «apesar de tal projecto não estar legitimado pelos órgãos de soberania competentes».

Proença diz que sai da RTP

Embora da parte da RTP ninguém quisesse comentar a saída de Proença de Carvalho da empresa, hoje noticiada com relevo no semanário «O Jornal», tudo parece indicar, no entanto, que o presidente do Conselho de Gerência da Radiotelevisão Portuguesa pretende abandonar, a seu pedido, as funções que ali vinha exercendo desde Agosto de 1980.

Segundo o semanário de José Carlos Vasconcelos, Proença de Carvalho «considera que estão atingidos os objectivos que pretendeu realizar na RTP, não correspondendo a sua saída (...) a qualquer ruptura com o Governo».

Tal justificação teria sido apresentada pelo próprio Proença de Carvalho ao mencionado semanário.

Quanto a uma eventual integração num Governo remodelado, tal hipótese não teria (e ainda transcrevendo de «O Jornal»), por enquanto, «qualquer base segura».

Um possível sucessor de Proença de Carvalho seria o engenheiro Álvaro Barreto, antigo ministro da Indústria e Tecnologia.

Ainda dentro da RTP, e já há algum tempo, vem sendo dada como certa a saída de Maria Elisa do cargo de directora de Programas.

«DP»: outra direcção?

«Essa notícia não tem o mínimo fundamento» – disse-nos esta manhã um porta-voz do vespertino «Diário Popular», quando interrogado sobre a veracidade de uma local de «A Capital» (edição de ontem) que noticiava contactos para substituir Pacheco de Andrade, director do «DP».

Segundo «A Capital», a administração da empresa do «Diário Popular» não teria confirmada a eventual demissão de Pacheco de Andrade.

O próprio presidente do Conselho de Gerência, eng. Parro Nogueira, teria manifestado a sua admiração pela notícia, comentando (segundo «A Capital») «ser muito estranho que alguém esteja a tratar disso sem me ter dito nada».

Esta manhã, como já referimos, foi-nos dito que a referida notícia não tinha fundamento, tendo ainda o porta-voz adiantado que o Conselho de Gerência certamente repetiria o que já ontem dissera ao vespertino «A Cpital».

Outra fonte, no entanto, externa ao «DP», dir-nos-ia que «o tempo acabaria por esclarecer o assunto.»

O mais longo cabo digital co-axial

A sociedade americana «Telephone and Telegraph Co» acaba de pôr ao serviço o mais longo cabo digital co-axial de alta capacidade do mundo.

Este cabo, com perto de 3700 km, liga Sacramento (Califórnia) a Plano (Illinois).

É capaz de transportar 140 milhões de «bits» de informação por segundo. A sua velocidade é tal que pode transmitir num décimo de segundo a totalidade do conteúdo de um jornal americano típico, de 76 anos.

Será utilizado para as transmissões de televisão e dados informáticos, bem como as comunicações telefónicas.

Realizado com equipamentos especiais, este cabo co-axial custou 28 milhões de dólares (cerca de 2,5 milhões de contos).

ANGOP: linha de «telex»

Uma linha de «telex» permanente, ponto a ponto, começou a funcionar entre Luanda e Moscovo para intercâmbio de notícias entre as agências ANGOP e TASS.

Idêntica linha de «telex», permanentemente aberta, nos dois sentidos, derá em breve unir Luanda a Lisboa, para concretização do acordo de cooperação entre a ANGOP e a ANOP.

ensino

Está encerrada a Escola Secundária do Monte de Caparica

A Escola Secundária do Monte de Caparica está encerrada desde a passada segunda-feira, por se desconhecer o paradeiro do presidente da respectiva comissão instaladora nomeado pelo Ministério da Educação e se considerar irregular a situação financeira do estabelecimento.

A decisão foi proposta pelo conselho pedagógico em reunião geral de professores na passada segunda-feira de manhã, e aprovada com apenas um voto contra.

Duma diligência feita no Ministério da Educação nessa mesma segunda-feira à tarde resultou terem os professores sido aconselhados a elegerem um conselho directivo, já que se considera que a escola está instalada. Na passada quarta-feira foi eleito um conselho directivo que será empossado depois de cumpridos os trâmites legais. Todavia, os membros potenciais do CD entendem que a escola só reabrirá quando for totalmente esclarecida a situação financeira e tiverem condições para efectivamente assumirem a gestão da escola, o que, em princípio, só deverá acontecer depois de divulgadas as conclusões da inspecção a que o Ministério da Educação se comprometeu a realizar o mais rapidamente possível.

O comportamento do presidente da comissão instaladora vem desde há algum tempo sendo criticado. A Escola Secundária do Monte de Caparica foi inaugurada neste ano lectivo, e, por determinação do presidente da CI, abriu na manhã do dia 11 de Outubro. Como não estavam no entanto criadas as condições para a efectiva abertura das aulas (faltava mobiliário e a instalação eléctrica era insuficiente), a escola fechou na tarde desse mesmo dia e as actividades escolares só principiaram, de facto, no dia 2 de Novembro, tendo funcionado até sexta-feira, 10 do corrente.

Outro aspecto que mereceu críticas ao presidente da comissão instaladora – cuja confirmação nessas funções também não está totalmente esclarecida – foi o facto de impor na escola o modelo de gestão autocrática enviado para as escolas pelo Ministério de Vítor Crespo e largamente contestado pelos docentes, por «ressuscitar» na prática o reitor senhor-todo-poderoso – dos velhos tempos.

O exercício da autocracia foi ao ponto de os outros dois membros da comissão instaladora não estarem sequer a par de certos «movimentos» do presidente e só deles terem tido conhecimento quando apareceram no estabelecimento de ensino os fornecedores da papelaria e do bar da escola a pedir o pagamento de material que haviam fornecido.

Na segunda-feira, dia 6 de Dezembro, o presidente da CI deixou de comparecer na escola, com algumas justificações mas, posteriormente, deixou de ser possível localizá-lo por não se encontrar em casa.

Amanhã, sábado, realiza-se às 10 e 30, na Escola Secundária do Monte de Caparica, uma reunião dos professores eleitos para o conselho directivo e pais e encarregados de educação para esclarecimento da actual situação.

Escolas sem água e sem luz

Carências de vária ordem afectam o ensino na Região Centro. O respectivo Sindicato de professores divulga em comunicado essas carências: os trabalhadores da recém-criada escola preparatória da Guia não são pagos a tempo; escolas funcionam sem água e sem luz; educadoras de infância têm de pagar do seu bolso o material para as suas classes; anomalias na rede de transportes, nomeadamente na freguesia de Pardilhó, concelho de Estarreja. Considera a comissão directiva provisória do SPRC que em 1983, os problemas vão agravar-se «de forma substancial» devido à diminuta fatia do OGE para a Educação.

A BARCA SEM OS CORVOS

Burocracia

O cidadão barafusta, sente-se logrado por ir de «guichet» para «guichet», de repartição para repartição, de formalidade para formalidade.

Resmunga entre dentes: «É a burocracia!»

E é.

É, pelo menos, um dos aspectos menos favoráveis da burocracia – mas há outros aspectos. Importa ter presente que o significado levemente ou fortemente pejorativo que é normalmente associado a esta expressão, esconde o facto de que designa também a imprescindível estrutura de suporte da função administrativa, sem a qual a sociedade moderna não subsiste.

Acontece é que o que era fundamentalmente uma forma de «serviço», está a tornar-se uma forma velada de «governo», e isso já não é tão saudável; já não é governo pelo homem com a moca, nem pelo homem com a espada, nem pelo homem no trono, nem pelos homens à roda de uma mesa, mas sim pelo homem atrás de uma secretária.

A democracia pode ter levado ao poder os homens escolhidos pelo povo – mas eles exercem-no através da burocracia; e esta não é democrática: é hierárquica e coerciva, e escapa ao contraste da vontade popular sem o qual não há democracia. Sob a sua aparente neutralidade, acoberta-se um poder próprio, que lhe é conferido pela simples natureza do seu funcionamento e não porque lhe tenha sido outorgado: cumprindo apenas instruções, tem o poder importantíssimo de decidir o que cai, ou não cai, sob a alçada das instruções recebidas. Não as questiona, é certo, mas na sua aplicação surge um poder que, nem por ser apenas implícito é menos forte – e que tende a crescer...

É um poder com rosto humano já esbatido, porque a sua fonte brota da própria máquina, brota do acto mesmo de funcionar – é pois um poder cinzento, pardo.

Parece até que é essa a origem do nome: em latim «burrus» significa «sombrio», «pardo» (não significa «burro». Esse, que zurra, é «asinus»...). De «burrus» terá vindo a palavra «burel» para o português, e «bure» para o francês. Com a «bure» se forrava a tosca mesa dos funcionários públicos medievais, e daí terá vindo o termo «bureau» (secretária, escrevaninha – e mais tarde, por extensão, escritório).

O termo «bureaucratie» (horrível mistura de francês e grego...) parece que foi forjado por um ministro do Comércio francês, no séc. XVIII, Vincent de Gournay, e com intenção já pejorativa: injuriar os serviços públicos pela sua ineficiência e arrogância. Como se vê, começou bem a sua carreira, esta palavra!

No séc. XIX os alemães deram-lhe para pior: arranjaram o espantoso termo «Bürokratie» (e é difícil encontrar palavra mais hibridada...)

Nós cá, é claro! tínhamos que cair na «Burocracia».

E agora, macaqueando os grandes mestres da formação de neologismos horrorosos que são os franceses, aproximamos-nos de uma coisa chamada «Burótica» (!)

Não é já o governo pelo homem atrás da secretária que nos vai ser imposto – é o governo pelo homem de bata branca atrás do processador central, – e será o fim.

Terá então de voltar-se à mesa de pinho tosco, coberta de burel, e recomeçar.

J.P. Martins Barata

CLIO: uma revista de História

Está em distribuição o 3.º Volume de «Clio», a revista do Centro de História da Universidade de Lisboa, publicada sob a direcção de Francisco Salles Loureiro, João Medina e Victor Gonçalves, docentes do Departamento de História da Faculdade de Letras de Lisboa e directores de «linhas de investigação» no Centro de História. No sumário do presente volume encontramos «Estudos e Intervenções», «Relatórios de Actividade», «Vária», «Livros Novos, Leituras Novas», «Noticiário», os «estudos e Intervenções» publicados neste volume, são os seguintes: «Vale do Boto: escavações de 1981 no complexo árabe/medieval» por Helena Catarino, Ana Margarida Arruda e Victor Gonçalves; «Os testamentos régios (séculos XII a XV), aspectos vários» por Fernanda Maurício; «O processo de António Fernandes, piloto da Guiné, na Inquisição de Lisboa» por Isaías da Rosa Pereira; «O interesse por Samatra e por Malaca nos primeiros anos do século XVI» por Luís Albuquerque; «Tratado do cerco de Mazagão e do que nele (se) passou» por Manuela Mendonça; «O problema do casamento do Cardeal Reis» por Francisco Salles Loureiro; «A ilha da Madeira setecentista» por Maria de Lourdes Freitas Ferraz. «Zé Povinho durante a República» por João Medina; «Acerca das eleições de 1911» por António Pinto Ravara.

Os «Relatórios de Actividade» dão notícia das campanhas de pesquisa da «Universidade de Arqueologia», do Centro de História, em 1981, relativamente à Anta dos Penedos de S. Miguel (Crato) e em 1980 e 1981 no Cerro do Castelo de Santa Justa (Alcoutim). Na secção «Vária» assinam notas e comunicações: Victor Gonçalves, Ana Margarida Arruda, Aniceto Afonso, Marília Guerreiro, Luís de Albuquerque. As recensões críticas são assinadas por Victor Gonçalves, Helena Catarino, Ana Margarida Arruda, A. A. Marques de Almeida.

Pela excelente apresentação gráfica, pelos variados temas tratados e nível da colaboração, a revista «Clio», ocupa, no nosso país, um lugar de merecido destaque entre as publicações especializadas e eruditas de História.

GRANDE EXPOSIÇÃO-VENDA DO LIVRO SOVIÉTICO
SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES
13 a 19/12/82

edições Avante!

Sessão de apresentação do livro

A FORMAÇÃO DA URSS
EXPRESSÃO DA POLÍTICA NACIONAL LENINISTA

de A. V. Likholat

AMANHÃ, DIA 18 DEZ., 18.30 H.

GRANDE EXPOSIÇÃO-VENDA DO LIVRO SOVIÉTICO
SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES
13 a 19/12/82

MATERIALISMO E EMPIRIOCRITICISMO
de V. I. Lénine

Uma iniciativa de edições Avante!
e Editorial Progresso

COLÓQUIO DE APRESENTAÇÃO
orientado pelo
Prof. Doutor José Barata Moura

AMANHÃ, 17 Dez. 21.30 h

de ontem para hoje

Traficantes de droga na Amadora

A PSP da Amadora apreendeu num apartamento daquela cidade, na Rua Elias Garcia, treze gramas de haxixe, detendo ainda quatro homens e uma mulher integrantes de uma rede de traficantes de droga que actuava na zona. Os detidos são o locatário Dias Gordo, de 33 anos, mecânico de aviões, que alugara o apartamento ao seu cunhado (educador social na Cadeia de Alcoentre), um «travesti» de nome Carlos Simões, o porteiro da boite «Fórmula 1» da Amadora, João Oliveira, de 18 anos, e uma jovem de 23 anos, Maria Lopes, residente em Setúbal. As autoridades descobriram ainda no apartamento seringas, balanças, bastões e duas navalhas, uma das quais com uma legenda na lâmina em que se lê «Força de Fuzileiros do Continente-Alfeite».

Portuguesa violada em Espanha

Dois agentes da Polícia Municipal de S. Sebastian já detidos e processados, violaram nos arredores daquela cidade espanhola, uma jovem cigana portuguesa, casada, e grávida de três meses. De acordo com a ANOP, o presidente da Comissão Municipal de S. Sebastian, o socialista Carlos Garcia Caibano, considerou o incidente como «um delito indigno e condenável», referindo que «homens deste tipo não têm lugar na corporação». Carlos Caibano visitou a ofendida no hospital e apresentou-lhe desculpas em nome da Câmara e da Polícia Municipal.

Comboios especiais para emigrantes

A CP tem na quadra do Natal, uma oferta de 40 mil lugares nos comboios especiais para emigrantes e regulares de França para Portugal, segundo revelou ontem um informador daquela empresa pública. A «operação Natal», iniciada em 16 de Dezembro, de França e com destino ao Porto e a Lisboa, terá o seu afluxo maior com a chegada no próximo domingo de seis comboios especiais e um regular à Estação de Santa Apolónia.

Falsos funcionários da EDP

Intitulando-se funcionários da EDP, incumbidos de vistoriar o contador de gás, três indivíduos ainda jovens conseguiram franquear a porta de uma residência, na Travessa do Convento de Jesus, em Lisboa, e depois de terem dominado a empregada doméstica apoderaram-se de jóias avaliadas em cerca de dois mil contos e de 14 mil escudos em dinheiro. A empregada, que esteve fechada durante quatro horas numa arrecadação, acabou por ser libertada pela própria locatária que se encontrava ausente.

Arrastão apresado em Aveiro

O arrastão de pesca costeira «Beira Litoral» foi apresado pelo patrulheiro «Lagoa», quando pescava, ao largo de Leixões com rede de saco de malhagem ilegal, inferior a 20 milímetros. O «Beira Litoral», registado na Capitania de Aveiro, foi mandado entrar no porto de Leixões para descarregar a rede ilegal e 22 caixas de peixe, que será vendido em hasta pública.

Imagem de Nossa Senhora do Leite

Uma imagem de Nossa Senhora de Cádis, também conhecida por Nossa Senhora do Leite, possivelmente roubada, acaba de ser apreendida num estabelecimento de antiguidades do Porto pelo Núcleo de Investigação de Furto de Obras de Arte da Polícia Judiciária. A imagem, com cerca de 70 centímetros de altura, possui na cabeça uma coroa de 18 centímetros, com nove pedras cravadas, colocadas em sentido ascendente.

Falso alerta em Ponta Delgada

Uma corveta, dois aviões «Fiat» e um helicóptero «Puma» foram accionados para operações de busca a uma embarcação de pesca que pouco depois entraria no porto de Ponta Delgada sem qualquer tipo de problema. A embarcação de boca aberta «S. Gabriel», de S. Miguel, com três homens a bordo, chegou a ser dada como desaparecida ao princípio da tarde de ontem devido ao atraso anormal na sua chegada ao porto.

Setenta toneladas de polvo

Setenta toneladas de polvo de contrabando provenientes de Marrocos foram apreendidas pela Guarda Fiscal na ria de Aveiro. A mercadoria, avaliada em 10 285 contos, estava acondicionada num navio português acostado ao cais bacalhoeiro da Gafanha. A apreensão, segundo a GF, inseriu-se numa campanha de fiscalização de peixe congelado a nível geral.

Reitoria da Universidade assaltada

A Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa foi assaltada por meio de escalamento, na madrugada de ontem, por desconhecidos que se introduziram através de uma janela, antecipadamente arrombada. No assalto desapareceram seis colunas de som, auto-amplificadores, um misturador, um microfone e outros aparelhos, tudo no valor aproximado de 350 contos.

O afundamento do "Bandim"

Com um torpedo certeiro, o submarino «Barracuda» da Armada Portuguesa, colocado à distância de segurança de 3800 metros meteu anteontem, ao fundo, conforme ontem noticiámos, o petroleiro «Bandim» da Sacor Marítima naufragado no último domingo, em circunstâncias ainda não esclarecidas, a cerca de 110 milhas a Oeste do Cabo de S. Vicente. As «fotos» a proa do Bandim a pino, com a corveta «Honório Barreto» na expectativa, e um momento da explosão do petroleiro, após o disparo que lhe deu o golpe de misericórdia.

Fuga aos impostos reprimida no Porto

Operação "Outono-3" apreendeu 1500 contos de mercadorias

O valor das mercadorias apreendidas durante a «operação stop» denominada «Outono-3», desenvolvida ontem em cinco zonas periféricas do Porto Alto da Serra (Valongo), Barrancos, Valadares, Freixo e Retunda da Via Rápida – atingiu 1500 contos, segundo revelou um porta-vóz da Direcção Distrital de Finanças. Na operação, com vista a detectar mercadorias em fuga aos impostos foram interceptados 831 veículos, dos quais 529 ligeiros e 302 pesados.

Os técnicos e peritos da Fiscalização Tributária da Direcção Distrital de Finanças do Porto efectuaram 18 apreensões e 26 infracções ao Código de Evasão Fiscal. Em relação à «Outono-2», o valor desta operação em termos de valores, foi inferior em cerca de 30 por cento – acrescentou a mesma fonte.

De entre a mercadoria apreendida nesta acção de combate à evasão fiscal, salientam-se mobílias de decoração, máquinas diversas, materiais de construção, louça e talheres, entre outros.

Desde o princípio do ano, a Direcção de Finanças do Porto, promoveu operações deste tipo nos concelhos do distrito, com o total de 89 postos de controlo.

Utilizou nesta actividade 337 peritos de fiscalização e técnicos verificadores tributários e inspeccionou 7850 veículos, efectuando 315 apreensões a que corresponderam 466 infracções.

Nestas acções de combate à evasão fiscal é particularmente visada a circulação de mercadorias tidas como «mais vulneráveis à fuga do imposto». Estão neste caso uisques e bebidas alcoólicas de taxas agravadas, confeitaria e pastelaria, electrodomésticos, materiais de construção, mobílias de decoração, alcatifas e cosméticos.

Estuário do rio Minho deve ser declarado parque natural

A Federação de Amigos da Terra pediu ontem a diversos membros do Governo e instituições internacionais que «impeçam a iminente destruição da riqueza ecológica do estuário do rio Minho», proibindo as obras de construção de um complexo turístico na sua margem norte. Em comunicado dirigido ao ministro da Agricultura, ao director-geral dos Serviços Florestais, à Direcção-Geral do Meio-Ambiente e ao presidente da Junta de Galiza, a Federação de Amigos da Terra solicita igualmente a declaração urgente daquele estuário como parque natural.

No documento, a referida organização salienta que no estuário do rio Minho existem 72 espécies de aves ligadas ao meio aquático, das quais 42 estão protegidas devido à sua importância e ao risco de extinção. A construção do complexo turístico, com uma área de cem mil metros quadrados, provocaria, segundo a Federação, a massificação de visitantes na zona frequentada pelas espécies protegidas e sua consequente fuga, assim como o lançamento de resíduos sólidos e líquidos no estuário.

Obras Públicas nos Açores

O conselho Regional de Obras Públicas dos Açores reúne-se hoje, em Ponta Delgada, a fim de estudar as bases de execução do plano para 1983 no que diz respeito ao sector, revelaram ontem fontes oficiais.

O plano regional para 1983, aprovado pelo Parlamento açoriano, consagra 250 mil contos para a habitação, 555 mil contos para estradas, 223.500 contos para equipamento escolar no ensino primário, 584.500 para o ensino secundário e primário e 36.600 para o superior.

Cidade Nova de Santo André: a meta é chegar aos 30 mil habitantes

Na área de Sines:

telefones instalados antes de terem sido pedidos

Dois mil telefones serão instalados, a partir de Março, na Cidade Nova de Santo André, numa situação «inédita» para os CTT, que reside no facto de ter já avançado com um investimento de cerca de 75 mil contos para «estarem em condições de instalar milhares de telefones cujos futuros possuidores ainda nem sequer os pediram».

Considerando que a Cidade Nova representa a «criação de um verdadeira espaço para se viver», o gabinete de Imprensa dos CTT, em nota recentemente divulgada, refere que a zona residencial «conta actualmente com 7 mil habitantes, instalados em duas mil casas novas», estando em construção mais 1700 fogos. Os novos fogos deverão abrigar cinco a seis mil novos habitantes que possuirão, segundo os CTT, a «mais elevada taxa de cobertura telefónica do País, situando-se ao nível médio da Europa da CEE».

Dois mil telefones a partir de Março cuja capacidade se duplicará nos próximos dois anos, conforme a meta apontada pelos CTT e que responderão às suas preocupações maiores na zona de Sines ou seja, «garantir um bom escoamento das comunicações interurbanas e internacionais».

Pesquisa sociológica urbana

Inquérito ao viaduto da "Guerra Peninsular"

Em legenda de gravura do nosso artigo **A excentricidade das estátuas (conclusão),** de 11 Dez., pag. 8, deixamos razoavelmente realçado que gostaríamos de averiguar por inquérito o que pensam as pessoas do projectado viaduto. Veremos, mas não hoje, quais pessoas e se haverá vantagem em classificá-las por conjuntos. Viaduto que, removendo-se do local em que se encontra (abandonado!) o Monumento da Epopeia da Guerra Peninsular, permitiria traçar uma «via rápida» recta (ou um pequenino troço de tal percurso rodoviário) lançada horizontalmente da av. das Forças Armadas para a dos EUA, ou inversamente. Para elucidação dos nossos leitores, e sem recorrermos a referência de outra das nossas 2 gravuras publicadas, reproduzimo-la aqui de novo.

A expressão «Inquérito ao viaduto da 'Guerra Peninsular'» e ainda antes dele construído (!), é gramaticalmente incorrecta em diversos sentidos. Mas, talvez, seja sintética, técnica (aqui em termos de pesquisa sociológica), explicita (?) e semanticamente (??) aproveitável aos fins em vista. Para a realização desse Inquérito, teríamos de começar por planificá-lo, metodologicamente, definindo com clareza os objectivos, para se restringir ao mínimo essencial todo o processo de pesquisa. Preparando questionários de entrevista a pessoas, especificando quais, codificando respostas, elaborando quadros e mapas, e analisando resultados para se obterem conclusões. O tema é vasto, como se vê e, isoladamente, nós apenas, levaríamos muito tempo a realizá-lo. Mesmo que pudessemos dedicar tempo integral a essa tarefa. O que para nós, infelizmente ou com alguma mágoa, não é prática e utilmente concretizável.

A transformação da «Praça da Guerra Peninsular» (toponicamente, em nomenclatura municipal não é assim definido esse espaço urbano – Campo Grande, simplesmente) como se projecta, ou é uma necessidade ou é um desejo para, eventualmente, muitas pessoas. Entre as quais se inscrevem as que têm «poderes» para decidir sobre esse «empreendimento» da forma concreta, repetimos, como terá sido projectado solucionar essa necessidade ou satisfazer esse desejo.

Repare-se, entretanto, que a nova configuração desse espaço (ou dessa praça) e da do Duque de Saldanha, também projectada com um troço de «via rápida», vai lançar no Marquês de Pombal (virgem ainda de pretensões de transformação arrojada) uma acumulação de tráfego perturbante. Veremos! Porque se o viaduto projectado virá a enfileirar duas avenidas (Forças Armadas/EUA) tornando, sobre o tabuleiro, único o duplo arruamento, sob esse tabuleiro que, embora parcialmente anulará o cruzamento actual, o fluxo de tráfego na direcção da Av. da República vai ficar também muito facilitado

(como se pretende). Parece claro, então, que, por este facto, todos os cruzamentos da Av. da República – Av. de Berna e Av. Duque d'Ávila, especialmente – vão ficar mais sobrecarregados do que hoje se encontram já. E não seria irreal pensar aqui, que estas duas avenidas talvez, algum dia, a continuar-se com esta visão de transformação do eixo-tripartido «Restauradores/Guerra Peninsular», venham a necessitar, cada uma delas ou dum viaduto ou dum túnel; para que o tráfego cruzado transponha, sem descontinuidades, a Av. da República. Viadutos e túneis estão, parece, organizando-se em cerco, cada vez mais apertado, a Lisboa, lutando contra ela, para a desagregar, desfigurar, destruir e aniquilar. A acrescentar ao «empreendimento» de transformação da «Praça da Guerra Peninsular», essa outra peregrina (perdoe-se-nos) ideia de elevar a alturas siderais ou estratosféricas os prédios da Praça do Duque de Saldanha e imediações.

Por hoje, tudo o que se nos oferece dizer sobre este assunto. Aproveitaríamos, entretanto, a oportunidade para, daqui do nosso buraco, felicitarmos a Câmara Municipal de Lisboa (em termos protocolares, «excelentíssima») de poder já dispor (por efeito das eleições autárquicas de 12 Dez.) de uma proporção de vereadores mais equilibrada, ideologicamente. No estado actual da imagem política pela qual o país se define, essa a melhor estrutura para se encararem resolutamente os «problemas» da cidade. Sem ficar para um só lado, por maioria absoluta, toda a força indiscutida de decisões. Veremos como se comportará nessa renovada conjuntura, de permanente diálogo e confronto de competência, o Presidente Abecasis. De facto, parece-nos, e com o devido respeito o referimos, a centralização de poderes de que tem beneficiado, não parece ser mais do que a íntima satisfação de uma tendência política e gestora, adquiridas num período de que todos nos devemos esquecer, afectados que estejamos, muito, pouco ou nada, por esses «ideais» de realização e de gestão. O centralismo, ou o desejo dele, pressupõe autoritarismo, sem discussão. O Estado, e as suas estruturas, até à mesa do amanuense ou do balcão do funcionário de atendimento ao público, estava centralizado, única e exclusivamente para poder ser simultaneamente autoritário. E esse clima de acção, nas realizações e no trabalho, descia na escala até ao último degrau da hierarquia profissional. A habilidade, está sim, em se saber dialogar com parceiros políticos e gestores de outras ideologias; de se ser capaz de «impor», por persuasão e por competências, directrizes certeiras e correctas. Ter-se «autoridade», pois, sem se ser autoritário.

Centralismo/autoritarismo/fascismo/ditadura/impopularidade e descentralismo/autoridade/república/democracia/prestígio, são duas correntes ou duas filosofias que, como se sabe, mutuamente se opõem. A virtude, não está a meio. A Câmara Municipal, segundo recentemente nos declarou uma jovem juristas dos Paços do Concelho continua centralizada! Também nós, lamentavelmente, damos o parisso.

Aproveitaremos atender a comunicação do sr. Fernando M.B. de Oliveira, de Matosinhos («D.L.» 1.Jul.82) sobre inflacção de preços, para referirmos um caso inserido em «centralismo/autoritarismo», mas encobrindo, calculadamente, incompetência. Outro aspecto, afinal, da atmosfera de segredo em que se ocultam processos não democráticos de convivência profissional. Aguardaremos, para o efeito, os anunciados aumentos de preços de combustíveis.

R. Toulson A. Leite

DACTILÓGRAFA

PARA ASSOCIAÇÃO PROFISSIONAL EM LISBOA

Exige-se: Eficiência em dactilografia. Português. Inglês e/ou Francês. Teclado internacional.

Resposta com curriculum vitae ao **n.º 14 122.**

luis cilia
ultimo L.P.
cancioneiro

«A POESIA DE FERNÃO GRADE PARA O ENSINO SECUNDÁRIO»

DA AUTORIA DO DR. MANUEL RAMOS

Pedidos a:
Edições Mic — Apartado 4
S. João do Estoril
2768 ESTORIL CODEX

Esc:150$00

SÉRGIO GODINHO

LIBERTAÇÃO IMEDIATA!

Sérgio Godinho: vítima da violência institucionalizada e da violação dos direitos humanos, no Brasil.

A sua prisão é inaceitável e intolerável!

TODOS À:

CONCENTRAÇÃO NO ROSSIO

2.ª FEIRA — DIA 20 — ÀS 19 H

CONVOCADA PELO:

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESPECTÁCULOS

GSAL -
Grupo de Solidariedade com a América Latina

60 ANOS DE FORMAÇÃO DA UNIÃO SOVIÉTICA
SESSÃO COMEMORATIVA

20 Dez. 2.ª Feira – Teatro Aberto

14.30 h e 16.00 h – Desenhos animados para crianças
18.00 h – Jogos Olímpicos/80, filme com parte desportiva
21.30 h – Sessão Solene
– Intervenção da dra. Aurora Murteira e do representante da Embaixada da URSS
– Carlos Paredes e Fernando do Alvim

Exposição de trabalhos concorrentes aos concursos de cartaz e fotografia e entrega dos prémios

Associação Portugal-URSS
R. S. Coxime, 30 – Lisboa

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO

LIMPEZA DURANTE 1983 DOS HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA CONFORME DISCRIMINAÇÃO SEGUINTE:

— Hospital de S. José ..... Concurso n.º 3-0080/83
— Banco e Serviço de Urgência (H.S. José) ..... Concurso n.º 3-0081/83
— Serviço de Análises Clínicas e Consulta Externa de Estomatologia (Hosp. S. José) ..... Concurso n.º 2-0082/83
— Serviço 9. Hosp. S. Lázaro ..... Concurso n.º 2-0083/83
— Lavandaria (Hosp. S. José) ..... Concurso n.º 2-0084/83
— Serviços Comuns de Apoio Geral (H.S. José) ..... Concurso n.º 3-0085/83
— Edifício do Campo dos Mártires da Pátria ..... Concurso n.º 3-0086/83
— Edifício da Rua da Bempostinha ..... Concurso n.º 3-0087/83
— Hospital do Desterro ..... Concurso n.º 2-0088/83
— Hospital dos Capuchos ..... Concurso n.º 3-0089/83
— Hospital de St.ª Marta ..... Concurso n.º 3-0090/83
— Hospital de D. Estefânia ..... Concurso n.º 3-0091/83
— Hospital de Curry Cabral ..... Concurso n.º 3-0092/83

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 23 de Dezembro corrente, para os concursos mencionados.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91), todos os dias úteis das 9 às 11.30 e das 14 às 16 horas as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 9 de Dezembro de 1982

O CHEFE DO SERVIÇO

a) Ilídio Luís de Sousa

Para a estrada Aveiro-Vilar Formoso

Portugal recebeu dois milhões de contos

O Banco Europeu de Investimentos concedeu um empréstimo de 25 milhões de ECU (mais de 2 milhões de contos) a Portugal para a melhoria da ligação rodoviária Vilar Formoso-Aveiro, indicou o BEI em comunicado.

O empréstimo foi concedido por 20 anos a juro de 11,3 por cento e a verba será posta à disposição da Junta Autónoma das Estradas.

Estes investimentos, cujo custo total é avaliado em cerca de 50 milhões de ECU (1 ECU= a 90 escudos), destinam-se a duas secções de 57 km entre Albergaria e Viseu. Os trabalhos deverão estar concluídos em 1986.

A nova estrada tem uma importância especial por causa das obras de ampliação em curso das instalações portuárias de Aveiro para as quais o BEI já concedeu um empréstimo de 30 milhões de ECU em 1980.

Este empréstimo eleva para 110 milhões de unidades de conta europeias o total dos financiamentos dados pelo BEI desde 1981 no âmbito da ajuda de pré-adesão.

Pisani em Portugal

Edgard Pisani, membro da Comissão das Comunidades Europeias responsável pela política de Cooperação e Desenvolvimento, chega a Lisboa no próximo dia 20 para uma visita oficial de 3 dias, a convite do governo português.

Durante a sua estadia, o comissário Pisani avistar-se-á com o Presidente da República, e diversos membros do governo. Na sua agenda destacam-se as relações entre Portugal e os novos países de expressão portuguesa e o papel de Portugal e da CEE no quadro da política de cooperação e apoio ao desenvolvimento, designadamente em África.

Edgard Pisani, 64 anos membro do PS francês, pertence à Comissão das Comunidades desde 1981, tendo ocupado anteriormente diversos lugares em governos do general De Gaulle, nomeadamente no sector da agricultura. Mais recentemente fez parte da Comissão Brandt que elaborou o conhecido relatório sobre as relações Norte/Sul, e foi deputado socialista no Parlamento Europeu.

Para actuar em África

Húngaros querem criar empresas mistas

A missão comercial húngara que se encontra há dias em Portugal reuniu ontem na Associação Industrial Portuense (AIP) com industriais e exportadores do Norte de Portugal.

A Embaixada, chefiada pelo presidente da Câmara do Comércio e Indústria de Budapeste, auscultou a opinião dos industriais nortenhos com vista à criação de empresas mistas voltadas para os mercados africanos, nomeadamente, os países de expressão portuguesa – disse à ANOP um porta-voz da AIP.

Durante a reunião foi também aventada a hipótese de Portugal poder vir a exportar para a Hungria maquinaria e equipamentos para a indústria alimentar.

Em troca, os húngaros pretendem colocar no mercado português equipamentos para a agricultura.

O intercâmbio comercial entre Portugal e a Hungria é pouco significativo nas balanças dos dois países, sendo no entanto favorável a Portugal.

A missão húngara, que manteve já idênticos contactos em Lisboa, deslocou-se a Portugal a convite do Instituto do Comércio Externo Português (ICEP).

Socialistas preocupados com a paralisia dos comércio entre os paíse ibéricos

Dois dirigentes socialistas portugueses expressaram ao governo espanhol a sua preocupação perante as dificuldades que paralisam o comércio tradicional entre os dois países, revelaram fontes políticas em Madrid.

António Celeste e Francisco Calheiros, coordenadores do gabinete do sector do Comércio, e adjuntos do secretário-geral do Partido Socialista português, Mário Soares, avistaram-se quarta-feira, à tarde com Luís Velasco, secretário de Estado espanhol [illegible] Comércio.

os socialistas portugueses afirmaram à IPS após o encontro que focavam o «sentimento existente em todo o Portugal, no sentido de que se eliminem os obstáculos ao comércio entre os dois países que actualmente se verificam».

O PS português, «dado o seu carácter mariotário, está em condiões de afirmar que há uma vontade nacional favorável a uma aproximação mutuamente vantajosa».

O comércio tradicional hispano-português é actualmente afectado por graves dificuldades, designadamente no que respeita à restrição de licenças de exportação e importação.

Empréstimo interno financia Orçamento do ano corrente

O Governo vai lançar um empréstimo interno no valor até 98 mil milhões de escudos em obrigações de 10 mil escudos cada – segundo foi publicado no «Diário da República».

Um decreto lei do Ministério das Finanças e do Plano determina que o empréstimo se destina ao financiamento de défice do Orçamento Geral do Estado, cuja previsão apontava para 150, milhões de contos este ano.

Embora não existam valores para a execução orçamental do ano corrente sabe-se que o défice deverá ser ligeiramente superior ao Orçamento.

O empréstimo interno vencerá juros anuais identicos à taxa básica de desconto do Banco de Portugal.

O decreto-lei afirma que o ministro das Finanças e do Plano poderá contratar com as instituições e com o Banco de Portugal a colocação total ou parcial das obrigações deste empréstimo.

A crise da indústria naval

Governo vai apoiar a Lisnave... desde que haja redução de pessoal

A Lisnave requereu ao Governo um conjunto de apoios financeiros que estão a ser estudados na perspectiva de ajudar a empresa a sair da crise em que se encontra – disse ontem à ANOP, o ministro da Industria Energia e Exportação.

Baião Horta, frisou que a difícil situação em que se encontra a empresa resulta de uma série de aspectos estruturais e conjunturais que coincidiram de forma negativa na actividade da empresa, como a recessão internacional, o aumento dos preços do petróleo e consequentemente a redução do volume de crude transportado e as dificuldades económicas e políticas portuguesas do pós 25 de Abril.

O Ministério da Indústria concordou com a concessão de apoios desde que não correspondam a uma perspectiva de habituação e de manutenção estática da estrutura existente e que se encontra desajustada das realidades do mercado.

Recessão mundial

Baião Horta frisou que existem graves problemas na indústria naval nacional para resolver devido ao sobredimensionamento das empresas, nomeadamente da Lisnave e da Setenave, considerando necessário resolver o problema de cerca de 8 mil trabalhadores excedentários.

A recessão no mercado internacional da construção naval já é evidente há anos e no da reparação naval aconteceu de forma mais grave este ano, a ponto de a Lisnave (maior estaleiro de reparação do mundo) estar este mês de Dezembro a funcionar a 15 por cento da sua capacidade.

Em 1981 a Lisnave terminou o exercício numa situação de equilíbrio apresentando um lucro de 50 milhões de escudos devido a uma série de encomendas, resultantes da necessidade que a frota mundial teve de modernizar os barcos para os adaptar à legislação entretanto saída.

Em 1982 a procura dos estaleiros diminuiu drasticamente, acontecendo até que muitas empresas, nomeadamente petrolíferas, como a Gulf Oil deixaram de ser armadores e outras como a Exxon decidiram abater parte da sua frota, que não era rendível.

Em consequência desta rápida recessão mundial ao nível da reparação naval a Lisnave poderá encerrar o ano com prejuízo entre 3 mil milhões e 4 mil milhões de escudos, apesar de ter reduzido o número de trabalhadores de 10 mil para 6.600 depois de 1978.

A crise da indústria naval verifica-se em todo o mundo mas em Portugal a grande dimensão dos estaleiros da Lisnave e da Setenave tornou-a mais aguda, devido à falta de encomendas para garantir trabalho às empresas.

Salários em atraso

A Setenave está totalmente paralisada por falta de encomendas e a Lisnave tem milhares de trabalhadores desocupados, em ambos os casos com salários de Novembro em atraso, não se sabendo quando receberão os de Dezembro e o subsídio de Natal.

A Setenave é um estaleiro de construção naval que emprega cerca de 6.100 trabalhadores, pelo que a sua situação, é muito mais difícil do que a daLisnave, que, apesar de poucas, ainda vai conseguindo encomendas para manter uma parte dos seus trabalhadores em laboração.

Este ano a Lisnave terá um volume de negócios de cerca de 50 por cento do verificado em 1981, ano em que atingiu 11 mil milhões de escudos, mais de 90 por cento pagos em divisas estrangeiras.

As dívidas da empresa ascendem actualmente a 11 mil milhões de escudos, dos quais 7 mil milhões a curto prazo, estando a banca a recusar conceder mais empréstimos para garantir o funcionamento e o pagamento dos salários.

Em virtude da impossibilidade de recorrer à banca a Lisnave está a endividar-se junto dos trabalhadores, atrasando o pagamento dos salários, o mesmo acontecendo com os fornecedores.

É para garantir a sobrevivência da empresa, neste período de tempo que vai ser preciso para o seu redimensionamento, que a Lisnave recorreu ao Governo para negociar a possibilidade de congelar o passivo e de ter acesso a créditos.

Redução do pessoal

Entretanto, foi posto em marcha um plano de redução do pessoal, que consiste num esquema de reformas antecipadas, cessando os trabalhadores o seu contrato com a empresa e ficando a receber entre 50 e 80 por cento do salário, consoante os anos de casa.

Este sistema já permitiu a saida de 880 trabalhadores desde Agosto e está a ser complementado com outras acções, como seja a colocação de trabalhadores noutras empresas, pagando a Lisnave parte do salário (Monpor e Eni) assim como a deslocação de mão-de-obra para estaleiros construídos pela Lisnave no estrangeiro, como aconteceu em Jeddah, Barhein, Cabo Verde, estando em negociação o porto do Lobito.

Estas acções permitiram reduzir o número de trabalhadores da empresa em algumas centenas de efectivos.

A administração da Lisnave considerou em Outubro que o número possível para o funcionamento da empresa nas condições previsíveis para o mercado era 5 mil, pensando agora que este número ainda é elevado, já que não se prevê uma melhoria muito significativa nas encomendas nos próximos tempos.

Paralelamente à redução do pessoal, a Lisnave está a diversificar a sua actividade, criando empresas a partir de determinados departamentos existentes, aproveitando a tecnologia e a mão-de-obra. Estão neste caso o gabinete técnico de informática e a metalomecânica.

Mais difícil de resolver é o problema da Setenave, já que a situação no mercado de construção naval é ainda pior que no da reparação e porque a empresa iniciou as suas actividades em 1974, já em plena crise.

Superpetroleiros

Por outro lado, assinou um contrato em escudos, ainda em 1973, para a construção de três superpetroleiros, dois dos quais já concluídos e o terceiro em fase de acabamento. Este contrato representou um prejuízo para a empresa de entre 7 mil milhões e 8 mil milhões de escudos.

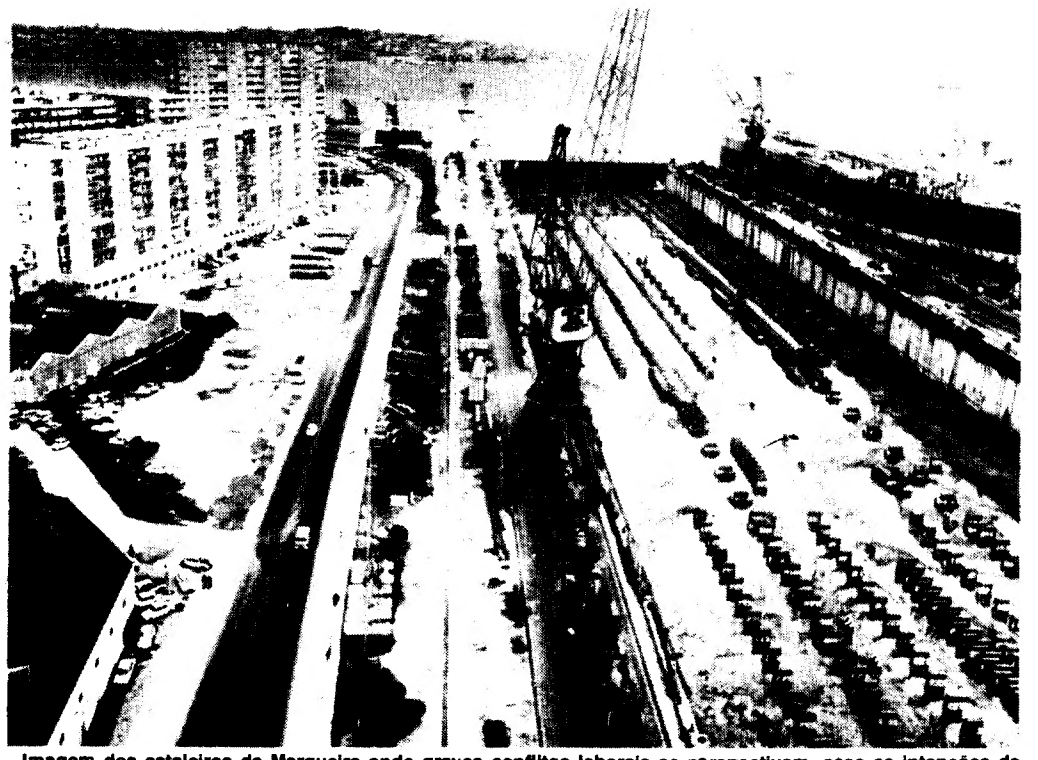


Imagem dos estaleiros da Margueira onde graves conflitos laborais se perspectivam, caso as intenções da administração da Lisnave venham a concretizar-se

Neste momento a Setenave deve ser o único estaleiro do mundo com um superpetroleiro em fase de construção, com a agravante de não ter cumprido os prazos, pelo que o cliente (a Thyssen) já não o quer e exige uma indemnização de 2 mil milhões de escudos. O navio vale cerca de 400 milhões de escudos na sucata.

A Anop soube que o Conselho de Ministros debateu uma proposta no sentido do encerramento da Setenave, a qual não foi ainda aprovada, optando os ministros por procurar uma solução que permita a reconversão da empresa.

Para tal considera-se condição indispensável terminar o superpetroleiro até ao Verão de 1983, para arrumar de vez as constas daquele contrato e racionalizar os custos da actividade da empresa durante um determinado período de tempo para que, na primeira metade de 1983, seja possível estudar a reconversão.

Este estudo deverá ser concretizado por uma empresa estrangeira, que equacionará os problemas da indústria naval e particularmente da zona de Lisboa, onde predominam a Lisnave e a Setenave.

A recusa para já do fecho da empresa resulta também no facto de nessa situação o Estado ter de assumir, à partida, o passivo da empresa, que ascendia a 27 mil milhões de escudos em 31 de Dezembro de 1981.

Um técnico da Lisnave disse à Anop que a crise destas empresas resulta, entre outros factores, da excessiva dependência do mercado externo em que se encontram, o qual não dominam, porque em termos de custos de mão-de-obra já não é possível concorrer em Portugal com a Coreia ou com Singapura. Na reparação naval 70 por cento dos custos das empresas são com os trabalhadores e 30 por cento na construção.

Nesta perspectiva salientou a necessidade de se efectuar um estudo global do sector e das actividades a jusante e a montante, para avaliar da possibilidade de garantir, através do mercado interno, uma determinada percentagem de encomendas às empresas, prática seguida em quase todo o mundo.

Comissões de trabalhadores

Os trabalhadores da indústria naval vêm defendendo o reequipamento da marinha mercante portuguesa através da construção de novas unidades nos estaleiros portugueses.

Já esta semana a comissão coordenadora das comissões de trabalhadores da indústria naval exigiu do governo o desbloqueamento do plano de reequipamento da marinha mercante, aprovado em 1980 e que incluía 17 navios a serem construídos nos estaleiros de Viana do Castelo e na Setenave.

Segundo um documento, elaborado pela comissão, estes navios permitiam durante a sua vida útil (15 anos) efeitos positivos na balança de pagamentos de 22 milhões de escudos e um valor acrescentado de 28 mil milhões. O investimento envolvido ascendia a 9 mil milhões de escudos.

Este plano foi suspenso pelo governo, estando as empresas nacionais da marinha mercante e reequiparem-se através da compra de navios em segunda mão, que se encontram disponíveis no mercado a preços considerados atraentes.

Também a concretização do plano nacional das pescas implicaria uma série de encomendas aos estaleiros, nomeadamente contribuindo para a viabilização das unidades mais pequenas.

Apesar de salientarem a importância das encomendas da marinha portuguesa aos estaleiros como um factor importante de apoio à indústria naval, os técnicos contactados pela Anop frisaram que o volume de trabalho possível por esta via é significativo mas seria utópico pensar na viabilização de estaleiros com a dimensão da Lisnave e da Setenave apenas com base nas encomendas nacionais.

(Por Jaime Antunes, da Anop)

De 20 a 22

Lisboa pode ficar privada do "gás da cidade"

Os trabalhadores da Petroquímica e Gás de Portugal vão paralisar a partir das oito horas do próximo dia 20, até à mesma hora de 23, devido ao «arrastamento» das negociações do acordo de reformas na empresa.

A greve de três dias, que causará à população de Lisboa as consequentes perturbações na distribuição de gás, foi convocada pelo Sindicato dos Químicos do Centro e Ilhas que, em comunicado, acusa o conselho de gerência de se recusar ao diálogo.

Para além das negociações do acordo complementar de reformas, iniciadas há mais de 12 meses, os trabalhadores lutam ainda contra «a posição radical do conselho de gerência» que se recusa a negociar a indexação das reformas, argumentando que a isso está proibido pelo Governo.

O Sindicato, que responsabiliza o CG e o Governo AD pela greve e por todos os inconvenientes que de tal medida possam resultar, «manifesta a sua total disponibilidade para até ao dia 20 vir a desbloquear a situação, aguardando convocatória do CG» para esse efeito.

Marcado para o dia 23

Greve da hotelaria depende de uma reunião na terça-feira com o patronato

A Federação da Indústria Hoteleira manterá a greve marcada para o próximo dia 23 se a reunião da próxima terça-feira com o patronato não alterar o impasse nas negociações dos aumentos salariais para o sector do Centro Sul.

No comunicado divulgado pela Federação afirma-se ainda que no Algarve a luta desencadeada pelos trabalhadores do sector hoteleito foi coroada de êxito, dado ter sido já obtido um acordo com o patronato.

Assim, para os trabalhadores da indústria hoteleira no Algarve foi já acordado um aumento superior a 23 por cento, sendo os salários dos três últimos meses de vigência do acordo superiores aos actuais, em 29 por cento.

A Federação, que aponta ainda outros benefícios obtidos pelos trabalhadores algarvios afirma que esta vitória se deve à luta desenvolvida e significa o «estilhaçar do pretenso tecto salarial que o desacreditado Governo AD tem anunciado».

Desconvocada a greve da Carris

A greve dos trabalhadores da Carris, prevista para hoje, foi ao fim da tarde de ontem suspensa, apdos a comissão administrativa ter acedido a negociar com os sindicatos as reivindicações dos trabalhadores.

Convocada pelos sindicatos afectos à CGTP, a greve deveria paralisar a frota da empresa entre as 2 e 30 e as 8 e 30. Os serviços administrativos e de manutenção paralisariam durante o primeiro período de trabalho.

Os trabalhadores da Carris lutam pela aplicação no novo enquadramento profissionaln com efeitos retroactivos a 1 de Janeiro do corrente ano, conforme compromisso assumido pela comissão administrativa em 11 de Fevereiro. A CA havia aceite igualmente que a próxima tabela salarial entraria em vigor a partir de 1 de Janeiro do próximo ano. Agora não aceita negociar os salários a vigorar a partir do próximo mles e quer aplicar o novo enquadramento profissional a partir da data do acordo com um sindicato paralelo o que prejudicaria os trabalhadores.

Ontem, a CA aceitou um calendário de negociações dos enquadramentos e iniciar as conversações para a actualização salarial no dia 4 de Janeiro.

No entanto, a Federação dos Sindicatos dos Transportes Rodoviários e Urbanos (Festru) alertou os trabalhadores no sentido de se manterem «mobilizados para responder prontamente a qualquer manobra que a comissão administrativa ou o Governo venham a fazer».

Grandes Opções do Plano desenham perspectivas bastantes negras para 83

— afirma a CGTP

A CGTP considera que as Grandes Opções do Plano para 1983 (GOP 83) «não invertem a política económica seguida, insistem nos mesmos erros e incorrecções e desenham perspectivas bastante negras para 1983».

Na declaração de voto, ontem tornada pública, do seu representante no Conselho Nacional do Plano, a CGTP afirma que as GOP'83 reflectem uma tendência para o aumento do desemprego e para a «quebra brutal dos salários reais» e para «a inviabilização do desenvolvimento económico».

Numa análise do documento governamental, a CGTP afirma que «embora o Governo pretenda demagogicamente fazer crer o contrário, o tão apregoado «ano da exportação» foi um fracasso «pois não foi conseguida mais que uma estagnação em volume das exportações de bens e serviços, tendo inclusivamente o respectivo défice aumentado de 480 milhões de dólares».

A CGTP afirma existirem também razões para prever um défice da balança de transacções correntes ainda superior ao agora apresentado pelo Governo».

Transportes do Porto decidem formas de luta

Os delegados sindicais do Serviço de Transportes Colectivos do Porto (STCP) reunem-se esta tarde em plenário, a fim de decidirem «formas de luta a adoptar» para obrigar o conselho de gerência (CG) da empresa a cumprir todas as cláusulas do contrato de trabalho, segundo um porta-voz do Sindicato dos Trabalhadores de Transportes Rodoviários e Urbanos do Porto (STTRUP).

Um dirigente do STTRUP repudiou por outro lado as alegações do Ministério da Habitação, Obras Públicas e Transportes, em nota oficial de quarta-feira, segundo as quais «a acção grevista na Carris de Lisboa coincide com outros movimentos em curso no Porto».

A nota do Ministério considerava que «os sindicatos representativos dos trabalhadores do STCP ameaçam com a declaração de greve como meio de luta pela obtenção do pagamento do trabalho em dias feriados em condições ilegais e à margem do acordo colectivo celebrado nesta empresa».

O STTRUP afirmou «serem completamente distintas as reivindicações dos trabalhadores da Carris de Lisboa e do STCP» e sublinhou que o CG desta última empresa «não está a cumprir as obrigações contratuais».

Os trabalhadores do STCP reivindicam o pagamento do trabalho prestado em dias de descanso semanal, complementar ou feriados, com o acréscimo de 200 por cento, «conforme determina o acordo da empresa publicado há três meses» – acentuou o dirigente sindical

Trabalhadores do Vestuário exigem renegociações

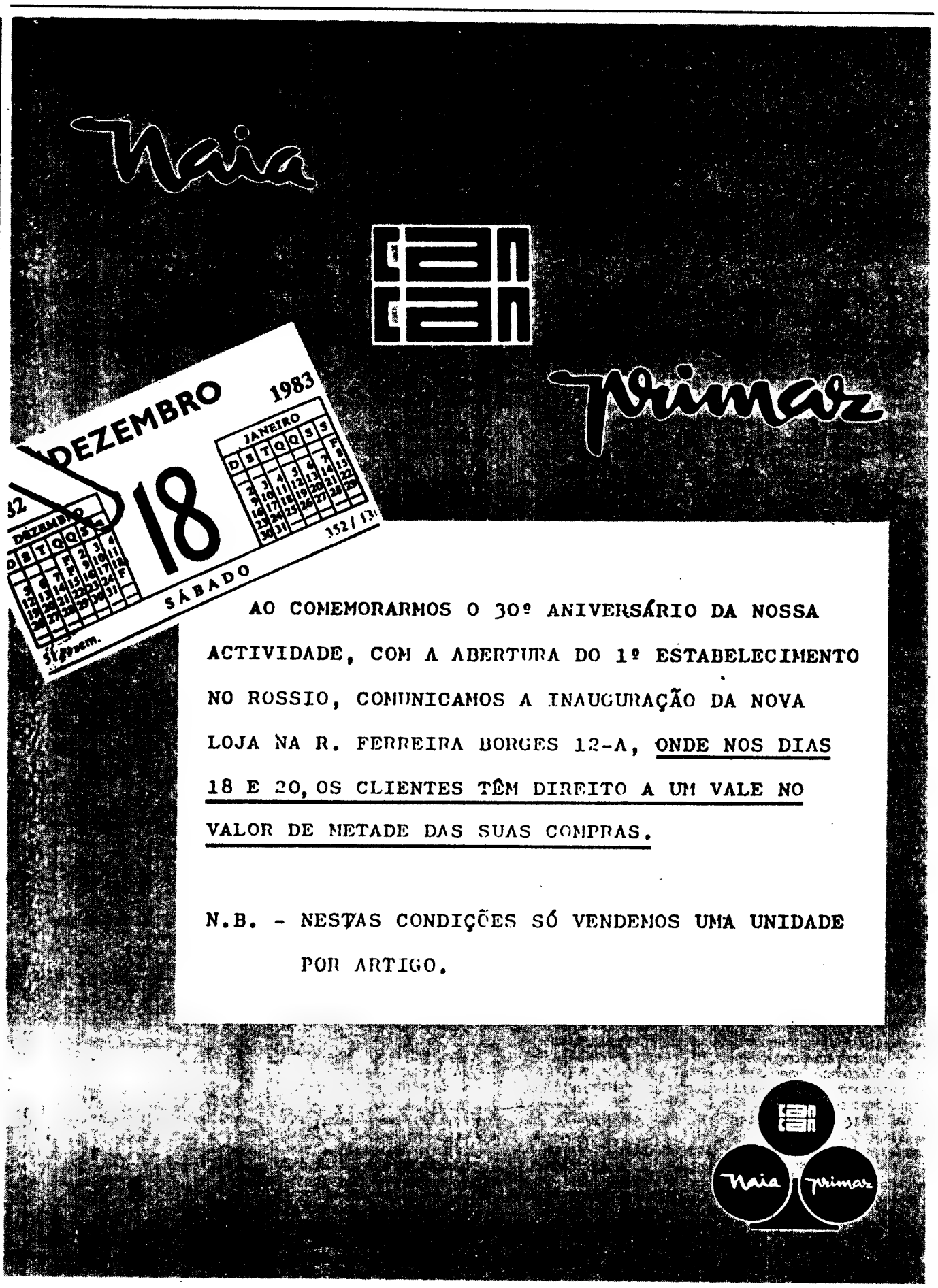
Os trabalhadores do vestuário concentraram-se ontem à tarde em frente à sede da associação patronal, no Porto, para exigir o reinício das negociações, visando a rapida conclusão do processo de contratação.

Numa moção aprovada, os trabalhadore rejeitam o acordo do Sindetex/UGT e responsabilizam o Ministério do Trabalho pela não adopção de medidas necessárias ao reinício das negociações.

Os trabalhadores, que decidiram convocar nova reunião de conciliação no MT, reafirmaram a obrigatoriedade legal do patronato pagar por inteiro o décimo terceiro mes.

Esta questão havia sido debatida em plenário durante a manhã, já que o patronato tem vindo a insinuar que o pagamento daquele subsídio por inteiro estaria dependente da assiduidade.

Nestas circunstâncias, novas lutas se perspectivam no sector têxtil. E, conforme foi sublinhado no plenário, os trabalhadores estão firmemente decididos a não abdicar dos seus direitos e regalias.



Força multinacional no Líbano

Parlamento Europeu aprova duplicação de efectivos

O Parlamento Europeu adoptou em Estrasburgo uma proposta de resolução pedindo a elevação para o dobro da força multinacional no Líbano.

Apresentado por Georges Donnez (liberal-França), o texto pede à Bélgica, à República Federal da Alemanha e ao Reino Unido o envio dum contingente de 4.500 homens para o Líbano para reforçar a acção dos «marines» americanos e dos soldados franceses e italianos.

Georges Donnez apresentou o argumento de que o presidente Ronaldl Reagan apoia uma tal medida, cuja ideia pertence ao Governo libanês.

Durante o debate, um representante belga declarou que o seu país estava em princípio de acordo com o envio dum contingente suplementar mas que não dispunha dos meios para o financiamento.

39 mortes

O cessar-fogo decretado quarta-feira em Tripoli (no Norte do Líbano) e na montanha de Chuf (a Leste de Beirute) foi violado pelos grupos em confronto, com um balanço total de 39 vítimas.

A informação foi difundida por fontes oficiais em Beirute, que especificaram que o sector mais conflituoso é o de Aley (12 quilómetros a leste de Beirute), onde drusos esquerdistas e cristãos direitistas travam duros combates com armas de todos os calibres, que tiveram o saldo de sete mortos e 16 feridos.

Milícias drusas do Partido Social Progressista e membros das Forças Libanesas Direitistas acusaram-se mutuamente da violação do cessar-fogo acordado por líderes drusos e cristãos maronitas.

Entretanto, um adjunto do major libanês dissidente Saad Haddad, Ahmad Chiit, foi morto ontem na sequência da explosão duma bomba dentro do seu carro, na região de Nabatieh (centro do Sul do Líbano), anunciam os correspondentes locais.

Por outro lado, a Assembleia Geral da ONU pronunciou-se por unanimidade, ontem a favor da retirada de todas as forças estrangeiras que se encontram no Líbano.

A Assembleia aprovou por 145 votos – onde se incluiu o de Israel – uma resolução de 28 países, entre eles o Líbano, CEE e Estados Unidos, que pede «o estrito respeito pela integridade, soberania e independência do Líbano» e apoia os esforços do governo libanês tendentes ao restabelecimento da sua exclusiva autoridade em todo o território do Líbano.

Finalmente, um duelo de artilharia opôs, durante a noite passada, as forças israelitas e sírias estacionadas no sector oriental e ocidental de Bekaa (centro do Líbano). Segundo os mesmos correspondentes o duelo durou mais de dez horas mas não precisam se se registou vítimas.

Esta foi a segunda troca de tiros entre sírios e israelitas na linha de cessar-fogo durante as últimas vinte e quatro horas.

Congresso sionista

O primeiro-ministro israelita assegurou ao Trigésimo Congresso Sionista Mundial que «existem motivos para a esperança de uma paz com o Líbano», de cujo território afirmou que Israel «não pretende nem um centímetro».

Menahem Begin declarou que essa paz acabará por se concretizar «respeitando a integridade territorial do Líbano», de onde se devem retirar os combatentes da Organização de Libertação da Palestina, numa primeira fase, e depois, em simultâneo, as tropas sírias e israelitas.

Este discurso foi o primeiro que Begin proferiu desde o falecimento, há mais de um mês, de sua mulher Aliza, e o tom firme da sua voz dissipou todas as conjecturas sobre o seu possível afastamento da política.

O primeiro-ministro criticou a oposição trabalhista por estar disposta a um «compromisso territorial» na Cisjordânia e Gaza ocupadas e frisou, perante os 500 delegados e observadores, que «nenhum líder sionista renunciou jamais aos direitos dos nossos antepassados à terra de Israel».

Embora o congresso tivesse aclamado demoradamente o dirigente israelita, aprovou quarta-feira, por iniciativa dos delegados trabalhistas aliados aos representantes judeus dos Estados Unidos, duas resoluções contra a política de Begin: uma a favor do «compromisso

Eleições em Março na RFA

Dois meses e meio depois da sua chegada ao poder, o chanceler Helmut Kohl colocar-se-á hoje em minoria, voluntariamente, no Bundestag, para provocar eleições gerais antecipadas no próximo dia 6 de Março, escrutínio que é desejado por todos os partidos políticos.

Os parlamentares da coligação governamental (CDU/CSU e FDP), que dispõem de uma maioria confortável, abster-se-ão durante a votação sobre a questão de confiança apresentada no princípio da semana pelo chefe do Governo. Os deputados da oposição social-democrata votarão contra. Privado «artificialmente» da maioria, o chanceler proporá a dissolução da assembleia ao presidente da República, Karl Carstens, em conformidade com a Constituição.

Aepsar das críticas de alguns deputados e professores de direito constitucional relativamente ao carácter «artificial» deste processo, o presidente da República dissolverá provavelmente o Bundestag em princípios de Janeiro de 1983.

Na declaração que precede a votação sobre a questão da confiança, hoje de manhã, o chanceler Kohl sublinhou o «carácter limitado» do mandato que a Câmara dos Deputados lhe concedeu ao derrobar o chanceler social-democrata Helmut Schmidt, no passado dia 1 de Outubro, e ao elegê-lo para a direcção da chancelaria.

Na sua declaração governamental de 13 de Outubro, o chanceler Kohl tinha-se comprometido, por outro lado, a fazer eleger um novo Bundestag na próxima Primavera.

Os Partidos Cristão-Democrata e Cristão-Social (CDU/CSU) podem encarar com seriedade as eleições do dia 6 de Março. Com efeito, as últimas sondagens prevêem a maioria absoluta de 50,5 por cento para o chanceler Kohl, enquanto o SPD obteria 40%.

Em contrapartida, o parceiro liberal (FDP) do ministro dos Negócios Estrangeiros, Hans-Dietrich Genscher, na coligação governamental, arrisca-se a averbar apenas 3,5 por cento dos votos, ficando assim abaixo da marca dos 5 por cento necessária para estar representado no Parlamento.

Por pultimo, os «Verdes» entrariam pela primeira vez na Câmara dos Deputados, com 6 por cento dos sufrágios.

Haverá um primeiro teste sobre a nova repartição de forças depois da mudança de Governo em Bona, no próximo domingo, em Hamburgo, onde terão lugar eleições regionais antecipadas para fazer sair esse «Land» de uma situação política bloqueada. Com efeito, nenhum dos partidos dispunha da maioria para formar Governo depois das eleições do passado dia 6 de Junho.

"Tribunal Permanente dos Povos" discute Afeganistão

O Tribunal Permanente dos Povos, reunido desde ontem à noite, em Paris, para a sua segunda sessão, vai procurar determinar se houve, por parte dos soviéticos, «violação dos regulamentos dos direitos humanitários da guerra, designadamente no que diz respeito à sorte das populações civis», no Afeganistão.

Este tribunal, presidido pelo matemático francês Laurent Schwartz é herdeiro do Tribunal Russel sobre o Vietname e a América Latina, e já tinha tido uma primeira sessão em Maio de 1981, em Estocolmo.

Voltando a traçar a evolução da situação no Afeganistão durante os últimos dois anos na abertura da sessão, que deve decorrer até segunda-feira, um antigo funcionário da UNESCO em Kabul, Michel Verron, aludiu designadamente à «intensificação das operações militares».

Michel Verron evocou o malogro, segundo a sua opinião, da «afeganização» da guerra, apesar das várias tentativas para se reforçar o exército afegão, através de recrutamentos forçados. «Os soviéticos são levados a desempenhar o papel de sargentos recrutadores do Exército afegão, através de recrutamentos forçados», declarou Verron.

Prosseguem os combates

Foram mortos pelo menos 12 mudjahidine e feridos outros 14, na passada terça-feira, durante os intensos bombardeamentos soviéticos contra a província afegã de Paktia, controlada pela resistência – anunciou a agência islâmica, dirigida pelos guerrilheiros e captada em Islamabad.

Correspondentes da Imprensa ocidental, depois de uma estadia clandestina na região, em Novembro passado, tinham declarado que a guerrilha, estava a preparar uma ofensiva geral na zona de Dargai, vizinha da capital provincial de Paktia, tendo-se apoderado da cidade de Lieza, a 15 escassos quilómetros da referida capital.

Entre as vítimas dos bombardeamnetos soviéticos, figura um dos líderes da organização de resistência afegã, Hezbi Islami.

Na passada terça-feira, os «combatentes do povo» tinham atacado um comboio militar de reabastecimento, na região, fazendo cinco vítimas entre os soldados e destruindo dois carros e um camião, informou a agência.

Dois acidentes aéreos nos EUA

Um bombardeiro estratégico americano B-52 despenhou-se, ontem próximo da Base Aérea californiana de Mather, tendo morrido os nove membros da tripulação, segundo informaram fontes militares.

O Pentágono anunciou, rapidamente, que o aparelho não transportava armas atómicas, tendo um porta-voz da Base Aérea de Mather informado, pouco depois, que apenas havia, no aparelho, munições para o canhão da parte traseira do avião. Os bombeiros tinham anunciado, por seu turno, que não podiam aproximar-se dos destroços, por recearem a explosão das munições.

O B-52 esmagou-se pouco depois de descolar, quando partia para um voo de treino. Um porta-voz do «Estrategic Air Comand», responsável pelos bombardeiros estratégicos, revelou que os nove tripulantes tinham morrido mas que não se registaram vítimas entre os civis.

O aparelho incendiou-se ao tocar no solo e os destroços espalharam-se por várias centenas de metros. Segundo uma testemunha do acidente, o avião conseguiu evitar, ao cair, um edifício, antes de se despedaçar num terreno descampado.

As causas do desastre ainda não foram determinadas.

Agentes de FBI

Morreram pelo menos, seis pessoas e ficaram feridas quatro, num acidente aéreo ocorrido em Montgomery, na quinta-feira, nos arredores de Cincinatti (Ohio). Quatro dos mortos eram agentes do FBI.

O aparelho sinistrado caiu sobre automóveis estacionados, antes de embater contra uma livraria. Segundo as primeiras notícias, teria perdido altura devido a mau funcionamento dos motores e, ao cair, embateu contra um cabo eléctrico.

Um dirigente do Controlo Aéreo da Região esclareceu que o avião fora fretado pelo FBI e transportava, além de quatro membros do FBI que tinham acabado de efectuar um inquérito na região de Chicago, um polícia já na reserva e um suspeito.

Bissau: dirigente cubano discute Angola e Namíbia

A permanência de tropas cubanas em Angola é um dos temas que o vice-presidente de Cuba, Juan Almeida Bosque, está a tratar com as autoridades guineenses – soube ontem a ANOP em meios oficiais de Bissau.

Quarta-feira, durante um jantar, a situação na África Austral dominou os discursos de Juan Almeida Bosque e do primeiro-ministro da Guiné-Bissau, Vitor Saúde Maria.

O vice-presidente cubano disse que a tentativa de condicionar a independência da Namíbia à saída das tropas de Cuba que estão em Angola é «um esforço grosseiro para demorar o processo de negociações» tendentes a uma tal independência.

Juan Almeida Bosque, que visitou anteriormente a Zâmbia, Tanzânia e Cabo Verde, está agora na Guiné-Bissau desde quarta-feira e até ao dia 18.

No seu discurso, referiu-se também às tentativas de desmembramento da Organização da Unidade Africana, «um dos foruns internacionais mais activos e efectivos».

O visitante defendeu o desarmamento internacional e o estabelecimento de uma nova ordem económica.

Ligação aérea?

Praia e Bissau estudam a possibilidade de restabelecer as ligações aéreas entre si – disseram à ANOP fontes próximas da delegação guineense à reunião cabo-verdiano-guineense que decorre desde quarta-feira na Praia.

Esta é a segunda reunião de representantes dos dois países, entre os quais existe um contencioso desde 14 de Novembro de 1980, altura em que se verificou em Bissau um golpe de Estado.

As duas delegações procuram soluções para aquele contencioso, nomeadamente no que diz respeito às relações entre os bancos respectivos.

As empresas públicas Naguicave e Moave, para cuja formação contribuíram os dois Estados, também estão no centro das discussões, que irão terminar no próximo dia 21.

Paralelamente à discussão em torno daquelas questões, agendadas na primeira reunião realizada em Bissau, a delegação guineense vai propor a reabertura da carreira aérea semanal entre as duas capitais e o restabelecimento de relações entre as duas companhias aéreas nacionais.

B-52 com mísseis de "Cruzeiro"

A Força Aérea norte-americana instalou ontem os primeiros dos 4348 mísseis «Cruzeiro», equipados com ogivas nucleares e destinados a penetrar as defesas aéreas soviéticas – disse uma fonte militar.

Desde ontem 16 bombardeiros estratégicos «B-52G», que o governo norte-americano quer substituir no futuro pelo B-1 e logo a seguir pelo «Stealth», estarão equipadas com uma dezena destes mísseis, que atingem o seu objectivo seguindo os contornos do terreno e voando muito baixo, confirmou um porta-voz da Força Aérea.

O «Cruzeiro», com um alcance de 2500 quilómetros e uma velocidade de mais de 800 quilómetros por hora, existem em três versões embora de momento só seja operacional o modelo de lançamento aéreo.

O Pentágono prossegue o programa de desenvolvimento e produção dos modelos de instalação em terra e em submarinos, estimando-se que o total das três versões atinja as oito mil unidades.

RFA

A edição de sexta-feira do jornal alemão federal «Sueddeutsche Zeitung» indica os lugares onde vão ser estacionados os mísseis Pershing-2 que o exército norte-americano quer colocar na República Federal da Alemanha.

Gonzalez e Balsemão: duas ..

Portu na "mi dos E

MADRID (do correspo Jauregui) – Enquanto o Pr mão se encontrava de viage secretário de Estado norte passava as últimas horas da presumivelmente, do mesm guês: as bases militares.

A visita de Shultz a Madrid, qualificada de «enormemente positiva» por funcionários bem colocados no novo Governo socialista, poderia, assim, enquadrar-se num contexto ibérico, e não apenas nacional. Não há dúvida que, para os Estados Unidos, as bases militares instaladas em território português e espanhol «se complementam» e não se substituem, em opinião de um importante assessor do ministro espanhol dos Exterio res, Fernando Moran. As mesmas fontes consideram que a visita de Shultz a Espanha, concluída na primeira hora da tarde de ontem, foi precedida da aparição de notícias em alguns meios de comunicação, segundo os quais os Estados Unidos valorizariam as suas bases em Portugal, em caso de não chegarem a um acordo satisfatório para a renovação dos seus pactos de amizade com Espanha.

O certo é que parece terem surgido sérias reticências à ideia de assinar, tal como agora se encontra, o pacto de amizade e cooperação entre a Espanha e os Estados Unidos (diplomaticamente tem o âmbito de um convénio), que

PCE com

Gerardo Iglesias: do «carrillismo» sem Carrillo, à fragmentação do PCE?

...nas diferentes de reagir a uma mesma proposta, a de George Schultz

...ugal e Espanha ...ira" estratégica Estados Unidos

...pondente do «DL», Fernando Primeiro-Ministro Pinto Balse...agem oficial em Washington, o ...te-americano, George Shultz ...da sua visita a Madrid, falando, ...smo que o governante portu...

...se encontra pendente para ratificação nos Parlamentos de ambos os países.

As novas autoridades socialistas pretendem, e muito provavelmente obterão, que o convénio incorpore um «protocolo» «clarificador», que, de alguma maneira, suavize as referências do texto actual à integração da Espanha na ala militar da NATO, integração que, como se sabe, será congelada pelo Governo de Madrid, ainda que a Espanha se mantenha, muito provavelmente, na Aliança Atlântica.

Para além do mais, Shultz, numa conferência de Imprensa realizada ontem pouco antes de abandonar Madrid, ligou inequivocamente a permanência da Espanha na NATO e as possíveis ajudas que a Espanha pode receber para modernizar o seu material militar. Este foi o ponto novo da conferência de Imprensa, quando a Espanha está em vésperas de firmar – ou abandonar – um «contrato do século» para a compra de 84 supermodernos aviões «F 18A» à companhia norte-americana McDonnewl Douglas, com um valor de mais de trezentos mil milhões de pesetas. Shultz adiantou que Felipe Gonzalez aceitou um convite para visitar oficialmente os Estados Unidos em Junho.

Cimeira hispano-portuguesa

Todos estes temas serão abordados na próxima «cimeira» diplomática hispano-portuguesa, à margem de questões puramente bilaterais, pendentes entre os dois países ibéricos. O certo é que, queiram ou não, Portugal e Espanha estão envolvidos na mesma problemática internacional, o que é demonstrado pela «negociação paralela» sobre as bases militares estado-unidenses instaladas nos seus territórios. E também, como evidenciam as negociações paralelas e não convergentes, com a Comunidade Económica Europeia. Hoje, o vice-presidente da Comissão das Comunidades Europeias e encarregado da ampliação da CEE, Lorenzo Natali, encontra-se em Madrid para iniciar – uma vez mais – «conversações formais» sobre a negociação para a adesão da Espanha ao Mercado Comum. Natali, um visitante habitual de Lisboa e Madrid, teve também, de novo, boas palavras para Espanha sobre a futura adesão espanhola. Mas, o certo, é que a irritação do novo Governo espanhol perante as contínuas demoras em iniciar uma verdadeira negociação é cada vez mais notória.

...meça uma difícil cimeira

MADRID (do correspondente do «DL», Fernando Jauregui) – O Partido Comunista de Espanha, dirigido pelo seu novo secretário-geral, Gerardo Iglesias, começa hoje uma difícil «cimeira» que poderá marcar a ruptura entre Iglesias e o seu antecessor no cargo e antigo amigo, Santiago Carrillo.

Tudo se pode passar na «conferência nacional» convocada para hoje, amanhã e domingo pelo PCE, à qual assistirão mais de 500 militantes. Trata-se de criar um «clima de diálogo interno» para iniciar uma discussão frontal dos problemas que nos permitam convocar um congresso extraoridnário do partido para finais de 1983 com a esperança de chegar a soluções construtivas–, segundo adiantou um porta-voz oficial.

Mas o certo é que o clima está longe de ser dialogante. Posições «duras» e «brandas» enfrentam-se nesta reunião, na qual Gerardo Iglesias, um inexperiente secretário-geral nomeado por Carrillo para o substituir, tentará acelerar as alterações internas no partido, enquanto que a chamada «velha guarda» tentará travá-las.

No fundo, figuras como a do, até agora considerado «delfim» de Carrillo, Nicolas Sartorius, mantêm-se numa atitude extremamente crítica, tanto em relação aos «iglesistas» como aos da «velha guarda».

Dividido em múltiplas tendências, corroído pelo recente abandono de centenas de intelectuais e artistas, desmoralizado pela esmagadora vitória do Partido Socialista nas recentes eleições, o PCE começa hoje o que um comentarista pró-comunista chegou a afirmar de «luta pela sobrevivência».

Um morto, dezenas de feridos e 120 detidos

Gigantesca manif. na Argentina em defesa da democracia

Os dirigentes democratas-cristãos, peronistas radicais, intransigentes e progressistas entregaram ao Governo argentino um documento reivindicativo, apesar da intervenção da polícia durante a manifestação por eles organizada.

Nesse documento, de uma dezena de páginas, os partidos políticos reclamam nomeadamente que a transferência do poder, para um governo civil não se faça depois de Outubro de 1983, um programa preciso e claro do regresso às instituições democráticas, uma solução justa e verdadeira do problema dos desaparecidos, a libertação dos presos políticos e o levantamento do estado de sítio.

As reivindicações dizem igualmente respeito à dissolução do aparelho repressivo, à rectificação da política económico-social e salarial, ao pleno emprego, à reactivação do aparelho produtivo e a esclarecimentos acerca das responsabilidades na guerra das Malvinas.

Os líderes políticos desejam que a transferência do poder seja efectuada no dia 12 de Outubro, o que tecnicamente imporia a organização das eleições em Julho de 1983, o mais tardar.

A manifestação, organizada pela «multipartidária», congregou cerca de 300 mil pessoas, na Plaza de Mayo.

A polícia tentou dispersar os manifestantes usando gás lacrimogéneo.

Horas depois da dispersão registavam-se incidentes violentos dos quais resultou a morte de uma pessoa, ferimentos em 29, e 120 detenções.

Oficialmente atribuíram-se as responsabilidades dos incidentes a um grupo de provocadores, mas testemunhas afirmam que o jovem morto foi baleado por agentes da segurança.

Ontem registavam-se manifestações idênticas de argentinos em Madrid e em La Paz.

No Chile

Cerca de 200 pessoas foram detidas nos recontros de quarta-feira à noite entre manifestantes antigovernamentais e polícias, no centro da capital chilena – confirmaram fontes policiais chilenas.

Os incidentes começaram quando forças policiais, apoiadas por helicópteros, interceptaram colunas de pessoas que de diferentes pontos de Santiago convergiam para a Praça de Armas, a cerca de 500 metros do Palácio Presidencial de La Moneda, para protestar contra o regime militar do general Augusto Pinochet.

Um grupo de manifestantes incendiou um autocarro numa das ruas da capital.

As fontes acrescentaram que todos os detidos, à excepção dos menores, que foram libertados depois de comprovados os seus domicílios, permanecem à disposição do Ministério do Interior, em vários comissariados de carabineiros.

No principal porto chileno, Valparaíso, a pouco mais de cem quilómetros da capital, faltou por completo a electricidade durante 45 minutos, a partir das 21h50 locais, sem que fossem oficialmente esclarecidas as razões do corte de corrente.

Enquanto faltou a luz, houve manifestações contra o Governo e detenções em número não divulgado oficialmente.

EL. Salvador

Benjamim Valiente, um dirigente guerrilheiro salvadorenho, foi recentemente morto em conbate no departamento de Chalatenango, ao norte da capital salvadorenha, soube-se quinta feira de fontes militáres oficiais.

Segundo essas fontes, Benjamim Valiente era o responsável do aparelho militar das Forças Populares de Libertação (FPL) uma das cinco componentes da Frente Farabundo Marti de Libertação Nacional (FMLN).

Apesar de o corpo de Benjamim Valiente não ter sido recuperado pelo exército salvadorenho, a sua morte em combate foi solidamente provada.

Nove horas de detenção para Walesa

Lech Walesa, que ontem de manhã, pouco antes das 10.30 h locais fora levado, por polícias armados, para local desconhecido, foi trazido novamente a sua casa às 19.30 (18.30 tmG), segundo ele próprio confirmou à AFP.

«Trata-se de uma nova forma de prisão – comentou Walesa ironicamente, acrescentando: passeio de carro durante todo o dia, às voltas pela cidade.»

O líder do «Solidariedade» confirmou que responderá às perguntas dos jornalistas, hoje às 11.00 locais (10.00 tmG).

Segundo fontes não confirmadas, Walesa teria sido interrogado acerca das finanças da secção do «Solidariedade» de Gdansk, de que era presidente.

A agência oficial PAP, citando os resultados de um inquérito feito pela Câmara suprema de controlo (o equivalente a um tribunal de contas) afirmara que as contas do sindicato apresentavam «irregularidades» e que toda a responsabilidade era dos membros da direcção regional do «antigo sindicato».

A detenção de Walesa impediu-o de se deslocar, conforme tencionava fazer, ao monumento em memória das vítimas das revoltas operárias de 1970 nos portos do Báltico e de ai proferir o discurso que escrevera. Indirectamente, as autoridades polacas, detendo Walesa temporariamente, evitaram que ele viesse a ser acusado de delito, ao abrigo dos decretos do estado de sítio.

Entretanto, a Embaixada da Polónia em Paris difundiu um comunicado em que explica esta detenção temporária de Walesa pela descoberta das referidas irregularidades, afirmando que as duas convocações do procurador de Gdansk se relacionavam com o caso.

«Como Lech Walesa se recusou a responder a duas convocações consecutivas, foi levado ao serviço de controlo de finanças, de Gdansk, a fim de fornecer as necessárias explicações», informou o comunicado difundido pela Embaixada.

Manifestação dispersada

Os «Zomos» (Unidades Anti-Revoltas da Milícia Polaca) dispersaram ontem um grupo de um milhar de pessoas que tentaram dirigir-se para a igreja de Santa Brigita, junto ao monumento às vítimas das revoltas operárias de 1970, onde acabava de ser celebrada uma missa.

A multidão – cuja maioria ainda desconhecia que Lech Walesa fora detido, apesar das alusões do celebrante ao caso – foi dispersada a escassas centenas de metros do templo.

Jesuíta comenta atentados ao Papa

Fanatismo individual ou de grupo na origem das acções

Um historiador da Igreja, o padre Robert Graham, jesuíta californiano que vive em Roma, declarou ontem à «France Presse» que não acreditava na «pista búlgara» no caso do atentado contra o Papa, nem numa decisão do KGB no sentido de eliminar João Paulo II, a seguir aos acontecimentos polacos, inclinando-se mais para o «fanatismo de um indivíduo ou de um grupo».

«De tudo o que li, não me parece que possam acusar Moscovo. Afirmá-lo é exagerado e mesmo grave. Pessoalmente, não creio que os russos sejam insensatos ao ponto de se lançarem numa tal aventura, se bem que as autoridades búlgaras tenham podido decidir esta iniciativa audaciosa», disse o padre Graham.

Este padre, de 70 anos, especializou-se há mais de trinta anos na História da Igreja. Paulo VI tinha-lhe confiado em particular a publicação dos «Livros Brancos» sobre as actividades da Santa Sé durante a Segunda Guerra Mundial. Pudera assim descobrir inúmeros agentes alemães e revelar que Hitler tinha pensado raptar Pio XII.

Baseando-se na sua experiência, Graham pouco crê na hipótese do «complot», apontada pela Imprensa italiana, e não acredita de modo nenhum na intenção que atribuíram a João Paulo II de ter querido deslocar-se à Polónia caso as tropas soviéticas interviessem em Outubro de 1980.

«O soberano pontífice estava realmente preocupado com os acontecimentos da Polónia, e fê-lo saber, acrescentou o padre Graham. Mas daí a imaginar João Paulo II lançando-se de pára-quedas na Polónia – o único processo num país ocupado – só dando provas de um romantismo aberrante ou então crer que os russos chegaram a um tal ponto de desconfiança que puderam pensar que um tal projecto era possível».

«Não esqueço todas as tentativas precedentes e perturbantes: Paulo VI ferido em Manilla por um maníaco, ameaça na Sardenha, escapando às pedras atiradas por um desequilibrado em Castelgandolfo, João Paulo II chegando a Karachi alguns minutos depois da explosão de uma bomba, ameaçado em Fátima pela baioneta de um padre integrista espanhol, depois de ter sobrevivido aos tiros de Ali Agca».

«É difícil dizer se há conspiração ou não após cada um destes episódios, acrescenta Graham. Em minha opinião, trata-se muito mais de fanatismo da parte de indivíduos ou grupos, do que de intenção determinada da parte de organizações estabelecidas», comenta o padre.

«Seja como for, conclui o padre Graham, no que respeita ao atentado do 13 de Maio, parece-me que entre as hipóteses que vão do «turco louco» ao «projecto satânico do Kremlin», a verdade deve encontrar-se, como acontece muitas vezes, entre estes dois extremos».

Presidente da Argélia visita a França

Pela primeira vez desde a proclamação da independência, em 1962, um presidente argelino deslocou-se a França, embora apenas em visita de trabalho que se iniciou ontem.

Após uma visita oficial de três dias à Bélgica, o presidente argelino, Chadli Bendjedid, fez uma escala em Paris, durante a qual teve uma reunião de trabalho e almoçou com François Mitterrand.

Fontes diplomáticas disseram que as conversações entre os dois presidentes foram dominadas pelo contencioso sobre a crescente recusa de entrada em França de trabalhadores documentados e turistas argelinos.

Desde a eleição de François Mitterrand, em Maio de 1981, as autoridades francesas recusaram a entrada a mais de 20 mil argelinos, o que ultrapassa largamente o número de rejeições durante os sete anos em que Gisgard D'Estaing foi presidente.

Outros temas debatidos entre Mitterrand e Chadli Bendjedid são as queixas argelinas quanto às declarações públicas do antigo presidente Ben Bella e às recentes manobras militares franco-marroquinas e franco-senegalesas.

Círculos diplomáticos argelinos expressaram satisfação pela assinatura em Argel de um comunicado conjunto do Partido Socialista Francês e da FLN argelina, em que se apela para a autodeterminação do antigo Sara Espanhol e para a realização de conversações directas entre Rabat e a Frente Polisário.

CABANA-LAR

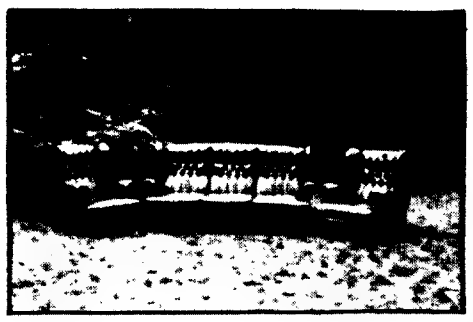
Tudo para o seu lar

APROVEITE AGORA
A NOSSA BAIXA DE PREÇOS

AO COMPRAR A SUA MOBÍLIA, PEÇA-NOS O SEU BRINDE DE NATAL

MOBÍLIA SALA DE JANTAR EM NOGUEIRA
OFERTA 1 CANDEEIRO DE SALA

BAR COM 4 E 5 ELEMENTOS
OFERTA 1 CANDEEIRO DE SALA



JOGO DE MAPLES EM PELE DE VACA
OFERTA 1 MESA CENTRO

MOBILIA DE QUARTO SEC. XVII. 47 6000$
OFERTA 1 COLCHÃO DE MOLAS

NAS NOSSAS LOJAS
O SEU DINHEIRO VALE MAIS

GRANDE BAIXA DE PREÇOS EM MAPLES DE PELE, VELUDO, TECIDO SIMPLES E TRANSFORMÁVEIS EM CAMA BELGA E FRANCESA. FABRICAMOS POR MEDIDA E DESENHO, VÁRIO SORTIDO DE MOBILIÁRIO MODERNO E DE ESTILO. MESAS DE VIDRO E CENTRO DE SALA DE JANTAR. CADEIRAS ESTOFADAS E GRANDE SORTIDO DE CANDEEIROS DE SALA, MESA E TECTO.

ENTREGA IMEDIATA PARA TODO O PAÍS

ABERTO AO SÁBADO ATÉ ÀS 19,30 H

FÁBRICA E SEDE:
R. FILIPE DA MATA, 164-A/B — 1600 LISBOA — TEL. 723315
LOJA 1 — RUA BARÃO DE SABROSA, 140-A — 1900 LISBOA — TEL. 833231

Op. Alvará n.º 16/1958

RN RODOVIÁRIA NACIONAL

VIAGENS EM AUTOPULLMAN

Almoço mistério (dia de Natal)

EMENTA ADEQUADA - MÚSICA - ALEGRIA - CONVÍVIO
PREÇO ..... 1.750$00

PASSAGEM DO ANO

Serra da Estrela (com ceia, — 31/DEZ. a 2/JAN.	7.500$00
Praia da Rocha — H. Júpiter (ceia e reveillon) — 31/DEZ. a 2/JAN.	6.700$00
Salamanca — H. Jardin Regio (ceia e reveillon) — — 31/DEZ. a 2/JAN.	~~12.000$00~~
Salamanca — H. Alfonso X (ceia e reveillon) — 31 a 2 JAN.	10.500$00
Albergaria Castelão — Mafra (ceia e baile) — 31 a 1 JAN.	4.850$00
Almoço regional — dia Ano Novo	1.500$00

————/ /————

OUTRAS SUGESTÕES: Madeira — Paris — Londres — Andorra — Torremolinos — Madrid — Viena — Tunisia — Grécia — Suiça — Palma de Maiorca — Ibiza — Canárias, etc. ...

SOLICITE PROGRAMAS DETALHADOS

RN

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:
LISBOA — Av. Fontes Pereira de Melo, 33
1096 LISBOA CODEX
Telefones 56 00 15/16 — 56 34 51/52
Rua do Arsenal, 124-1.º — 1100 LISBOA
Telefone: 36 75 29

OU NAS VÁRIAS AGÊNCIAS ESPALHADAS PELO PAÍS: COIMBRA — Tel. 22944 * LEIRIA — Tel. 22413 * PORTO — Tel. 21109 * SETÚBAL — Tel. 23291 * FARO Tel. 23025 * P. ROCHA — Tel. 22370 * ÉVORA — Tel. 24254.

Terceira guerra mundial será electrónica

SE houver uma Terceira Guerra Mundial, será electrónica, e será assim que os Estados Unidos terão maiores hipóteses de a ganhar, concluíram os especialistas ocidentais que se reuniram recentemente em San Francisco para estudarem o papel das técnicas de ponta nos conflitos das Malvinas e do Líbano.

«Nos próximos conflitos, a diferença residira na maior concentração electrónica dos sistemas de armamento, de comunicações e de controlos», resumiu o dr. Federico Romano, chefe da secção da guerra electrónica do secretariado geral da NATO.

O dr. Romano participava na reunião dos «Old Crows» (Velhos Corvos), associação de 14.000 membros, nos Estados Unidos e em 35 países do mundo não-comunista, que tem reuniões regulares muitas vezes patrocinadas pelo ministério americano da Defesa.

Para esses homens de ciência e de negócios, engenheiros e investigadores, agentes dos serviços de informação e estrategos militares, a guerra de amanhã é uma realidade quotidiana. A preocupação deles está em que deve ser preparada de tal modo que, mesmo com efectivos inferiores, o Ocidente seja o mais forte.

O colóquio secreto de San Francisco discutia assuntos como «a cooperação entre os serviços secretos e a infra-estrutura da guerra electrónica», a «vulnerabilidade electrónica dos sistemas de comunicação por laser», ou as «doutrinas, objectivos e sistemas de guerra electrónica na União Soviética».

A esperteza contra a força, a qualidade contra a quantidade. Estas duas expressões aparecem frequentemente, nas conversas dos «Velhos Corvos», que parecem não achar suficiente a potência material e logística das forças armadas americanas.

«A única coisa que nos resta é a nossa vantagem tecnológica», assegurou Lynwood Cosby, presidente da associação. «Se lançarmos na mesa as cartas acertadas, podemos pôr na situação de ultrapassada uma grande parte do arsenal soviético. Devemos ser muito mais inventivos. O que conta é termos a capacidade de utilizar todas as técnicas novas nos armamentos».

Para se conseguir lá chegar, os «Old Crows» impelem para a cooperação estreita entre a pesquisa científica, as indústrias de armamento electrónico e o Pentágno. É a última versão do velho complexo militar - industrial.

A IMBM, a General Electric, a ITT e 60 outras sociedades de electrónica apresentavam os seus últimos nesta reunião de San Francisco, numa exposição vedada ao público.

Todas as armas electrónicas «inteligentes» são caras. Perto de dois milhões de dólares por um aparelho anti - radar. 3.000 a 5.000 milhões de dolares são hoje consagrados à guerra electrónica, nos 85.000 milhões de dólares de compras do Pentágono.

Para os «Velhos Corvos», é uma quantidade insignificante em comparação com o que seria preciso gastar se os Estados Unidos pretendessem, por exemplo, igualar o número dos tanques soviéticos.

Para os seus adeptos, a guerra electrónica é uma guerra de fintas e de trapaças, que permitirá ao vencedor poupar numerosas vidas humanas. Isso vale bem, a seu ver, as despesas enormes necessárias para manter a vantagem, actualmente bastante confortável, dos Estados Unidos.

Os «Velhos Corvos» estão optimistas. Segundo Gus Slayton, o seu director executivo, a superioridade americana no domínio da guerra electrónica deverá acentuar-se nitidamente nos próximos anos.

Slayton salienta, com efeito que a nova geração de homens políticos e de chefes militares americanos está famaliarizada com a tecnologia de ponta. «Os velhos generais da Segunda Guerra Mundial», últimos obstáculos à criação de armas electrónicas, «estão agora em vias de desaparecimento», comenta ele com um sorriso confiante. **(Por Jacques Ganchey da AFP)**

«PORPIG-INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE SALSICHARIA, LIMITADA»

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 22 de Novembro do corrente ano, lavrada de folhas 32 verso a folhas 35 verso do livro de notas 793-B, deste 14.º Cartorio Notarial de Lisboa foi constituida entre Elio Bras Paiva, Jorge Paiva Cunha, José Luis Gaspar Cunha, Adelina Bras Paiva Cunha e Fernanda Bras Paiva uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que se regera pelas disposições contidas nos seguintes artigos:

PRIMEIRO — A sociedade adopta a denominação de «Porpig-Indústria e Comércio de Salsicharia, Limitada», tem a sua sede e estabelecimento nesta cidade, na Avenida Praia da Vitória, numero quarenta, freguesia de São Jorge de Arroios, e durará por tempo indeterminado a contar de hoje.

Parágrafo único — Por simples deliberação da gerência pode a sede social ser transferida para qualquer outro local, assim como podem ser criadas, mantidas ou suprimidas filiais, sucursais ou agências onde a gerência entenda conveniente.

SEGUNDO — O seu objecto social é a industria e comércio de salsicharia, bem como o fabrico e preparação de conservas de carne, exportação e importação e, bem assim, o exercício de qualquer ramo de comércio ou indústria permitido por lei e que a assembleia geral delibere.

TERCEIRO — O capital social é de quinhentos mil escudos, integralmente realizado em dinheiro e corresponde à soma de cinco quotas:

— uma de cento e cinquenta mil escudos, do sócio José Luis Gaspar Cunha; uma de cento e cinquenta mil escudos, do sócio Élio Brás Paiva; uma de setenta e cinco mil escudos, da socia Adelina Brás Paiva Cunha; uma de setenta e cinco mil escudos, do sócio Jorge Paiva Cunha e uma de cinquenta mil escudos, da sócia Fernanda Brás Paiva.

QUARTO — A sociedade pode exigir dos sócios prestações complementares de capital, conforme for deliberado em assembleia geral, até ao limite do valor das respectivas quotas.

QUINTO — Os sócios podem fazer à sociedade os suprimentos de que esta careça, para o desenvolvimento dos seus negócios, nas condições que forem fixadas em assembleia geral.

Parágrafo único — Estes suprimentos podem ser realizados através da afectação dos lucros de cada exercício, na totalidade ou em parte, conforme for deliberado em assembleia geral.

SEXTO — Todos os actuais sócios são gerentes, com dispensa de caução e com ou sem remuneração conforme for deliberado em assembleia geral.

Parágrafo primeiro — A sociedade é obrigada pela assinatura de dois gerentes.

Parágrafo segundo — No caso de vir a ser nomeado um gerente não sócio, o mesmo podera ou não obrigar a sociedade conforme for deliberado pela assembleia geral no acto da nomeação.

Parágrafo terceiro — A sociedade podera constituir mandatarios para o exercicio de funções e com os poderes que no respectivo titulo sejam conferidos.

Setimo — A divisão e cessão de quotas, total ou parcial, é livre entre os sócios e na cessão a estranhos têm preferência, primeiro a sociedade e depois os sócios.

OITAVO — É permitida a amortização de quotas nos casos seguintes:

— a) — Por acordo dos socios;

— b) — No caso de penhora, arresto ou apreensão da quota;

— c) — No caso de a quota ser dada em penhor ou por qualquer forma onerada a favor de terceiros;

— d) — No caso de dissolução de sociedade que seja socia;

— e) — No caso de falecimento ou interdição do titular da quota.

Paragrafo único — A amortização deve ser deliberada no prazo de sessenta dias a contar do conhecimento do facto que a permita.

NONO — O preço da amortização sera sempre correspondente ao valor da quota em função do ultimo balanço aprovado e podera ser pago em quatro prestações semestrais, iguais e sucessivas, a contar da data da respectiva deliberação, vencendo o juro legal.

DÉCIMO — As assembleias gerais, salvo quando a lei exija outra forma, serão convocadas por cartas registadas, com aviso de recepção, expedidas com a antecedência minima de oito dias.

Está conforme ao original, nada havendo na sua parte omitido, em contrário ou além do que neste extracto se narra e transcreve.

Lisboa e referido 14.º Cartório Notarial, aos vinte e nove de Novembro de mil novecentos oitenta e dois

O 3.º Ajudante
(ILEGIVEL)

Joaquim Augusto Henriques Cardoso

AGRADECIMENTO

Sua mulher Maria da Glória Duarte Ribeiro Cardoso, filhos e mais família, agradecem reconhecidamente a todas as pessoas que o acompanharam à sua última morada ou por outra forma manifestaram o seu pesar, não o fazendo directamente por desconhecimento de endereços.

AGÊNCIA «AMARAL»
TEL. 54 58 40 e 83 62 74

TRIBUNAL DE FAMÍLIA DE LISBOA 3.º JUÍZO 2.ª SECÇÃO

ANÚNCIO

Pelo 3.º Juízo do Tribunal de Família — 2.ª Secção — da Comarca de Lisboa, no processo de Divórcio Litigioso n.º 3924, em que é A. Maria Clara da Graça Abreu e R. CHRISTIAN GEORGES BRASSEUR, este residente em parte incerta de França e com ultima residência conhecida em Portugal, na residência da A., sita na Rua Arco de Carvalhão, 103-3.º Esq.º, em Lisboa, correm éditos de 30 dias, contados da data da segunda e ultima publicação deste anuncio, citando o referido Réu para, no prazo de vinte dias, decorrido o dos éditos, contestar o pedido de divorcio litigioso que lhe move a sua mencionada mulher e, no mesmo prazo, deduzir, querendo, oposição ao pedido de assistência judiciaria requerido pela mesma, pelos motivos constantes da petição inicial e cujo duplicado se encontra à sua disposição neste Juízo e Secção.

A A. baseia o seu pedido de divorcio nos termos dos art.ºs 1672.º, 1675.º, 1779.º, al.a) e b), todos do C. Civil e o de concessão do benefício de assistência judiciária, na carência de meios económicos.

Lisboa, 14 de Julho de 1982

O Juiz de Direito,
ANTÓNIO DOS REIS FERNANDES

O Escrivão-Adjunto,
LEONEL SIMÕES DE SOUSA

exclusivo

Estónia

A mais pequena e setentrional das Repúblicas Soviéticas

■ Novosti

A Estónia é a mais setentrional das Repúblicas Soviéticas situadas nas costas do Mar Báltico. Com os seus 45,1 quilómetros quadrados, que incluem mais de 800 ilhas, é também das mais pequenas: O seu território representa apenas 0,2 por cento da superfície total da URSS, sendo habitado por não mais de 1 milhão e 500 mil pessoas. A língua que falam pertence ao grupo sino-ugriano.

O nome «Estónia», assimilado pela maioria das línguas modernas, provém, provavelmente, do vocábulo «eesti», nome atribuído aos habitantes do litoral oriental do Mar Báltico pelo historiador latino Públio Cornélio Tácito, pode-se encontrar palavras semelhantes (eistr, eist (r) ir) na língua dos escandinavos antigos.

O clima da Estónia, favorável para a agricultura, determinou durante muitos séculos a ocupação dos seus habitantes, que eram agricultores e criadores de gado.

Sem dúvida que um viajante atento notará as pirâmides de pedras nos campos lavrados, características da paisagem rural da Estónia. Há milénios que as pedras durante a lavoura vêm à superfície. E cada Primavera, o laborioso camponês estónio junta-as em pirâmides e retira-as, repetindo a mesma operação na Primavera seguinte:

Tallin – cidade antiga e moderna

O centro de Tallin, capital da República, assemelha-se a uma cidade medieval com a sua muralha com portas e torres, casas, fortaleza, municipalidade, igrejas, farmácia, celeiros e moinho a cavalos. O cuidado posto na restauração da «Cidade Velha» como é denominado o centro, valeu aos estónios a Medalha de Ouro da Europa pela preservação da herança cultural.

Em Talin vivem 442 mil pessoas. A cidade proporciona contudo mais de quarenta por cento da produção industrial da República. Aqui, funcionam 4 dos 6 estabelecimentos de ensino superior da República, 5 dos 9 teatros profissionais e 7 institutos da Academia das Ciências da URSS e da Estónia.

Uma vez em cada cinco anos, reunem-se na cidade cantores e bailarinos de toda a Estónia para, em conjunto com o público, celebrar o Festival Republicano da Canção, dando vida a uma das mais velhas tradições estónias.

População essencialmente urbana

Os ritmos mais acelerados de desenvolvimento de Tallin e de outras cidades estónias foram registados nos últimos quatro decénios após a restauração do Poder Soviético na República, no Verão de 1940.

Neste período, a maioria dos estónios passou a viver nas cidades (a população urbana constitui 70,5 por cento dos habitantes da Estónia, ao contrário do que acontecia em 1940). De República agrária a Estónia transformou-se numa potência industrial. A indústria contribui com 63,8 por cento do produto nacional bruto, e a agricultura com 16,7 por cento.

Nos primeiros anos do pós-guerra, as Repúblicas do Báltico foram grandemente ajudadas por outros regiões da URSS, pois era necessário liquidar os estragos provocados pela guerra e elevar a economia da República ao nível de todo o país. Nesse tempo, a produção industrial bruta da Estónia desenvolveu-se em ritmos duas vezes superiores à média nacional. Nos anos do Poder Soviético, o volume da produção industrial da Estónia aumentou 50 vezes. Começaram a desenvolver-se a ritmos ainda mais rápidos a indústria energética, as construções metalomecânicas e a produção de materiais de construção.

A produtividade do trabalho aumentou 15 vezes. Hoje, os camponeses possuem equipamentos modernos. A população agrícola, embora tenha deminuído 3 vezes, produz o dobro do que produzia em 1940. Isto permite que a Estónia, apesar de ser uma República essencialmente industrial, ocupe um dos primeiros lugares do país quanto à intensidade da agricultura.

A Estónia conhece actualmente, um dos períodos de maior actividade no âmbito da parte teatral. Os seus dez teatros profissionais, que incluem um de títeres e dois de ópera e ballet, estreiam por ano 80 peças e levam à cena perto de 250 reposições, totalizando mais de 4 mil espectáculos. Com um milhão e meio de habitantes, frequentam os teatros daquela República do Báltico um milhão e meio de espectadores.

No panorama cultural estoniano e soviético assume particular destaque a actividade do teatro «Estónia», de Tallin.

Oficialmente, o teatro abriu em 1906. No entanto, as suas origens remontam a meados do século passado (1865), quando foi criada a Associação de Canto «Estónia».

Prosseguindo e desenvolvendo uma tradição, o seu programa associa espectáculos de ópera, ballet e comédia musical, alguns dos quais foram grandes êxitos, tanto na URSS como no estrangeiro.

A companhia do «Estónia» integra figuras de prestígio internacional como a do cantor Tiit Kuusik, o baritono Georg Ots, a soprano Anu Kaal e os bailarinos Helmi Puur e Tiit Harm.

Zona antiga de Tallin, a cidade medieval da Estónia

Repertório sempre renovado

Uma das características da actividade é a renovação constante do repertório dos elencos do primeiro teatro de Tallin.

«Esta linha não é apenas seguida por preocupação artística mas por uma necessidade prática» – sublinha o director artístico Arne Mikk, que aponta como razão dessa política teatral o facto da República ter apenas um milhão e meio de habitantes e o seu interesse só pode ser despertado com uma variação constante dos programas.

«Só conservamos no nosso repertório peças cujo êxito está sempre assegurado, como acontece, por exemplo, com os espectáculos de ópera e ballet «Il Trovatore», «La Traviata», «O Lago dos Cisnes» ou «Giselle». As outras representações não vão além de duas ou três temporadas», salienta o director do «Estónia».

A preocupação em captar as atenções do público será por certo uma das razões do «Estónia» ter sido o primeiro teatro, a levar à cena na União Soviética obras importantes da música e do ballet mundiais, nomeadamente «Regimento», de Donizetti. «A Execução de Stépan Razine», com música de Dmitri Chostakovitch baseado num poema de Evgueni Evtuchenko. «Mavra», «O Libertino», «O Beijo da Fada» e «Orfeu», de Igor Stravinski e «Il Turco in Itália», de Rossini.

Uma outra preocupação do «Estónia» é a representação assídua de obras de autores nacionais. Contam-se, entre os seus grandes êxitos, a ópera «Cyrano de Bergerac», de Heino Tamberg, o ballet «A História de Anselmo», de Lepo Sumer, o ballet-cantata «Baladas Estonianos», de Velo Tormis e algumas comédias musicais.

«Cada uma destas criações permitiu-nos descobrir novos talentos e experimentar géneros cénicos diferentes» – diz Arne Mikk que, ao referir-se aos solistas, salienta que eles não se cingem à aprendizagem da escola vocal estoniana e buscam novos estilos e métodos de canto. «Um grupo de cantores que fez estágio no «Scala» de Milão, canta não só clássicas italianas, mas obras do século XX», sublinha o director artístico do «Estónia».

O corpo de bailado do «Estónia», caracterizado por um elevado nível profissional e um repertório muito próprio, é dirigido há mais de 10 anos por Maj Murdmaa conceituada coreógrafa cujos trabalhos foram requisitados em diversos festivais internacionais. «Os temas actuais dominam as suas coreografias, traduzindo o desejo dos artistas em representarem a vida, com o seu ritmo e estilo actuais, de revelar, através da dança, a psicologia do universo espiritual do homem», afirma Arne Mikk.

Murdmaa que coreografou 30 peças baléticas, conta entre as suas realizações de maior êxito «O Filho Pródigo» com música de Prokofiev, «Prometheu», de Beethoven, «Oresteia», de Falik e «A História de Anselmo», de Sumer e «Baladas Estonianas», de Tormis.

Um jornal com tiragem superior à população do país

«Noikogide Hiiumaa». Um nome desconhecido de um país pouco conhecido. «Noikogide Hiiumaa»: o nome de um jornal que não vem nos guias especializados do «How is How». O que é natural, pois trata-se de um pequeno jornal, editado num pequeno país. «Noikogide Hijumaa», contudo, poderia ser considerado como um dos jornais com maior índice de tiragem por habitante do mundo...

Imagine-se uma pequena ilha banhada pelas amenas águas do mar Báltico, semelhante a tantas outras que orlam as costas do golfo da Finlândia ou do golfo de Bótnia, mais lá para os lados da Escandinávia. Uma ilha povoada por pacatos camponeses e pescadores, ocupados no labor do dia-a-dia, com três ou quatro cooperativas agrícolas, uma cooperativa pesqueira, uma ou outra pequena empresa industrial, algumas lojas, e pouco mais. Seis mil habitantes, ao todo, numa superfície pouco maior que a da ilha da Madeira, mas situada muito mais perto do litoral continental, assim como as Berlengas.

Em ilhas pouco habitadas como essa, naquelas regiões setentrionais, com comunicações e meios de transporte frequentes e fáceis, não é comum encontrar-se jornais regionais. Em geral, os seus habitantes têm a Rádio ou a Televisão, para saber o que se passa no país e no estrangeiro. Os mais interessados, recorrem geralmente à assinatura de um outro jornal ou revista de maior circulação, enviada regularmente pelo correio.

Em Hiiumaa, porém, a ilha que se imagina, mas que não é imaginária, acontece uma coisa extraordinária, sob a forma de um jornal local que conseguiu a proeza de alcançar uma tiragem superior ao número de habitantes da ilha! Qualquer coisa, como 10 000 exemplares, três vezes por semana. Uma média diária superior a 4000 exemplares, numa população de 6000 habitantes... Quase um exemplar por habitante!

Este fenómeno, do «Noikogide Hiiumaa», tem, naturalmente, a sua explicação: um arreigado apego dos ilhéus à sua terra, à mistura com arreigados hábitos de leitura de um povo onde o analfabetismo deixou praticamente de existir há cerca de 40 anos. Para os que deixam a ilha, «Noikogide Hiiumaa» é um meio de ligação constante a ela.

Com efeito, mais de metade da edição do jornal é enviada, por via marítima e área, aos seus assinantes, que tanto podem encontrar-se nalguma localidade do litoral em frente, a uns escassos trinta quilómetros, como a bordo de algum arrastão oceânico, a milhares de milhas de distância. Porém, por mais arreigado que seja o apelo de um ilhéu à sua terra natal, por maiores que sejam os hábitos de leitura de uma população, sem meios materiais e humanos de produção, feitura, transporte e distribuição, e sem uma imprensa tão barata que um jornal custa o equivalente a 3$00, o fenómeno de Hiiumaa não seria possível.

Um pouco por toda a Estónia...

Os meios, esses dispõem-nos os ilhéus a nível do seu país. O que se passa em Hiiumaa, se bem que notável, passa-se um pouco por toda a parte nesse país, que se chama Estónia.

Com uma superfície correspondente a cerca de metade de Portugal, e apenas milhão e meios de habitantes, a Estónia possui uma imprensa com um nível de leitura impressionante. Nesse país, cada família assina e compra em média, 3 a 4 jornais e revistas, e no campo, onde vive perto de metade da populaião, a média é ainda mais elevada.

O maior diário, o «Rahva Haal», editado na capital Tallin, chega a qualquer camponês, por mais afastado que esteja na cidade, o mais tardar às 5 da tarde, a hora em que é hábito no campo ler o jornal. A sua tiragem, 165.000 exemplares, corresponderia, se se fizesse um paralelo com a imprensa portuguesa, a uma tiragem de, pelo menos, 300.000 exemplares, para um jornal da importância do «Diário de Notícias». O vespertino de Tallin, «Ohtuleht», tira, por sua parte, 120.000 exemplares, o que é igualmente notável, pois a população da cidade pouco ultrapassa os 400.000 habitantes.

Em Tartu, a segunda cidade do país, com cerca de 100.000 habitantes, edita-se um jornal distrital de 8 páginas, o «Edasi», com número de exemplares idêntico àquele. O jornal preferido pelos jovens, «Noorte Haal», atinge os 155.000 exemplares. Jornais especializados, com o «Noiiogude Natie», destinado ao público feminino, o «Sirp ja vasar», literário, ou o «Spordileht», desportivo, situam-se entre os 90 e os 50 mil exemplares.

No total, publicam-se nesse país do leste do Báltico mais de 40 jornais, dos quais para cima de 30 são diários, com uma tiragem média da ordem dos 20.000 exemplares. Deles, 8 são publicados também em língua russa, destinados aos cidadãos de nacionalidade russa, que constituem cerca de 22 por cento da população da Estónia.

No campo das revistas e outras publicações periódicas, o panorama é semelhante. Mais de 100 publicações, das quais cerca de 80 são revistas, com uma tiragem média próxima dos 15.000 exemplares. A de maior tiragem, «Pikker», um semanário humorístico, tem 56.000 exemplares. «Esti loodus», a revista dos ecologistas, chega aos 50.000. «Lomming», uma revista de Literatura editada pela União dos Escritores da Estónia, ultrapassa os 30.000 exemplares. ■

DESPORTO

ponta esquerda

Sem polícia: futebol distrital corre perigo de suspensão

Comunicado da Associação de Futebol de Lisboa:

«Tem-se verificado que após a publicação do Despacho Normativo N.º 254/82 de 23/11 inúmeros jogos dos campeonatos distritais não se têm realizado por ausência de forças policiais que garantam as indispensáveis condições de segurança, nos campos de jogos.

«Tais ausências, segundo versão dos diversos Comandos contactados, devem-se à falta de efectivos que garantam o cumprimento referido Despacho Normativo. Isto é: a gratuitidade do serviço prestado pelo pessoal das forças policiais até ao número de 3 elementos, nos jogos dos campeonatos distritais e naqueles em que não sejam cobrados bilhetes de entrada.

«Até então, e segundo informações dos próprios Comandos, tal problema não sucedia uma vez que todo o serviço policial nos campos de futebol, era remunerado como serviço extraordinário.

«Sendo um problema que ultrapassa as estruturas do futebol e a que elas estão completamente alheias, as Associações Regionais reunidas em Lisboa deliberaram enviar ao Primeiro-Ministro, ao ministro de Estado e da Qualidade de Vida, ao ministro da Administração Interna e ao secretário de Estado dos Desportos, o seguinte telegrama: **Associações Regionais reunidas em 8 de Dezembro 1982, deliberaram dar conhecimento V. Ex.ª seguintes factos: Após publicação Despacho Normativo N.º 254/82 de 23/11 tem-se verificado não comparência forças previamente requisitadas policiamento inúmeros jogos Campeonatos Distritais o que originou seu adiamento por ausência condições segurança. Porque esta situação acarreta graves problemas desportivos e financeiros informamos que a manter-se tal situação encaramos hipótese e suspensão Campeonatos supra caso não seja dada garantia cumprimento Despacho referido o que muito lamentaríamos. Cumprimentos. Associações de Futebol de Aveiro, Beja, Braga, Castelo Branco, Coimbra, Évora, Faro, Funchal, Guarda, Leiria, Lisboa, Portalegre, Porto, Santarém, Setúbal, Vila Real, Viseu e Viana do Castelo.**

«A A.F.L. ficará entretanto aguardando a resolução deste problema dentro dum prazo razoável, findo o qual será provavelmente forçada a interromper os campeonatos, caso não lhe sejam dadas garantias da comparência das forças de segurança nos campos para onde são requisitadas».

Maradona sofre de hepatite

Diego Maradona, a vedeta argentina do F. C. de Barcelona, não poderá jogar durante um período de três a seis meses, devido a sofrer de hepatite viral. A notícia (anunciada em lacónico comunicado do clube catalão) teve o efeito de uma bomba entre os meios locais ligados ao desporto, sobretudo porque a indisponibilidade do jogador coincide com um mau momento para o clube, que atravessa fase difícil, principalmente desde a derrota com o Atlético de Bilbau, no domingo passado.

Estoril: maratona no autódromo

O Autódromo do Estoril vai ser utilizado pela primeira vez para uma prova de atletismo, a realizar no domingo.

Trata-se da maratona «Spiridon», para a qual estão já inscritos 223 atletas, númerm máximo at'até agora alcançado em Portugal, informou a revista «Spiridon», responsável pela organização da prova. Dos atletas inscritos destacam-se os nomes de Aniceto Simões, Cidálio Caetano, Armando Aldegalega e Renato Graça.

A prova, que será ccorrida na distância de 42 quilómetros, 195 metros, é disputada por 52 atletas veteranos, 9 juniores masculinos, 7 femininos e 155 seniores masculinos. A corrida tem o patrocínio, entre outras entidades, da Câmara Municipal de Cascais.

Ciclismo lisboeta tem novo rumo

A Associação de Ciclismo do Sul, reuniu-se em assembleia geral para discussão e aprovação do relatório da gerência do ano corrente e eleição de novos corpos gerentes para o próximo ano. Estiveram presentes os clubes inscritos: Pinheiro de Loures, Carnide, Manique, Jackport, Azur, Fonsecas e Dimope.

António Chambel, deixa o cargo de presidente da Direcção, passando para vice-presidente da Assembleia Geral, ficando no seu lugar Henrique Castro antigo ciclista do Benfica.

António Chambel leu o «Relatório da Direcção» e a seguir referiu algumas considerações, sobre o diferendo que opõe a Federação à Associação (no que se refere a saldos de contas) e sobre o problema que se arrasta à algum tempo, com os juízes e cronometristas. Declarou ainda que o dinheiro da venda da Volta (que pertencia à Associação) chegou tarde, por isso não foi possível organizar mais corridas para as camadas jovens. António Chambel afirmou que os gastos com as Brigadas de Trânsito da GNR, atingiram os 500 contos. Por seu lado, a Associação recebeu 300 contos de subsídio para organizar provas.

Esta assembleia decorreu sem qualquer desentendimento entre os presentes foram aprovados por unanimidade sócios de mérito, o Sport Clube Escolar Bombarralense e a Câmara Municipal de Loures. A de Torres Vedras seria também aprovada mas por maioria.

Novo elenco dictivo da Associação lisboeta:

Assembleia Geral: dr. Artur Moreira Lopes, António Chambel, Luís Henry Gris e António Augusto Tavares. **Direcção:** Henrique Ventura Correia de Castro, José Diogo Calado, Fernando da Conceição Dias, Orlando Daniel das Neves, Manuel Soares Amaro, António Correia da Rocha, Raul Quintão Justo, Olímpio Ribeiro da Costa Soares, Carlos Lourenço de Oliveira, Arlindo Janota Grilo e Lino Fernandes. **Conselho Fiscal:** Jaime de Almeida Vicente, José

Henrique Castro: do pedal à direcção

Gonçalves Martins, Luís Gentil Homem, Marina da Conceição Pedreiro Dias e Augusto Martins Domingues. **Conselho Técnico:** Fernando Gonçalves Gomes, Rui Pereira dos Santos Simão, António José Fernandes, Arnaldo Valentim Pardal Peléve e Alcides Sousa Marques. **Conselho Jurisdicional:** dr. Américo Furtado Mateus, dr. Alfredo Gaspar e eng.º Jaime Ribeiro.

Malveira: Atlético em festa

No próximo sábado, pelas 18 horas, realiza-se a Festa de Natal do Atlético Clube da Malveira, dedicada aos filhos dos atletas e aos praticantes mais jovens do clube, o que se considera uma atitude inédita na colectividade.

O espectáculo decorrerá no salão de festas dos Bombeiros Voluntários da Malveira e terá a colaboração do Rancho Folclórico Infantil da Casa do Povo de Vialonga, da ex-actriz de cinema Maria da Graça (agora a viver na região) do Grupo de Música e Cantares Rés-do-Chão Esquerdo e da Associação de Amizade Portugal-RDA que cedeu um filme sobre formação desportiva que será exibido no início do estpectáculo.

No mesmo dia, às 15 horas, no Campo das Seixas, o Atlético defronta o Águias de Camarate para o Campeonato Distrital de Futebol da 1.ª Divisão.

De notar o incremento do Atlético Clube da Malveira desde que é presidido pelo jornalista e radialista Fernando Correia.

Placard

Ténis de 1.ª

Ivan Lendl encabeça a equipa da Checoslováquia que defrontará o Paraguai, em Março, para a Taça Davis, informa a Federação Checoslovaca de Ténis. A equipa será composta pelos jogadores Ivan Lendl, Tomas Smith, Pavel Slozil, Stanislav Birner e Jaroslav Novratil. A equipa do Paraguai será chefiada por Victor Pecci que terá como principal acompanhante o porto-riquenho Francisco Gonzalez. Os paraguaios eliminaram sucessivamente o Perú, o Uruguai, o Equador e o Canadá até chegarem a esta eliminatória, que será disputada nos dias 4 e 6 de Março de 1983.

Correr em Coruche

Com organização da Câmara Municipal de Coruche, Grupo Desportivo «O Coruchense e Comissão de Atletismo de Coruche, realiza-se naquela vila no próximo dia 19, a partir das 10 horas, o «III Grande Prémio de Natal de Atletismo.

Patinagem artística: títulos para juniores

A revelação norte-americana, Christopher Bowman (15 anos) ganhou, em Sarajevo, (Jugoslávia) a medalha de ouro dos campeonatos do Mundo de juniores de patinagem artística para a prova individual masculina. Classificação da prova: 1.º Cristopher Bowman (EUA), 2,8 pontos; 2.º Fhilipe Roncolli (França), 5,8 pts; 3.º Niels Koepp (RDA), 8,8 pts.

A austríaca Parthena Sarafidis ganhou as provas das figuras impostas. Classificação da prova: 1.º Parthena Sarifidis (Áustria), 0,6 pts; 2.º Karin Hendschke (RDA), 1,2 pts; 3.º Somine Koch (RDA), 1,8 pts.

Por seu lado o par soviético Tatjana Gladkova Igor Spilberg triunfou na prova de dança. Classificação: 1.º Tatjana Gladkova-Igor Spilberg (URSS), 1 ponto; 2.º Helena Novikova-Oleg Blajhman (URSS), pts; 3.º Chistine Chiirad-Martial Mette (França), 3,4 pts.

Ah, este País...

Duzentos quarenta e cinco associados do Benfica estiveram no pavilhão do Estádio benfiquista até que, insolitamente ou talvez muito a propósito, a iluminação faltou e saiu-se da Luz com uma fatia da plateia sem poder abrir a boca e outra metade ainda entusiasmada por ter dado apoio tácito à resistente direcção de Fernando Martins.

Os juniores futebolistas foram de passeio a Espanha e, para não fugirem à regra, regressaram mais derrotados pela plateia que pelos parceiros de joguinho.

O treinador Celestino Ruas diz cobras e lagartos da sua passagem pelo Estoril, onde (segundo afirma) ainda lhe devem quatro meses de ordenado e o prémio de permanência no escalão maior do jogo indígena

Fernando Cruz, o mais prometedor dos avançados do nosso pontapé na bola, prepara-se para assentar arraiais em Alvalade: certamente pedirá passagem para o melhor bloco e alguém vai deixar de sonhar alto.

António Garrido arbitra na Bélgica depois de se despedir por cá: o lugar que ocupa na lista da FIFA e da UEFA, que tão depressa está vago como continua preenchido, foi já oferecido a Rosa Santos, mas Veiga Trigo é que não se conforma com a escolha do conterrâneo bejense, ao que se diz porque também a política anda metida nisto.

A pedrada na perna de Chalana, domingo último na Tapadinha, provoca inquérito federativo ao Atlético: melhor seria que, identificado claramente o energúmeno que assinou o acto (quem sabe se irreflectido), deixassem em paz e sossego um clube que nada tem a ver com uma asneira de carácter individual praticada por um mero e simples espectador, com o qual não se irmana.

É assim: viaja-se entre o ódio e a benevolência, entre o respeito e o desputor, entre o compromisso e a palavra amesquinhada, entre a ambição e a simplicidade. Ora digam lá: por que razão é que o Desporto, um milímetro sequer, não havia de identificar claramente o País em vivemos?

Neves de Sousa

assim vai o TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 68 DE 19 DE DEZEMBRO DE 1982

A Comarca de Arganil, 112 11X 1X1 XX1X; Rádio Totobola, 112 11X 1XX X2X2; O Diário, 112 X1X 1X1 221X; Correio de Coimbra, 112 11X 111 11X2; Correio do Vouga, 112 11X 111 22X2; Defesa de Espinho, 11X X12 X1X 22X1; Diário de Lisboa, 11X 111 1X1 2X12; Ecos do Cacia, 112 X1X 1X1 1212; Folha do Domingo, 112 112 11X 1212; Gazeta das Caldas, 11X X1X 11X 1212; Jornal da Beira, 112 11X 111 2X12; O Jornal de Felgueiras, 112 11X 1X1 X212; O Jornal da Lixa, 112 11X 11X 111X; Jornal de Sintra, 112 112 12X X21X; Jornal Linhas de Elvas, 112 111 111 1XXX; Notícias de Évora, 112 11X 111 XX12; Notícias de Felgueiras, 112 11X 1X1 1X12; Jornal a Ordem, 112 11X 11X 2212; Rádio Altitude, 11X 11X 11X 22X2; Reconquista, 11X 111 1XX 2X22; RDP/Secção Desportiva, 112 11X 1XX X11X; A Voz das Beiras, 11X X12 X1X 2212; A Voz do Domingo, 112 112 111 XX12; Voz de Lamego, 112 11X 121 1X11; A Voz de Palmela, 112 11X 1X1 X2XX; RDP/Tempo Desporto, 112 X1X 1XX 11X2; Música e Não só, 11X 11X X1X 21X2; RDP-/Ponto de Encontro, 11X X12 1X1 X2X2; Pátio das Cantigas, 112 X1X 11X X22X; Café com Leite, 112 11X 1X1 1X1X; Bola Branca, 11X X1X 1X1 22X2; Manhã, Manhã, 112 X11 111 X212; Rodapé, X1X 11X 12X 21X2; Alvo Desportivo, 111 111 111 1111; O Comércio de Leixões, 112 11X 1X1 2XX2, Estúdio 64, 112 X11 X2X 2112; Jornal da Graça, 112 112 XX2 XXX2; Manchete Desportiva, 112 111 111 2X12; Penalty, 112 111 111 X2X2; O Primeiro de Janeiro, 112 111 111 X2X2; Quadrante Norte, 11X 11X 111 X2X2; Rádio Alvo, 111 XX2 2X1 11X1; Repórter do dia, 112 X12 1X1 X1X2; Resenha Desportiva, 112 X12 1X1 X1X2; A Voz dos Ridículos, 11X 111 11X 1112; Jornal o Porto, 11X 11X X1X 2X12; Jornal «A Voz do Ave», 1X2 111 1XX 1112; Rádio Placard 111 111 111 1111.

		1	X	2 a)
[illegible]	[illegible]	11	1	1
[illegible]	[illegible]	11	1	1
[illegible]	[illegible]	1	[illegible]	8
[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	1
[illegible]	[illegible]	11	1	1
[illegible]	10	3	7	2
[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	1
[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	1
[illegible]	[illegible]	[illegible]	4	1
[illegible]	[illegible]	4	4	4
[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	6
[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	1
[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	9

a) [illegible]

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:

112 11X 111 X212

DESPORTO

colunáveis

Incontestavelmente que o grupo «Os Cinquentenários» formam, dentro do Sporting, um escol de verdadeira elite, pela representatividade que sempre têm em todos os actos de primeiro plano da colectividade de Alvalade. No decorrer do próximo almoço de convívio (domingo, às 13, no salão de festas do clube verde-branco) **Os Cinquentenários** mostram aos seus convidados o salão de Bingo e outras instalações que crescem no património do «leão».

Figura prestigiada do Sport Lisboa e Benfica, o dedicado antigo dirigente **Justino Pinheiro Machado** é um dos elementos que integra a comissão eleitoral que vai escolher os nomes a apresentar a sufrágio para a nova direcção. Ao lado de Pinheiro Machado estão Germano Campos, Fezas Vital, Roman Novarro, Hélder Viegas, João Matos Chaves e José Maria Gaspar. Esta comissão vai pronunciar-se até ao fim do mês corrente

A arbitragem futebolística anda num virote. Para a vaga internacional deixada por António Garrido a corrida acelerou nas últimas semanas, curiosamente com dois juízes bejenses lutando pela melhor classificação possível. Subitamente, a decisão do Conselho de Arbitragem: o distinguido é Rosa Santos o que provocou imediatamente no conterrâneo **Veiga Trigo** (31 anos) o pedido de suspensão de actividade por três meses e a impugnação da escolha feita pelo dr António Marques.

Manuel Fernandes adjunto de Oliveira? A notícia tem corrido mas, ao que nos informam do próprio Departamento de Futebol do Sporting, «não tem fundamento». De qualquer modo, não, seria muito incrível que o popular «capitão» dos verde-brancos» desse uma mãozinha ao colega na orientação do «team» que defende o título nacional

Amanhã: Sporting no Estoril sem transmissão pela RTP

Embora o Estoril Praia tivesse chegado a acordo com a RTP para que o jogo de amanhã, na Amoreira, entre os «canarinhos» e o Sporting fosse directamente transmitido pela RTP, os «leões» não acederam, ao que nos disse esta manhã o secretário-geral Armando Biscoito **porque tudo foi tratado muito em cima da hora e o Sporting não quer prejudicar os seus associados que têm o programa de fim-de-semana organizado, especialmente os que residem fora de Lisboa.**

Por outro lado, estando marcado para se realizar às 15 e e0, o jogo Estoril-Sporting colide com o embate Salgueiros-Sporting de Braga, que à mesma hora tem lugar em Paranhos (Porto), pelo que sem mudança de horário autorizada federativamente não pode ter transmissão directa via TV. O mais que o Estoril pode lucrar é na venda dos 20 minutinhos da praxe antiga, mesmo assim se o Sporting aceitar uma compensação. **TV em directo ou mudança de hora do jogo não são possíveis** – ainda segundo a valavra autorizada do dirigente sportinguista Armando Biscoito.

Castigos federativos

Na sua reunião desta semana, o Conselho de Disciplina da FPF aplicou os seguintes castigos:

Taça de Portugal: 1 jogo – Virgílio Pires (Sintrense), Manuel Semedo (Estrela de Portalegre), Carlos Barão (Comércio e Indústria), Geraldo Filho (Nacional da Madeira, Américo Fanqueiro (Leça), António Oliveira (Riopele), Quim Manuel (Marítimo), Joaquim Moreira e José Carlos Gonçalves (Oliveirense), Francisco Gonçalves (Gil Vicente), João Cabral e Jorge Oliveira (Alcobaça), Jorge Martins, Jorge Coutinho e João Newton (União da Madeira), Luís Caldeirinha (Esperança de Lagos), João Machado (Moitense), Daniel Martins (Paços de Ferreira) e José Marques (Vialonga). Com 3 jogos: Manuel Raimundo (Valdevez) e Mário Prazeres (Guarda). Entretanto, foi mandado instaurar processo de inquérito ao Atlético e o treinador Orivaldo Nascimento (Guarda) foi suspenso por dez dias e sofreu a multa de 500$00.

Em jogo realizado ontem, à noite, a contar para o Campeonato de Reservas da AFL da I/II Divisões, o Odivelas ganhou, por 2-1, ao Estoril. A equipa de arbitragem dirigiu-se primeiramente ao Estoril, sem conhecimento de que o encontro se disputava em Odivelas, pelo que o jogo se iniciou mais de uma hora de pois do previsto.

Diamantino prolonga contrato benfiquista

Por mais três anos ficou firme a ligação entre o Benfica e o jovem extremo Diamantino, outra renovação com a assinatura de Fernando Martins e da sua gerência.

Alder Dante distinguido

Alder Dante (auxiliado por João Rosa e Francisco Silva) será o árbitro da partida particular Portugal-Holanda (esperanças) que se disputa amanhã, pelas 21 e 30, no Estádio de S Luís (Faro).

Festa belenense

Para apresentação do novo recruta brasileiro Edmilsson, o Belenenses joga na próxima 4.ª feira (21 horas) com o Benfica, actuando os «teams» principais dos dois clubes.

Pietra lesionado

No decorrer do treino da selecção nacional, o defesa benfiquista Pietra lesionou-se no pé esquerdo, havendo suspeita de roptura de ligamentos.

Safet Susic: o jugoslavo contratado pelo Paris Saint Germain

Alvalade apetrecha-se

O Sporting ganhou a corrida pela contratação do sadino Fernando Cruz: três épocas é a duraçao do compromisso já rubricado.

Juniores perdem

A selecção portuguesa de juniores perdeu por 0-1 com a de Espanha em encontro particular de futebol realizado em São Benito, a cerca de 100 quilómetros a Norte de Badajoz. O único golo da partida foi apontado aos 20 minutos, na conversão de uma grande penalidade, por Reyes. As duas selecções alinharam.

Espanha: Liano (Villanueva, após o intervalo); Quique, Juanjo, Giner e Blanco; Júlio, Cabrero (Gonçalo, 50 minutos) e Reyes (Casalles, 55 minutos), Manolo (Jaime, 75 minutos), Montes (Sarriugarte, 60 minutos) e Pardeza.

Portugal: Sérgio, (Sporting); depois Mota (Nazarenos, aos 78 minutos); Carlos Manuel (Vitória de Setúbal), Carvalhal (Sporting) de Braga), Morato (Sporting) e Décio (Benfica), depois Fonseca (Benfica, aos 60 m); Joaquim Alberto (Braga), depois Cristovão (Benfica, 60 m); Hernâni (Benfica) e Jorge Oliveira (Benfica), depois Barrocal (Benfica, 75 m); Semedo (F. C. Porto), Chico Faria (Benfica) e Futre (Sporting), depois Paulo Viana (Guimarães, após o intervalo).

Lamego: festa

Integrado no programa de inauguração do relvado do Estádio dos Remédios, a turma futebolística do FC Porto defrontou, o Sporting de Lamego, vencendo por 5-0 numa partida que teve a duração de 80 minutos. Dia de festa em Lamego, atraso das cerimónias, o jogo iniciou-se muito tarde e o árbitro teve de antecipar o seu termo em dez minutos, devido à falta de iluminação. Sob a arbitragem de Mário Fonseca (de Viseu), as equipas alinharam inicialmente:

Sporting de Lamego: Maia; João Manuel, Festa, José Maria e António Caride; Santos, Guilherme e Rui Manuel; Cirilo, Chico Caride e Canelas.

FC Porto: Zé Beto; Eduardo Luís, Simões, Eurico e João Pinto; Rodolfo, Quinito e Walsh; Gomes, Sousa e Costa.

Durante a segunda metade efectuaram-se substituições, sendo os golos marcados por Eurico (2 m), Gomes (38 m), Sousa (46 m), Júlio (65 m) e Romeu (80 m).

Eriksson no Standard de Liège

O defesa sueco Jan Eriksson (de 20 anos) um dos mais firmes valores do A.I.K. de Estocolmo, assinou um contrato profissional que o levará a envergar a camisola do Standard de Liège (Bélgica) até Junho de 1984. O A I.K. reservou uma opção sobre o jogador para o fazer regressar às suas fileiras em 1984 (precisou Roger Petit, presidente do clube belga, sem revelar o montante da transferência. No Standard de Liège alinha já o «internacional» sueco Benny Wendt.

Demissões na gerência sportinguista

Alegando fortes razões pessoais, Paulo Abreu e Agostinho Abade (vice-presidente do Sporting) enviaram a João Rocha cartas a abdicarem dos seus cargos.

Chapman: desaparece uma personalidade

Colin Chapman, fundador e proprietário da empresa construtora dos automóveis «Lotus», morreu na Grã-Bretanha, vítima de ataque cardíaco. Chapman 54 anos, faleceu na sua residência de Kettringham, a norte de Londres.

Fundador da «Lotus» (em 1955) a sua equipa de pilotos venceu seis campeonatos mundiais que deram à Inglaterra a supremacia nos circuitos automobilísticos. Filho de um pequeno comerciante, Chapman deu os primeiros passos na construção de automóveis aos 24 anos, numa oficina de Londres, quando comprou um motor «Ford», em segunda mão, pela módica quantia de oito dólares (cerca de 720 escudos). Mais tarde conseguiu construir o modelo seis da «Lotus» e foi impondo a marca conduzindo, ele proprio o veículo

Em 1955 um «Lotus» venceu o Circuito de Le Mans (em França) e um ano depois foi apresentado o primeiro «Lotus» de Fórmula 2 no Salão Automóvel de Londres.

Nesse mesmo ano, Chapman introduziu a sua grande revolução técnica: situou o motor entre o condutor e o eixo traseiro. O desenho de automóveis de Fórmula 1 jamais voltaria a ser igual aos dos tempos que precederam o «Lotus»

Desde a sua fundação a «Lotus» conseguiu 72 vitórias em «grandes prémios» de Fórmula-1 e conquistou o título mundial com Jim Clark, (em 1963, 1965), Graham Hill (1968), Jochen Rindt (1970) Emerson Fittipaldi (1972) e Mário Andrettti (1978).

Os pilotos consideravam Chapman um homem muito exigente mas apesar de tudo, fê com essa procura do perfeit que muitos deles venceram grandes premios e foram catapultados para a fama proporcionada pelos louros da vitória no desporto automóvel.

Hóquei patinado: como fica o mapa do nacional de 2.ª

A Federação Portuguesa de Patinagem elaborou o escalonamento dos 63 clubes concorrentes ao Nacional da 2.ª divisão de hóquei patins, a realizar esta época. Dividida, em cinco zonas, a prova incluirá duas séries em cada uma, ficando os vencedores apurados para uma «poule» final. No entanto, as Zonas da Madeira e dos Açores terão apenas uma série.

As zonas e as séries ficaram assim estabelecidas: Norte, Série A; Grundig, Académico de Braga, Académico (Porto), Estrela e Vigorosa, Vizela, Fânzeres, Juventude Pacense, Barcelos, Riba de Ave e Paredes; Série B: Académica de Espinho, Ovarense, Ferpinta, Escola Livre (Oliveira de Azeméis), Valadares, Águias do Porto, Carvalhos, Estarreja, Paço de Rei e Régua.

Centro, Série C: Académica de Coimbra, Benfica das Caldas, Minas da Panasqueira, Oliveira do Hospital, Hóquei de Leiria, Turquel, Sporting Marinhense, Termas (S. Pedro do Sul) e União de Seia; Série D: Torres Novas, Stella Marias (Peniche), Tigres de Almeirim, Alenquer e Benfica, Sporting das Caldas, Sporting de Torres Vedras, Rossiense, Vilafranquense e Entroncamento.

Sul, Série E: Campo de Ourique, Futebol Benfica, Alverca, Queluz, Cascais, Sintra, Liga de Algés, Parede e Santos da Venda Nova; Série F: Estrela do Areal (Sines), Azeitonense, Desportivo de Beja, Estremoz, Alcochete, Quimigal, Hóquei Clube de Évora e Aljustrelense.

Madeira: Associação Desportiva de S. Vicente, Clube Desportivo da Camacha, Clube de Futebol União Marítimo e Salesianos, Açores – Micaelense, União Sportiva e Santa Clara

O sorteio dos jogos efectuar-se-á no dia 21, às 18 e 30, na sede da Federação.

Hóquei no CACO

O antigo «internacional» Américo Solipa é o novo treinador da equipa de hóquei em patins do Campo de Ourique.

FUTEBOL DE SALÃO

Torneio do Atletico, C. P.

Pavilhão da Tapadinha

FASE FINAL

NOS DIAS 18 E 19 DE DEZEMBRO

SÁBADO 19-30 H.

DOMINGO 18-30 H.

sorteio de um rádio da marca AIWA entre os espectadores

OFERTA

R. Capitão Leitão, 47-A

TEL. 276631

ALMADA

GUP

10

Texto **Laurence Harle**

Desenhos **M. Blanc-Dumont**

continua

«Depois do Modernismo» em Janeiro

Exposições, espectáculos e colóquios vão preencher, de 7 a 27 de Janeiro do próximo ano, a iniciativa «Depois do Modernismo», organizada por um grupo de artistas de que fazem parte Cerveira Pinto, Leonel Moura, Michel Alves Pereira, Carlos Zíngaro e Nuno Carinhas.

Uma exposição de Artes Visuais na SNBA, com trabalhos de 16 artistas plásticos, uma exposição de trabalho de mais de 40 arquitectos, outra relativa aos últimos cinco anos de actividade no sector, e uma quarta sobre Moda («Proposta de fato de trabalho para um artista pintor»), são algumas das manifestações previstas.

Sé da Guarda e Castelo de Montalegre: a recuperação

A conversação da Sé da Guarda vai ser apoiada pelo Conselho Científico do Atlântico Norte, afirmou ontem à ANOP o governador civil da Guarda.

Acrescentou ainda que algumas pedras dos fechos da abóbada encontram-se já salientes, em virtude das trepidações provocadas nos contrafortes pelo agravamento do movimento rodoviário dos últimos anos.

O castelo mediával de Montalegre (Vila Real), por seu turno, vai ser recuperado por iniciativa do município local.

Maestro Lopes Graça: medalha de aniversário

A Academia de Amadores de Música decidiu mandar cunhar uma medalha comemorativa do 75.º aniversário do maestro Lopes Graça, que lhe será entregue hoje à noite na Casa do Alentejo, durante uma sessão de convívio organizada pelos elementos do Côro da Academia.

A medalha é do escultor Hélder Baptista.

Clara Malraux: a morte aos 84

Com 84 anos, faleceu na passada quarta-feira Clara Malraux, viúva do célebre escritor André Malraux, e ela própria autora de várias obras.

Clara Goldschmidt (em solteira) conheceu Malraux em 1920, partilhando com ele a vida durante 28 anos. Uma das suas obras mais célebres é «Le Bruit de nos pas», onde retrata a sua vida desde a infância até 1968.

«Ana» de António Reis na Cinemateca

O último filme de António Reis e Margarida Cordeiro, «Ana», é projectado hoje à tarde na Cinemateca Portuguesa.

Após a exibição do filme, terá lugar uma palestra proferida por Antoine Bonfanti, engenheiro de som de vários filmes protugueses e da maioria das películas da nova vaga francesa, nomeadamente Godard.

Festival de curtas-metragens em Huesca

O Festival Internacional de Curtas-Metragens, que se realiza em Huesca (Espanha), dedica este ano uma secção ao cinema militante latino-americano.

No segundo dia do certame, foram exibidas películas cubanas e espanholas.

Em sessão de carácter retrospectivo, foram projectados documentários do tempo do Franquismo.

BATAS PROFISSIONAIS
ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
TINTURARIA GUANABARA – Dep. de Confecções
Av. João XXI, 6-D - 1000 (metro Areeiro) - Rua Infantaria, 16-B-C - 1300 LISBOA

Com o piso molhado aumente a distância em relação ao veículo da frente.
circular e viver

2 RODAS 2 vezes mais atenção!

CML "não deite papeis no chão"

XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura

A Décima Sétima Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura será inaugurada a 7 de Maio, prevendo-se que se prolongue até 2 de Outubro, anunciaram ontem os organizadores, em conferência de Imprensa.

A exposição, organizada sob os auspícios do Conselho da Europa, destina-se a celebrar as grandes descobertas marítimas de Portugal, nos séculos XV e XVI, e apresentará os meios científicos e técnicos que os tornaram possíveis, evocando igualmente os testemunhos artísticos e arquitecturais da troca de contactos entre a Europa e o resto do Mundo, trazidos por esses descobrimentos.

A religião, o comércio, a busca de exotismo, o desafio tecnológico, a evolução das concepções nos domínios jurídico e social, a abertura de novas perspectivas artísticas e culturais do período das Descobertas serão testemunhados pelas cerca de 1700 obras expostas, das quais cerca de 1100 pertencentes a instituições portuguesas.

«A exposição será um acto de alegria de Portugal com a Europa e da Europa com os outros países do mundo, e não deverá ficar limitada a um grupo de intelectuais ou qualquer outro especial, mas antes deverá ser vivida por todo o país», disse Pedro Canavarro, comissário-geral da exposição.

Pela primeira vez uma tal exposição recebe peças culturais e artísticas de empréstimo de países não europeus.

Além dos Estados membros do Conselho da Europa, que participam na exposição através da cedência de valiosas peças (França, Espanha, Inglaterra, Bélgica, Holanda, Dinamarca, Suécia, Alemanha Federal, Áustria, Itália), contribuem igualmente o Canadá, Estados Unidos, Brasil, Japão e talvez a Índia. A Polónia, tal como a Índia, tem manifestado interesse na participação, contando no seu património um «notável manancial artístico relacionado com Portugal».

Os países africanos de Língua portuguesa estão representados através de filmes, por existirem apenas obras arquitectónicas inamovíveis referentes à época em foco.

O Museu do Azulejo (na Madre de Deus), a Casa dos Bicos, o Mosteiro dos Jerónimos, o Museu de Arte Antiga e a Torre de Belém serão os cinco principais edifícios onde decorrerá a exposição, estando a ser objecto de um esforço de restauro que perdurará para além dela.

Tal esforço representa aliás cerca de 80 por cento das verbas de um orçamento geral previsto em cerca de 640 milhões de escudos.

Os responsáveis pela realização da exposição lamentaram no entanto a impossibilidade de ter chegado a acordo com a Câmara Municipal de Lisboa sobre o restauro da zona arquitectónica de Belém, para aproveitamento desse espaço exterior, estando no entanto ainda a decorrer negociações sobre o aproveitamento do espaço e restauro dos edifícios antigos do Campo das Cebolas, frente à Casa dos Bicos.

«Para nós, a questão é de pensarmos que uma Câmara onde se realiza uma exposição desta natureza e dimensão deveria tirar partido dela. Em Lisboa há toda uma ambiência lúdica que devia ser aproveitada, bem como deveria ser feito, por exemplo, o tratamento das alçadas dos edifícios próximos dos monumentos restaurados onde se realiza a exposição», comentou Pedro Canavarro.

Mesmo assim, actividades paralelas serão organizadas, incluindo a exibição de filmes alusivos e fotografias, encenação de peças de autores da época pelos grupos de teatro «A Comuna», «A Barraca» e o Centro Cultural de Évora, música pelos melhores grupos musicais do mundo, que executam temas do Renascimento, bem como colóquios, congressos, encontros em todo o País, Açores e Macau.

Uma regata da Bretanha a Lisboa e volta, será também realizada, bem como edições de livros e cartazes, acompanhados de uma rede de informações classificada de muito completa.

Mais de um milhão de visitantes, entre nacionais e estrangeiros, é o número previsível de pessoas que se deslocarão a Lisboa para observar na exposição cerca de 400 obras emprestadas pelo Conselho da Europa, 50 pertencentes a países não membros e 200 de particulares portugueses.

Durante cinco meses, os visitantes poderão observar valiosas peças de ourivesaria nacional e estrangeira, tapeçarias originais propriedade de diversos museus europeus, armaria nacional e estrangeira, retratos, marfins, pintura, mobiliário e cartografia.

Espectáculo de solidariedade com Sérgio Godinho

Eunice Muñoz, Lia Gama e Carlos Cruz farão a apresentação do espectáculo de solidariedade com Ségio Godinho a realizar domingo, na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa, anunciaram ontem fontes da organização.

Tal como as anteriormente levadas a efeito, num esforço conjugado de vários organismos sindicais e associativos, esta iniciativa visa despertar a opinião pública para a situação em que se encontra Sérgio Godinho, detido no Brasil desde 15 de Novembro e agora em risco de permanecer sob prisão mais dois meses.

Está confirmada a participação no espectáculo dos grupos Trovante e UHF, e dos cantores Simone de Oliveira, José Mário Branco, Carlos Mendes, Luís Cília, Jorge Palma, Vitorino e Júlio Pereira.

Na organização estão empenhados o Sindicato dos Trabalhadore de Espactáculos, a Sociedade Portuguesa de Autores, as cooperativas Era Nova e Cantarabril, as Associações de Estudantes da Faculdade de Letras e Direito da Universidade Nova e a Reunião Inter-Associações dos Estudantes da Universidade de Lisboa.

O espectáculo terá início às 21 horas.

Prémios da Associação Portuguesa de Escritores

O escritor Almeida Faria conquistou o Prémio de Originais de Ficção 1982 da Associação Portugue a de Escritores com o romance intitulado «Cavaleiro Andante», anunciou ontem a APE.

Do juri que atribuiu o prémio fizeram parte João Palma Ferreira, Augusto Abelaira e Eduardo Prado Coelho.

Na modalidade de poesia o júri constituído por Fernando Assis Pacheco, João Rui de Sousa e Maria Lucia Lepecki deliberou não premiar nenhum dos originais concorrentes.

Nhao houve concorrentes aos Prémios Carlos de Oliveira (ensaio) e originais de ensaio de autores portugueses.

Na categoria «Revelação» de ficção, nenhum dos originais concorrentes mereceu a distinção do júri – Casimiro de Brito, Maria Estela Guedes e Rui Nunes – pelo que o prémio não foi concedido.

Também em revelação, mas na modalidade ensaio, foi distinguido o original de Abel José Barros Baptista intitulado «O Professor e o Cemitério (e o Outro)» A escolha coube a Jacinto do Prado Coelho, Álvaro Salema e Luís Forjaz Trigueiros, membros do júri.

O prémio de revelação de poesia distinguiu «Dizer de Véspera», um original de Luís Filipe Rodrigues escolhido por um júri constituído por Fernando B. Martinho, José Correia Tavares e Luís Miranda Rocham

Na literatura infantil, foi Maria Ivone Ballet quem arrebatou o 1.º prémio com o original «Histórias do Servo Aires Desgraças e do seu amo D. Beltrano».

«O júri deste prémio – Isabel da Nóbrega, Matilde Rosa Araújo e Alice Vieira – decidiu ainda recomendar para publicação os seguintes originais:

«O Pião das Nicas» de Carlos Manuel Pires Correia, «A Bruxa Cassandra» e «O Segredo do Coelho Pinóquio» de José Jorge Letria e «A Núvem Apaixonada» de Maria Isabel Pontes da Luz.

Música em crise na Europa

O Conselho da Europa anunciou ontem uma série de medidas destinadas a combater a crise que afecta a indústria musical, designadamente no disco, filme, rádio, televisão e video, nos seus 21 países membros.

A crise radica-se, no entender dos técnicos, na diminuição dos rendimentos resultantes do aumento das gravações privadas em cassetes e o menor número de músicos tanto em música clássica como contemporânea.

Na RFA, o número de músicos desceu 75 por cento entre 1950 e 1980 e em França 30 por cento, num período de sete anos.

Para fazer face a esta situação os responsáveis pela política cultural e pela indústria musical europeias vão promover a criatividade musical de compositores e intérpretes.

Na óptica dos peritos, as políticas nacionais dos países membros do Conselho da Europa devem ser globais, ou seja, devem ter em conta a promoção tanto da música considerada séria como da música popular.

Defendem ainda que as indústrias culturais aumentem a riqueza e diversidade dos seus catálogos, recorrendo completamente a novos talentos.

No que respeita à rádio è à televisão, economicamente ameaçadas, o Conselho da Europa preconiza a manutenção e o desenvolvimento de orquestras próprias.

Deu-se relevo à responsabilidade que as escolas e estações de rádio têm na formação do público e no estímulo da criatividade e da prática musical.

Finalmente, foi chamada a atenção para os perigos que ameaçam os autores e intérpretes por motivo de aparecimento de novas tecnologias susceptiveis de uniformizar os programas em vez de os diversificar.

Raquel Maria e Luís Lima Barreto num ensaio de «Oratória»

Cornucópia estreia brevemente

Estreia nos primeiros dias de Janeiro o próximo espectáculo do Teatro da Cornucópia que se chamará «Oratória». Trata-se de uma colagem de textos de Gil Vicente, Goethe e Brecht em traduções de Luiza Neto Jorge (textos castelhanos de Gil Vicente), Paulo Quintela (os textos de Goethe), Maria Adélia Silva Melo e Maria Fernanda Portela (textos de Brecht). O espectáculo pretende ser uma meditação do nosso tempo sobre temas como o do sentido da vida e da História através de uma leitura de três respostas clássicas dadas por esses autores. A encenação é de Luís Miguel Cintra, o cendario e figurinos de Cristina Reis e a música de Paulo Brandão, executada por Lopes e Silva e Coelho Martins e cantada por Maria João Serrão. No espectáculo intervêm Alda Rodrigues, Dalila Rocha, Márcia Breia, Raquel Maria, Francisco Costa, Gilberto Gonçalves, Luís Lima Barreto, Luís Miguel Cintra, Rogério Vieira e ainda Costa Ferreira, cedido pelo Teatro Nacional. Apesar de ter terminado já a carreira pública de **O Labirinto de Creta** de António José da Silva, a Cornucópia continuará entretanto a fazer espectáculos especiais com esta peça para escolas e outros grupos de espectadores.

FILMES CASTELLO LOPES 66 apresenta

A MAIS BELA HISTÓRIA DE SEMPRE!

O FILME IMORTAL

MÚSICA NO CORAÇÃO

(THE SOUND OF MUSIC)

O FILME DOS 5 ÓSCARES

JULIE ANDREWS CHRISTOPHER PLUMMER

REALIZADOR ROBERT WISE | MÚSICA RICHARD RODGERS

COLOR BY DE LUXE PARA TODOS

HOJE às MATINÉES

CINE Estúdio ACS AV. DA IGREJA

O ESPECTÁCULO DAS MULTIDÕES!

DA CHINA COM ÓDIO!

INTERDITO MENORES DE 13 ANOS

DRAGON LEE BRUCE LE

BRUCE LAI JOHN BENN

BRUCE LEE A FACE DA VINGANÇA

UM FILME DE JOSEPH KONG

3.ª SEMANA ODEON

NESTE PRECISO MOMENTO, O FUTURO DO MUNDO ESTÁ A SER DECIDIDO!

PROMETERAM QUE NADA ACONTECERIA...

...A ORDEM NÃO DEVERIA TER SIDO DADA...

...NINGUÉM SUPÔS QUE SE FOSSE TÃO LONGE, EXCEPTO...

SEAN CONNERY

e

O HOMEM DAS LENTES MORTAIS

Com ROBERT CONRAD GEORGE GRIZZARD HARDY KRUGER RON MOODY LESLIE NIELSEN KATHARINE ROSS JOHN SAXON HENRY SILVA G D SPRADLIN DEAN STOCKWELL ROBERT WEBBER ROSALIND CASH

Musica de ARTIE KANE Editor, Produtor Associado GEORGE GRENVILLE, A.C.E

Produtor Executivo ANDREW FOGELSON

Baseado na novela "The Better Angels" by CHARLES McCARRY

Argumento escrito, Produção e Realização de RICHARD BROOKS

From Rastar and Columbia Pictures © 1980 Columbia Pictures Industries, Inc

AGORA no EM 3.ª SEMANA

CINE 222

NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS

Sinal de trânsito não é objecto decorativo. Respeite-o!

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

A meditação; a provocação; a aflição

Na «Primeira Página» estiveram Piteira Santos, director adjunto do «Diário de Lisboa», Sousa Tavares, rico de fundos na «Capital» e Freitas da Cruz director do «Notícias da Tarde». Iriam, em projecto de Margarida Marante, reflectir sobre os resultados das eleições autárquicas.

Foi isso o que menos sucedeu. Nem poderia suceder quando faltam, ali à mão, os números que dariam material exacto de suporte à controvérsia e quando se manifestam situações tão claras de desfasamento: Marante falava como se a APU tivesse baixado avotação em Lisboa (justificando assim o «voto útil» no PS...) Sousa Tavares baralhado até à anedota com a situação em Coimbra...

Se não havia possibilidade de uma análise efectiva dos resultados eleitorais, os intervenientes optaram pela meditação política (caso Piteira Santos) pela provocação política (caso de Sousa Tavares e pela aflição política (o caso do Freitas).

Com algumas conclusões interessantes: para o Freitas, «não houve derrota estrondosa da maioria democrática», para o Tavares, rico de inflexões (as flexões, aliás, nos últimos anos têm sido o seu forte) o que houve não justifica mudança governamental mas sim mudança mental do governo; para Piteira Santos os resultados apontam claramente para a necessidade de uma consulta a nível nacional de modo a recolocar a verdade parlamentar de acordo com a verdade social e eleitoral do país.

Curiosamente, numa coisa todos estiveram de acordo: as coisas vão mal dentro da coligação no poder. Tavares e Cruz denunciam as ambições, os vedetismos, o diabo a sete. Esses, garante mesmo o Tavares, rico de sugestões, «é que são responsáveis pela instabilidade política...»

Qualquer pessoa concluiria que, mesmo para tal clarificação que se impõe, eleições legislativas seriam indispensáveis como apontara Piteira Santos. Tal não acha o Tavares, rico de argumentação ele acha que é preciso preservar «a estabilidade...»

Essa da estabilidade, não, Tavares, rico director da minha alma. Essa não, que foi cantilena salazarista durante 48 anos.

Outra ideia muito generalizada, e cultivada também pelo Tavares, rico de lábia, é a do direito que a AD tem de governar quatro anos. Por favor: digam-me em que alínea, parágrafo artigo da Constituição está expresso esse direito. Aqui fica o desafio.

Repare-se: se o Presidente da República pode demitir qualquer governo como se aceitaria que ele estivesse a infringir – um direito?

Por outro lado, acabemos com o sofisma: as eleições autárquicas não podem obrigar o governo a baixar os taipais. Mas são claramente o reflexo do descontentamento popular em relação a uma política ruinosa para o interesse do país.

E é nessa essencial medida que ela aponta para o fim de tal governo, ou seja, para o fim de tal política.

No que respeita à APU (que, como disse Piteira Santos, agrupa comunistas, simples democratas, filiados noutros partidos e independentes) começa a ser moda localizar a sua força no Alentejo, e mesmo aí, relacioná-la com os trabalhadores rurais unicamente. Ora, como há dias lembrou o dr. Abílio Fernandes, a maioria absolutíssima da APU foi conseguida em áreas onde a população é constituída de pequena e média burguesia urbana na ordem dos 73 por cento...

Além disso, não me consta que Setúbal seja Alentejo. Nem Lisboa. Nem Porto. Nem Barreiro, nem Seixal, nem Montijo, nem Sesimbra, nem Amadora, nem Vila Franca, nem Loures, nem Marinha Grande, nem Alpiarça, nem Cascais, etc, etc, etc...

Por que será então? Mariana Perdigão dirá que é a «opressão comunista que faz votar as populações nos comunistas». Mas o Tavares, rico de indeias, afirma que é a «ignorância das populações»...

(Por favor, leitores, não se riam tão alto que incomodam os vizinhos!)

O debate, ontem, provou que é muito difícil manter um clima de serenidade quando um vozeirão, como o de Tavares, rico de provocações, entra na histeria anticomunista. Mas provou também que só a calma, a razão desperta, podem anular a histeria.

De facto, quando o director de fundos e mundos entrou nas polónias e nos afeganistões, e Piteira Santos lhe lembrou o caso de Sérgio Godinho – logo – se aquietou como um passarinho, desculpem-me os rouxinóis!, como um passarão, no seu ramo. E era tão ridículo e tão menor, assim encolhido e órfão o chulo da mentira democrática...

... Dirigentes do Partido Comunista Brasileiro foram presos, enfrentam uma situação de perigo extremo. Onde estão os protestos dos «democratas» e dos operosos defensores dos «direitos humanos»?

Voltemos às eleições autárquicas para finalizar com uma conclusão, ontem, de Fernando Piteira Santos: **Foi em nome da mudança que a AD ofereceu a estabilidade, agora, é em nome da estabilidade que nós oferecemos a mudança.**

Correcto. No governo, a instabilidade é tanta que a maior parte dos ministros enjoa – e deita carga ao mar...

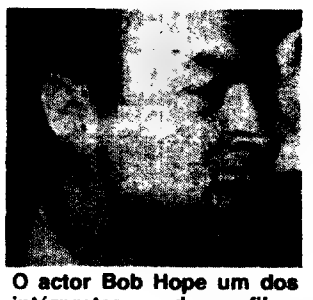
TV MARCELO

Repara hoje em sua casa até às 24 horas todas as marcas com garantia
Coloca a sua outro aparelho enquanto repara o seu
Serviço permanente aos sáb e domingos
Tel 659118 659119 659110

Hoje

Na RTP-1 exibe-se o 6.º episódio da série «Força de intervenção»

Das **13.35** às **17.30** **Ciclo Preparatório TV**
18.22 **Tempo dos Mais Novos**
18.55 **Pedra a Pedra** – 4.º programa. Fortificação de Moura.
19.20 **Tur/82** – Palmela.
19.55 **O Tempo**
20.00 **Telejornal** – notícias do País e do estrangeiro.
20.30 **Direito de Antena** – PSR, Sindicato dos Técnicos de Manutenção e Aeronaves, Associação Nacional dos Industriais de Material Eléctrico e Electrónico, Associação Portuguesa de Orientadores Escolares e Associação de Agentes Técnicos Agrícolas.
20.45 **«Gente Fina é Outra Coisa»**
21.50 **«Força de Intervenção»** – 6.º episódio. Intérpretes: Robert Stack, Dorian Havewood, Richard Romanus, Ron Moody e Inez Pedroza.
22.50 **Últimas Notícias**



O actor Bob Hope um dos intérpretes do filme «Grande Parada do Riso»

18.20 **«Grande Parada do Riso»**
19.30 **País, País**
19.55 **Desenhos Animados**
20.20 **Imagem das Letras**
20.40 **Concurso 8 ou 80**
22.15 **Telenovela** – «Cabocla».
22.50 **Jornal da Noite**

Amanhã

10.00: Tempo dos Mais Novos, **11.30**: «O Pequeno Lord», **12.00**: A Aventura das Plantas; **12.35** Novos Horizontes; **13.00** Sumário; **13.10**: Lúculos e Bróculos; **13.35** Tempo dos Mais Novos, **14.35** Ela por Elas, **15.35** Festa é Festa, **18.50**: Galáctica», **19.55** O Tempo, **20.00** Telejornal, **20.15** Semanário, **21.15** «Dallas» **22.10** Ultima Sessao

12.00 Troféu; **20.00**: Cabra-Cega, **22.30**: Clube de Jazz

Sociedade Filarmónica Incrível Almadense

AVISO DE ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Nos termos do art.º 16.º, parágrafo 4.º dos Estatutos, convocam-se os associados para uma Assembleia Geral Ordinária, a realizar no Salão de Festas da colectividade, pelas 21 horas, no dia 17 de Dezembro de 1982, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

Ponto unico: Eleição dos Corpos Gerentes para o exercício do ano de 1983.

Almada, 10 de Dezembro de 1982

(O Presidente da Mesa da Assembleia Geral)
José Carlos Gouveia Pereira

N.B. — De acordo com o parágrafo 2.º do mesmo artigo, se à hora marcada não estiver presente um mínimo de 50 associados, a Assembleia funcionará, em segunda convocação, uma hora depois, com qualquer número de associados.

OCARINA

Artesanato

Brinquedos regionais e antigos. Peças de: Júlia Ramalho, Mistério; Rosalina Baraça, João Couto, Rosa Carriça

Trav. do Poço da Cidade, 40 (Bairro Alto)
Aberto das 10.00 as 24.00. Todos os dias no mes de Dezembro

AVISO

HOSPITAL DA MARINHA

MÉDICOS ESTOMATOLOGISTAS OU DENTISTAS

Faz-se público que o Hospital da Marinha está interessado em admitir quatro médicos estomatologistas ou quatro médicos dentistas em regime de tempo completo ou parcial para prestarem serviço, dois no Hospital da Marinha e dois na Base Naval de Lisboa (Alfeite).

Os esclarecimentos necessários serão prestados no Hospital da Marinha, Secretaria — Secção do Pessoal Civil.

Pel'O DIRECTOR
Manuel Cunha Joia
Cap. M.G.MN.

4.ª A SAB. 21H30
DOM. (SÓ): 16H

14 de Janeiro estreia
Um Dia na Capital do Impéri

TUDO BEM!
reflexões acerca do homem novo

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...

«Força de Intervenção»
(21.50)

Concurso 8 ou 80
(20.40)

...e sugere para hoje...

Neco diz a Zaqueu que ele pode vender fiado para quem estiver sem dinheiro e sem vale, pois o pai se responsabiliza. Os cabocios ficam surpreendidos. Pequetita diz a Joaquim que Belinha está desconfiada de que o pai vai interná-la num convento. Emerenciana fica surpreendida quando Zuca chega a sua casa com Tobias e lhe contam que não vão casar. Tobias encontra Luís e conta-lhe que Zuca não gosta dele e que se descobrir que ela gosta de outro, o matará. Neco procura Tomé diz-lhe que o pai quer que ele volte a trabalhar para ele. Luís encontra Zuca e ela diz-lhe que terminou o noivado.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

roteiro cultural

Teatro

«Produções Mabus Mabul», constituída por elementos que criaram o trespassado «Teatro Emarginato», estão a apresentar no Romance de Cordel (Rua Eduardo Coelho, 54) o espectáculo de café-teatro «Cantos & Lendeas» com Luigi Abbondanza, João Pedro Costa e Sara Lima, todas as segundas e sextas-feiras às 23 horas.

«Não Fui Eu... Foram Eles», espectáculo que a Comuna estreou no passado mês de Junho e que, desde então, tem vindo a esgotar praticamente quase todas as sessões, ainda pode ser visto hoje e amanhã, às 23 horas, no casarão cor-de-rosa da Praça de Espanha. Depois, acabou-se, porque a Comuna vai estrear nos primeiros dias de Janeiro «A Castro», de António Ferreira.

Cinema

O ABC Cine-Clube de Lisboa está a apresentar um Ciclo Godard, em cujo âmbito é hoje exibido, às 18.30, na Sociedade Portuguesa de Autores, o filme «La Chinoise» (1967).

A Casa da Cultura da Juventude de Santarém vai apresentar, integrado no Curso de Iniciação à Linguagem Cinematográfica, uma série de sessões de cinema no Museu Distrital Scalabitano: «Bonnie e Clyde», de Arthur Penn (amanhã), «A Leste do Paraíso», de Elia Kazan (dia 20) e «Vilarinho das Furnas» (dia 22). As sessões principiam às 21.30 e serão seguidas de debate animado pelo orientador do curso, Fernando Matos, realizador do último filme a exibir.

Música

«Por motivos de força maior», segundo comunicado da Fundação Calouste Gulbenkian, já não se realiza o anunciado concerto da pianista Tania Achot, marcado para hoje.

Bailado

A Companhia Nacional de Bailado volta a apresentar «Raymonda», de Marius Petipa, entre 18 de Dezembro e 2 de Janeiro, no São Luiz. Horário: espectáculos às 16 horas – dias 19, 31 de Dezembro e 2 de Janeiro; às 18.30 – dias 18, 22 e 30; às 21.30 – dias 21, 23 e 29.

Luigi Abbondanza, Sara Lima e João Pedro Costa em «Cantos e Lêndeas»

Passeios

Amanhã realiza-se mais um Encontro à Esquina em que podem participar pessoas que não sejam sócios do Centro Nacional de Cultura. Partida pelas 9.30 da estação de barcos do Cais do Sodré é em direcção à Outra Banda. O grupo percorrerá o Cais de Cacilhas, e zona antiga de Almada, observando a recente urbanização e visitando o Palácio da Cerca e a Quinta do Seminário. O Palácio da Cerca é uma construção de origem quinhentista onde se presume tenha habitado o Frei Luís de Sousa, hoje muito degradada. Depois do almoço os passeantes visitarão a Academia Almadense assistindo a um espectáculo do Grupo de Campolide. Acompanharão o grupo, além dos coordenadores Jorge Gaspar, José Manuel Fernandes, Jorge Custódio e Rodrigo Dias, alguns nomes conhecidos nascidos em Almada, como o escritor Romeu Correia, o eng. Gomes Pedro, do Serviço de Parques, e o jornalista Silva Pinto.

Entretanto, no domingo, pelas 15.30, os sócios do CNC visitam o Teatro da Comuna e assistirão aos ensaios da tragédia «Castro» de António Ferreira e conversarão com os actores.

Esta peça quinhentista que narra os trágicos amores de D. Pedro e Inês de Castro, insere-se nos espectáculos que se preparam para a XVII Exposição de Arte Europeia que se inaugura em Lisboa no próximo mês de Abril.

Exposições

Uma exposição de livros soviéticos, integrando mais de 2300 títulos, está patente ao público na Sociedade Nacional de Belas-Artes.

Entre as obras figura o segundo volume da «Teoria do Campo» de Landau, Prémio Nobel da Física.

Na exposição, aberta até ao dia 19 de Dezembro, encontra-se também o livro «Materialismo e Empirocriticismo» de Lenine e o primeiro volume das obras escolhidas de Marx.

Fotografias do «Grupo If – Ideia e Forma» encontram-se patentes até ao fim do mês na Rua Senhora da Luz, 81, à Foz do Douro. São algumas dezenas de trabalhos, que podem ser vistos a partir das 21.30, todos os dias, excepto aos domingos, dos mesmos autores de «Porto – Esquinas do Tempo».

MARIA MANUELA
HENRIQUE VIRALHADAS

AGRADECIMENTO

Seus pais, irmão, família, vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que a acompanharam à sua última morada e de qualquer maneira se interessaram pelo seu estado.

A todos muito e muito Obrigado
Albino Vladimiro Viralhadas

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
Banco Fundado em 18
BANCO CENTENÁRIO UM BANCO MODERNO

COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade) COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	70$70	76$70
ALEMANHA FED (marco)	36$65	37$75
AUSTRIA (xelim)	5$10	5$30
BELGICA (franco)	1$696	1$896
BRASIL (cruzeiro)	$154	$404
CANADA (dolar notas de 1 e 2)	71$75	73$75
(notas de 5 a 1000)	72$25	74$25
DINAMARCA (coroa)	10$35	10$75
ESPANHA (peseta)	$660	$800
EUA (dolar notas de 1 e 2)	89$00	91$50
(notas de 5 a 1000)	89$50	91$50
FINLANDIA (marka)	16$60	17$20
FRANÇA (franc)	12$90	13$60
HOLANDIA (florim)	33$25	34$25
INGLATERRA (libra)	144$65	148$65
IRLANDA (libra)	122$85	126$85
ITALIA (lira)	$058	$068
JAPAO (iene)	$333	$368
NORUEGA (coroa)	12$60	13$10
SUECIA (coroa)	12$05	12$65
SUIÇA (franco)	43$05	44$15
VENEZUELA (bolivar)	16$85	17$85

Observações
1 No respeitante a moedas estas cotaçoes devem ser consideradas a titulo meramente informativo
2 Todas as operaçoes de venda estao sujeitas ao imposto de 3 por mil

STAR TURISMO VIAGENS
UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO
Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena Um

17.00: Duplo; **19.00**: Música; **20.00**: «Os Miseráveis», de Victor Hugo; **20.15**: O espaço é seu; **21.00**: Toda a gente é pessoa; **21.30**: Viva a noite Noticiários intercalares às **16.00**, **17.00**, **18.00**, **21.00** e **22.00** horas

Programa 2

15.35: Quarteto Janacex; **16.03**: Os grandes pianistas; **16.50 Momento de poesia**; **17.00**: Musicantes; **17.30**: O maestro John Barbirolli; **18.05**: As cores e as formas; **18.30**: Intérpretes portugueses, **19.00**: Conjuntos instrumentais; **20.10**: Música sinfónica; **21.00** Dossiers sonoros; **21.40**: Ciclo Marquês de Pombal – concerto ao vivo; **23.00**: O violoncelista Enrico Mainardi; **23.30**: Música do século XX, **00.30**: Solos de piano, **01.00** Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée, **17.00**: Sortido fino; **20.00**: Conta corrente. **20.30**: Quando o telefone toca (3 edições); **22.00**: Portugal e a CEE, **22.15**: Música para meditar; **22.30** Tempo de desporto; **23.00**: 24.ª hora Noticiários de hora a hora

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor, **16.00**: O som da frente, **18.00** Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Musicando, **21.00**: Abandajazz, **22.00**: Café concerto Noticiários de hora a hora

RÁDIO RENASCENÇA
OM e FM de Lisboa

16.00: Aqui e agora, **17.00**: Jornal da mulher; **18.15**: Igreja em notícia; **18.20** Palavra do dia; **18.30** Transmissão do terço; **19.03**. Programa da LAR; **20.00**: Dê no vinte; **21.00**. Quando o telefone toca; **21.30** Discos LAR, **22.00**. Diálogo e vida; **22.30**. Grande círculo, **23.55** Meditando Noticiários intercalares às **16.00**, **17.00**, **21.00** e **22.00** horas

Onda Média de Muge e Porto

Programa igual ao de OM e FM de Lisboa, excepto nos seguintes casos: **16.00** Todos à uma, **21.00**. Programas culturais: **21.30** Via Láctea

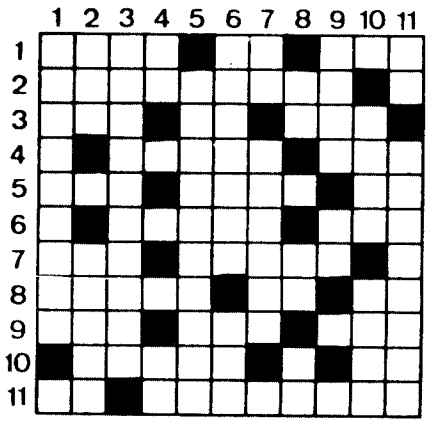
Tiragem media diaria do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13604

HORIZONTAIS:

1 Debanda. Contracção da preposição de com artigo definido Preposição
2 Disporão
3 Macere Átomo Governanta
4 Avarento Primeiras das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia
5 Pequeno poema medieval narrativo ou lírico Doutoras. Criminosa
6 Ilusões Sofrimento
7 Rema para trás. Crítico invejoso e mordaz.
8 Divida em ruas Cobalto (sq) Cério (sq)
9 Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro Recusa Manuel (Abrev.)
10 Peixe dm genero siluro Item
11 Artigo definido Sobrasse



VERTICAIS:

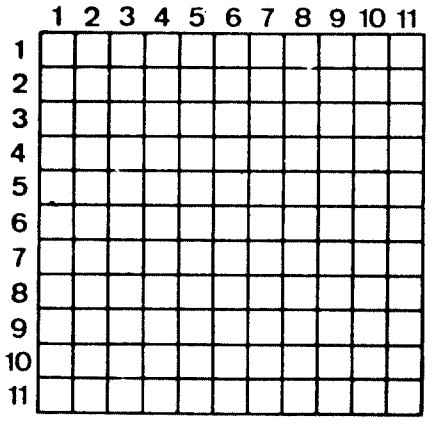
1 Freguesia do concelho da Guarda
2 Rezo Tempo do verbo ir
3 Movera-se (à roda ou para determinado ponto) por efeito da gravitação
4 Pronome pessoal Sufixo que designna estado
5 Difamador
6 Porão data em Preposição e artigo (pl).
7 Letra grega (inv) Relativo a oásis.
8 Autores. O lado do vento. Oferece
9 Lago de Itália. Concede
10 Freguesia do concelho de Barcelos Vais ao chão
11 Muito digno Pessoa pérfida

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9464

HORIZONTAIS.

1 Tribuno romano que matou Calígula em 41 sendo depois mandado matar por Cláudio Cabelos brancos
2 Bramem Fedor
3 Rádio (sq) Gás a temperaturas muito elevadas, em física atómica.
4 Verbal. Comilão (fig)
5 Utensílios domésticos. Rei do Egipto
6 Agravo. Isolado.
7 Alfabeto telegráfico que representa as letras por pontos e traços Antigo Testamento
8 Abandonei o lugar Farsa satírica Artigo definido.
9 Senhora Ocidente.
10 Doses (fig) Consentimento
11 Gavinhas. Rio dos Estados Unidos



VERTICAIS;

1 Rei do Egipto da 4.ª dinastia cerca de 2 800 aC Moeda indiana
2 Cidade da antiga Caldeia Rádio (sq). O mais.
3 Pecas. Combinado.
4 Efectivo. Rio de Itália Freguesia do concelho de Penafiel.
5 Preposição. Manas.
6 Que tem poros.
7 Temperaremos com sal.
8 Largo de Lisboa. Descanso.
9 Assuntos. Estima.
10 Pronome demonstrativo.
11 Transpira. Livro de versos de António Nobre. Murro

SOLUÇAO DO PROBLEMA N.º 9463

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 NUNCA FALTA	1 Navelim. UM
2 Árias Aba.	2 Urano. Mt
3 VA Osaca. VS.	3 Ni. Anataram.
4 Ena! Apartou.	4 CÃO. Trocara
5 Lontras. Usa	5 Assaras. Na.
6 Arar. ba	6 Apara QUE
7 Tosara	7 Facas Rau
8 Mac. Atrás	8 Abar Bátega
9 Tranque Dá	9 La Tua Ar.
10 Arau Gari	10 VOS. LADRE
11 Mama Elares	11 Assuão Sais

SOLUÇAO DO PROBLEMA N.º 13603

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Agá. Agora.	1 Abadá. Bacal.
2 Basim. Parar.	2 Garo Rumina
3 AR. Ro. Ir	3 As. Mas. Um.
4 Domar Afina	4 Irar. Prado
5 Ar. Ana.	5 Amor Ria.
6 Rs. Rua Nio.	6 Quediva
7 Bu Piela. Fi.	7 Ápia Alarem
8 Amurada Mar	8 Garfa Aru
9 Cima Irão	9 Or Inn Moia.
10 An. Deverias.	10 Ra. Nafta. Ar
11 Lado Amuar.	11 Ária. Oiras.

Proverbio **Nunca falta um cão que vos ladre.**

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.15 e 23.15
– Para Todos
Desenhos animados
O SEGREDO DE NIMH
Falado em português

SALA B

Às 14 45, 17, 19, 21 e 23
– N ac men 18 a.
POLTERGEIST, O FENÓMENO

ALVALADE 897480

Av de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
ASTERIX E CLEÓPATRA
3.ª Semana

APOLO 763319

Av. Julio Dinis, 10-A

Estreia às 21.30 e 24
– N. ac. men. 13 a.
ROMANCE EM NOVA IORQUE
Às 14, 16.30 e 19
O ALAMBRISTA

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– Int. men. 13 a.
UMA AGENTE MUITO ESPECIAL
EDWIGE FENECH

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
A GUERRA DO FOGO
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
E. T., O EXTRATERRESTRE

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21 30
– Para Todos
PAPUÇA E DENTUÇA

2.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 6 a.
ANNIE
Amanhã às 24 – Int. men. 13 a.
O SUPERESPIÃO

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 21.30 – Int. men. 13 a.
O HOMEM DAS LENTES MORTAIS

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 12.30, 14.30, 16 45, 19 e 21 30
– Int. men. 18 a.
O DESEJO DO PROIBIDO

Às 24
A QUEDA

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out e Pinh Chagas

Às 14 30 16 45 19 e 21 30
– N ac men 18 a
VEIO DO OUTRO MUNDO
6.ª Semana

Às 24
ESQUADRÃO ANTIDROGA

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14, 16.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
UMA VIDA PARA AMAR

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
É o maximo para as Festas de 82!
O ÁS DOS ASES
c/ Jean-Paul Belmondo
Colorido

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
O BOMBARDEIRO

ESTÚDIO 555134

Alem. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
QUE O DIABO SEJA SURDO

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15, 17, 19 e 21.30
– N. ac men. 13 a.
Os malucos em:
A GRANDE BRONCA
Às 24 – Int. men. 18 a.
VEJO TUDO NU

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
– M. 6 a.
ANNIE

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

As 14, 16.30, 19 e 21 30
– N. ac. men. 13 a.
É o maximo para as Festas de 82!
O ÁS DOS ASES
c/ Jean-Paul Belmondo
Colorido

LUMIAR 79 52 96

Calçada de Carriche, 38

Encerrado para fénas em 1/6/82

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Alvares Cabral, 37
Às 14 15, 16 30, 19 15, 21 30 e 24
– N. ac. men 13 a.
AC/DC. ALTA TENSÃO
Matinées de semana 50% de desconto para a 3.ª idade, estudantes e militares
Às terças-feiras, matinées gratuitas às 18.30 ára a 3.ª idade

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
TRON
Um filme de Walt Disney

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
A FACE DO PODER
2.ª Semana

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15 15, 18.15 e 21.30
N ac men. 18 a.
O INVENCÍVEL

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

As 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
O BOMBARDEIRO
c/ Bud Spencer
Colorido

A saudade de Verónica Voss de Fassbinder, em exibição no QUARTETO

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14 30 16.45, 19 21 15
– Int men 13 a.
YOL
Às 23.30 – N. ac. men. 18 a.
SEM CULPA FORMADA

SALA 2
Às 14.30, 16 45, 1 21 15
– Int men. 13 a.
DIVA
Às 23.30
A GRANDE FUGA

SALA 3
Às 15, 17, 19, 21.15 e 23.30
A SAUDADE DE VERONIKA VOSS
– N ac men 18 a.

SALA 4

As 14, 16.30, 19, 21 15 e 23.30
– N. ac. men 18 a.
NOITES ESCALDANTES

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 21 30 – Para Todos
O MESTRE ESCOLA
Às 15.30 e 18.30
FAMA

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14 16.30 19 e 21.30
– Int men 13 a
A MÃO ESQUERDA DA LEI
Às 23.30
JUSTIÇA PARA TODOS

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Às 15 15, 18.30 e 21 30
– N. ac. men 13 a.
O PRESENTE
3.ª Semana

S. JORGE SALA 2

Às 14.15, 16.30, 18.30 e 21.15
– Para Todos
O SEGREDO DE NIMH

S. JORGE SALA 3

– N. ac. men. 18 a.
Às 14, 16 15, 19 e 21.15
POLTERGEIST, O FENÓMENO
8.ª Semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

As 21.30 N. ac men. 13 a.
ROMANCE EM NOVA IORQUE
Às 15 15 e 18.15 – M 13 a.
MEPHISTO
Às 24
O HOMEM DA CIA

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos junto ao n.º 68

Às 14 45 17, 19 10 21 30 e 23.30
– N ac. men 13 a.
O PRESENTE
Domingo às 11 15
FESTIVAL PANTERA

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

As 15 18 15 e 21 30
– N ac men 13 a
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
15.ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
– N. ac. men. 18 a.
NOITES ESCALDANTES
9.ª Semana

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188
Às 14, 16 30 19 e 21 30
– Para Todos
Walt Disney Productions apresenta
PAPUÇA E DENTUÇA
Technicolor
Falado em português
2.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

As 14, 16.30, 19 e 21 30
– M 6 a.
O VARREDOR
c/ Mario Moreno (Cantinflas)

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14 15 16 30, 19 e 21 30
– N ac men 13 a.
FÚRIA DE VENCER

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 – «E. T., o Extraterrestre», às 21.30 (6 anos)
ALFA 2 – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
ALFA-3 – «Papuça e Dentuça» às 21.30 (6 anos)
OLÍMPIA – «Sexo é Outra Música», sessões permanentes (18 anos)
CAPITÓLIO – «Esquecida e Gostosa», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
CITY CINE – «O Ás dos Ases», às 21.30 (13 anos)
MUNDIAL – «E. T., o Extraterrestre», às 21.30 (13 anos)
POLITEAMA – «O Varredor», às 21.30 (13 anos)
RESTELO – «A Espada e o Feiticeiro», às 21.30 (18 anos)
2000 – «Ulisses», às 21.30 (13 anos)
MUNDIAL – «E. T., o Extraterrestre», às 21.30 (6 anos)
ROYAL – «Afinal, Elas São Eles», às 21.30 (18 anos)
PROMOTORA – «O Milagre de Fé», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «A Mulher do Lado», às 21.30 (13 anos)
PAÇO DE ARCOS – Chaplin – «Colecções Privadas», às 21.15 (18 anos)
OEIRAS – Oeiras-Cine – «O Juiz Sou Eu», às 21.15 (18 anos)
PAREDE – Royal-Cine – «Jacaré», às 21.15 (13 anos)
SÃO JOÃO DO ESTORIL – Cinelândia – «Um Casal Trapalhão», às 21.30 (13 anos)
ESTORIL – Casino – «Pink Floyd. the Wall», às 17.00 e 21.15 (18 anos)
ESTORIL – Palácio – «Gente Vulgar», às 21 15 (18 anos)
CASCAIS – Oxford – «Annie», às 21 30 (13 anos)

Outra banda

COSTA DE CAPARICA – Silcine «Gente Séria é Outra Coisa», às 21 45 (18 anos,
ALMADA – Cine-Almada «Grease II», às 21 15 (13 anos)
ALMADA – Incrivel – «O Santo em Acção» as 21 15 (13 anos)
ALMADA – Academia – «Reds» às 21 15 (13 anos)
TRAFARIA – Pavilhão Jardim – «A Hora do Pecado», às 21 15 (13 anos)
SETÚBAL – Júpiter – «Veio do Outro Mundo», às 21 15 (18 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA – D. João V – «Cavalgada dos Desterrados», às 21.30 (13 anos)
CACÉM – Cine-Flores – «Rocky III», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Cine-Plaza – «Reds», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Lido – «Annie», às 21.15 (13 anos)
AMADORA – Cinestúdio – «Perigo na Sombra», às 21.30 (13 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «Cjamango, o Vingador», às 21.30 (13 anos)

Porto

JÚLIO DINIS – «O Pequeno Lord», às 21.30 (6 anos)
SÃO JOÃO – «E. T., o Extraterrestre», às 21.30 (6 anos)
COLISEU – «Festival de Circo», às 21.30 (6 anos)
PASSOS MANUEL – «E. T., o Extraterrestre», às 21.45 (6 anos)
ÁGUIA – «O Bombardeiro», às 21.30 (13 anos)
RIVOLI – «Olho por Olho», às 21.30 (18 anos)
FOCO – «Papuça e Dentuça», às 21.30 (6 anos)
TRINDADE – «Loucamente Apaixonado», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-A – «O Dia do Perdão», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE – Sala L – «Que o Diabo Seja Surdo», às 21.45 (13 anos)
BEBÉ – «As Heroínas do Mal», às 21.30 (18 anos)
PEDRO CEM – «Os Deuses Devem Estar Loucos», às 21 30 (13 anos)
BATALHA – «O Varredor», às 21 45 (13 anos)
ESTÚDIO – «Hangar 18» as 21 30 (13 anos)
VALE FORMOSO – «Trom as 21 30 (13 anos)
TERÇO – «Rollerball» as 21 30 (18 anos)
CHARLOT – «A Casa do Lago», às 21 30 (13 anos)
OLÍMPIA – «A Liceal o Diabo e a Agua Benta», às 21 30 (13 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

AREEIRO - APEADEIRO: Nova Lisboa. R. Guilhermina Suggia. 12 (T 887721); **CAMPO DE OURIQUE: Lobel**. R. Infantana 16. 98-B (T 688807). **ESTEFÂNIA: Mundial**. L. D Estefânia. 10 (T. 545578); **JOÃO XXI: Onilda**. Av. João XXI. 13-A (T. 886848); **LUMIAR: Patuleia**. Al. das Linhas de Torres. 262-B (T 790332), **MARTIM MONIZ: Ferrão**. R. da Mouraria. 12-16 (T 860469); **OLIVAIS NORTE: Central dos Olivais**. R. Alferes Barnlaro Ruas. 7-C (T 315539); **PALHAVÃ: Aguiar**. Av. Columbano Bordalo Pinheiro. 98-A (T. 764629); **PARQUE EDUARDO VII: Gomes**. R. Rodrigo da Fonseca. 101-A (T. 682333); **SANTO AMARO: Correia Azevedo**. R. Luís de Camões. 42-B (T. 638625); **VALE DE SANTO ANTÓNIO: Martins Ld.ª**. R. Fernão de Magalhães. 33 (T 849448); **ALGÉS: Miraflores**. R Dr António Granjo. 2-B (T 2101161), **BRANDOA: Correia**. E Principal. lote 172 (T. 993148); **ODIVELAS: Central de Odivelas**. Al. Infante D. Henrique. 1 (T 911203).

REFORÇO

AJUDA: Lídia Almeida. C. da Ajuda. 170 (T. 637318); **ALVALADE: Cartaxo**. Av. da Igreja. 21-C (T. 897958); **AVENIDAS NOVAS: Valle**. Av. Marquês de Tomar. 47 (T. 773043); **BENFICA -IGREJA: Marques**. E. de Benfica. 648 (T. 700096); **CAMÕES: Andrade**. R. do Alecrim. 125-127 (T. 322328); **CAMPO DE SANTANA: Peninsular**. Campo Mártires da Pátria. 117-118 (T. 553308); **CAMPOLIDE: Pátria**. C. dos Mestres. 30-A (T. 680627); **LAPA: Rodrigues & Aires**. R. da Lapa. 52-54 (T 662246); **MERCADO DO CHILE: Alcalis**. R. Carvalho Araújo. 46-B (T. 841708); **PENHA DE FRANÇA: Central da Penha**. R. da Penha de França. 58-60 (T. 849245); **PICHELEIRA: Marluz**. C. da Picheleira. 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes. MAF (T. 880703); **VALE FORMOSO -POÇO DO BISPO: Barros Gouveia**. R. Vale Formoso de Cima. 79-B (T 382180); **PONTINHA: Pontinha**. E. Santo Elói. 4. lote SE (T. 990220); **BURACA: Vaz Martins**. R. António Ferro. 6-A (T 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**. R Açores. 11-A (T. 910305); **PRIOR VELHO: Matos**. T Prioras (T. 2519939)

Linha de Cascais

TIRES: Guimarães L Duartes lote A r/c (T 2441616) Até às 22 horas, **ALCABIDECHE: Carvalho** B João P Correia 40 B (T 2690363) Até às 22 horas **PORTO SALVO: Ferreira Bastos** R D Furmino Rebelo (T 2421015) Até as 22 horas **MALVEIRA DA SERRA. Luz** Até as 2 horas **PAÇO DE ARCOS: Godinho** Av Patrao Lopes 4 (T 2432039) Até as 22 horas. **OEIRAS: Central** R Conde Ferreira 29 (T 2430058) Permanente **NOVA OEIRAS: Leal** Quinta das Palmeiras lote 24 r/c (T 2478737); **CARCAVELOS: Vilar** Av Maria da Conceição. lote 8 (T 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**. Av Sabóia. 29-B (T 260085). Até às 22 horas; **PAREDE: Mendes Junqueiro**. R de Luanda. lote 5 (T. 2477838) Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**. Quinta das Encostas. Até às 22 horas; **MADORNA: Medeira**. Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**. Vivenda Maria Carlos Anj (T. 2682313). Até às 22 horas; **ESTORIL: Parque**. Arcadas do Parque. 3 (T. 260191). Até às 22 horas; **CASCAIS: Misericórdia**. R. Regimento 19. 41 (T. 280141) Permanente

Outra banda

ALMADA: Castro Rodrigues (T. 270076). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Avelar da Silva**. Até às 22 horas; **LARANJEIRO: Moderna**. Até às 22 horas; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar. Até às 19 horas; **BARREIRO: Piçarra** (T. 207471). Permanente; **SETUBAL: Alice**, P. do Quebedo, 6. Permanente; **Soromenho**, P. Machado Santos, 24. Até às 22 horas. **SESIMBRA: Lopes**, R Cândido dos Reis. 21 (T 2233028); **AMORA: Matos Lopes**. R. 1.º de Maio. lote 401 (T. 2216355); **SEIXAL: Alves Velho**. L. Camões, 27. Torre da Marinha (T 2211132) Até às 22 horas; **MONTIJO: Diogo**. R. Almirante Reis. 50 (T. 2310032); **MOITA: Silva Rocha**. P. da República. 16 (T 239029). **ALHOS VEDROS: Portugal** Av da Bela Rosa. 8 (T 204250). **ALCOCHETE: Gameiro**. L Antonio Santos Jorge 15 (T 234100)

Linha de Sintra

AMADORA: Sao Jorge R Pedro del Negro 5 Rebolcira (T 938703) Permanente **Campos** R Elias Garcia 185 (T 9300?0) **DAMAIA. Damaia** P Alexandre Gusmao 9 A (T 970523) Ate as 22 horas **QUELUZ: Queluz** Av Miguel Bombarda 123 A (T 96841). Até às 22 horas **CACÉM: Garcia** Av dos Missionarios 2 (T 9242181) Permanente. **MEM MARTINS: Cristina** Av Vitorino Nemésio 14-A (T 9214820) Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**. R Abade Faria. 2-A (T 9215275) Das 9 às 13 e das 15 às 21 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**. Av. Óscar Monteiro Torres. 8 (T 9260194) Das 9 às 23 horas; **SINTRA: Simões**. Estefânia (T 9230832) Permanente; **COLARES: Abreja** (T 929088).

■

LOURES: Sálvia, Av. da República (T. 2531240). Até às 22 horas; **MOSCAVIDE: Império**, R. de Olivença, 48 (T. 2511234). Permanente; **SACAVÉM: Cortes**, Av. Maria Lusa Braancamp, 2-A. Até às 22 horas; **CAMARATE: Nova da Charneca** (T. 2518726). Até às 19 horas.

Porto

DE DIA E SÓ ATÉ ÀS 22 HORAS

VITÁLIA, P. da Liberdade, 34; **FERREIRA DA SILVA**, R. Mártires da Liberdade, 150; **NAU VITÓRIA**, R. Nau Vitória, 723; **MENEZES DE LIMA**, P. Dr. Teotónio Pereira, 227; **COSTA LIMA**, Av. da Boavista, 855.

XE DIA E TODA A NOITE

NACIONAL, R. Senhora da Luz, 156; **COUTO**, L. de São Domingos, 106; **CONFIANÇA**, R de Santa Catarina, 960; **GOMES FERREIRA**, R Faria Guimarães, 449 **MELO TAVEIRA**, R Alcaide Faria, 77

Coimbra

DAS 9 HORAS AS 9 DO DIA SEGUINTE

SANTA ISABEL, Av Sa da Bandeira, 28 (T 24916); **DUARTE**, C de Santa Isabel 46 (T 37413)

PORTE PAGO

DL

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Serviços Técnicos e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740
Agentes, Assinaturas e Contabilidade
Rua Castilho, 165-1.º – 1000 LISBOA
Telefones: 654831/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 328229
Endereço telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
Delegação do Porto:
Rua do Almada, 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

O TEMPO
MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
4.09	4,0 m	9.40	1,2 m
16.29	3,7 m	21.49	1,3 m
Dia 18			
4.44	3,9 m	10.15	1,3 m
17 04	3,6 m	22 24	1,4 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	11°
BRAGANÇA	9°
VILA REAL	9°
PORTO	12°
PENHAS DOURADAS	5°
COIMBRA	12°
C. CARVOEIRO	15°
PORTALEGRE	8°
LISBOA	13°
ÉVORA	11°
BEJA	15°
SAGRES	15°
FARO	13°
P. DELGADA	15°
FUNCHAL	15°

últimas

Coleccionadora morta na Damaia

Continuação da pág 1

tada por uma vizinha que ouvira a avó gritar por socorro.

O assassino, segundo o «DL» conseguiu apurar, poderá ter sido um jovem que, por volta das 9 horas, perguntou à porteira do prédio se sabia onde morava a Lourdes, que é o nome da neta da vítima.

Serafina Marques estava estendida na sala-de-estar, junto a um sofá, com o pijama vestido, tendo à sua volta em grande desordem, as cerca de 50 bonecas que constituíam a sua colecção. Além do mais, toda a casa se encontrava num autêntico pandemónio com as malas e as gavetas revolvidas.

Registe-se que próximo do local do crime ocorreu na noite da última segunda-feira um assalto à mão armada a uma firma – a Wurth, Parafusos de Portugal – tendo sido roubados cem contos em dinheiro.

O SUBSÍDIO DE DEDICAÇÃO EXCLUSIVA dos professores do Ensino Superior passará a integrar, a partir de Janeiro próximo, os subsídios de férias e 13.° mês, de acordo com um decreto-lei hoje publicado no «Diário da República». O diploma não contempla os efeitos retroactivos reivindicados pelos professores que se encontram naquela situação.

TENTATIVA DE ATROPELAMENTO DE OUTRO POLÍCIA ocorreu esta noite na Rua Garrett (Chiado) em Lisboa, quando António Raimundo Gouveia, de 40 anos, natural do Funchal, atirou com a viatura furtada que na altura conduzia para cima do guarda que o mandara parar. A intervenção do guarda justificava-se pelo facto de o indivíduo transitar em sentido proibido. Apenas seria apanhado quando mais adiante embateu numa outra viatura, esta estacionada na Rua Nova do Almada.

DUAS BOMBAS DE GRANDE POTÊNCIA explodiram quinta-feira, com intervalos de algumas horas, em edifícios comerciais de Nova York.

Esclarecido o atropelamento mortal do guarda da PSP

O atropelamento mortal que vitimou há dias um guarda da PSP na Azinhaga do Vale Fundão, a Xabregas Lisboa, foi um dos crimes mais gratuitos da históriá criminal da cidade, dos últimos tempos, segundo revela a Secção de Justiça daquela Polícia, após a captura dos quatro implicados.

Como então noticiámos, na madrugada de 12 do corrente, o guarda Álvaro Teixeira Brás, de 39 anos, a prestar serviço na 2.ª Esquadra da Administração-Geral do Porto de Lisboa, subia a referida azinhaga pelo lado esquerdo quando um automóvel lançado a grande velocidade guinou de propósito para o colher, fugindo em seguida.

O crime não teve nada a justificá-lo, pois entre o seu autor e a vítima nada havia que os ligasse. Apenas um jovem de 21 anos, Manuel Fernando Teixeira, «O Gaguinhas» já com passado criminal, ao conduzir o automóvel roubado seguido de um outro com três companheiros, resolveu dar espectáculo jogando o carro sobre o vulto de um indivíduo apenas porque era um polícia como a farda indicava.

Depois foi a fuga com o abandono dos dois carros. Antes de se separarem e seguirem para casa, passaram sobre o viaduto de onde se avistava o corpo e um deles exclamaria: «ainda mexe»

O autor do crime, furtara a viatura na véspera, mas nesse mesmo dia desafiara mais três amigos para passeios em automóveis furtados, e mais dois carros seriam alvo das suas gazuas. Henrique Nunes, «O Fateixa», bate-chapa de profissão, é o mais velho, de 27 anos; Joaquim Fonseca, «O Quim Grande», o mais novo, de 16 anos, mas já com um homícidio frustrado, às costas, navalhadas quase mortais na pessoa de Luís da Silva Teixeira, quando ao regressar a casa na Rua Vale Formoso de Cima, tentou evitar ser despojado dos parcos valores que transportava.

O quarto elemento do grupo delinquente é Paulo Rocha, de 20 anos, «O Puto Jorge» como é conhecido no meio.

Os agentes da Secção de Justiça, espicaçados pela morte do colega, terão desenvolvidos esforços, que levaram ao esclarecimento e à captura em escassos dias, dos responsáveis pelo crime.

Vizela: PS apela ao voto

Tudo indica que não haverá eleições no domingo

VIZELA, 17 – «Haja o que houver, o que eu lhe digo é que, no domingo, não há eleições» – assim se expressava, ontem à tarde, um vizelense (não identificável, obviamente), em troca de impressões com o repórter do «DL» sobre a situação nesta vila do concelho de Guimarães, dominada pela ideia secular de ascender a autarquia maior.

Expressões daquela ouvem-se a cada passo. A ideia é generalizada: ninguém quer votar, nem deixar que o acto se realize sequer. «Votar, só votamos no concelho de Vizela» – é o sinal da convicção da maioria das pessoas. Mesmo sabendo-se que, destas, a maior parte nem conhecerá as verdadeiras conseequências deste acto.

O PS, até agora com maioria de votos no concelho, apesar da igualdade de vereadores com a AD, não está nada satisfeito com a situação, tanto mais que lhe bastam cerca de 2800 votos de Vizela para conseguir retirar um lugar à AD no Executivo camarário, passando assim a distribuição para um 5 - 3 - 1 (sendo este da APU. Como Vizela tem mais de 6500 eleitores, e, por tradição, é uma terra socialista, os responsáveis do PS estão convencidos de que não seria difícil superar aquele valor e echegar ao objectivo visado. Diz-nos um socialista: «Se o PS tiver a maioria, sabemos que vai defender a criação do concelho de Vizela. Mas eu não sei o que é que se passa aqui, que as pessoas não querem saber...»

De resto, o Grupo Parlamentar do PS enviou por telex uma mensagem em que, manifestando preocupação com o eventual boicote no próximo domingo, pedia aos seus camaradas desta vila que liderassem um movimento tendente a fazer com que tudo corresse com serenidade. Ao mesmo tempo, o Grupo Parlamentar do PS garantia o seu comprometimento para obrigar a que o projecto de Vizela seja agendado na AR depois das férias do Natal.

Cópias deste telex foram afixadas em vários locais, mas apareceram rasgadas pouco depois. No entender de Gabriel Dias, presidente da Junta de S. Miguel, socialista, este facto mostra que as pessoas não aceitam aquele pedido constante do telex. E acrescenta: «Parece-me impossível evitar que as eleições não se efectuem».

Da mesma opinião é, também, Manuel Campelos, do Movimento Restaurador do Concelho: «preocupa-nos bastante a situação, mas não podemos obrigar as pessoas a mudar de opinião. Dada a reacção da população, o que eu penso é que os elementos das mesas de voto nem vão comparecer». De facto, embora ainda não tenham tomado uma posição conjunta, uma boa parte dos responsáveis pelas assembleias de voto está na disposição de não retomar o lugar que tiveram de abandonar no domingo passado, como já haviam expressado ao nosso jornal.

Na perspectiva de Manuel Campelos, o povo já mostrou no domingo, o seu desapontamento e agora deveria ir votar, ou abster-se, como quisesse, mas sem perturbar o acto eleitoral. Tanto mais que – sublinha – a campanha da União Democrática foi dirigida toda em termos de referendo sobre o «Caso Vizela»

Não há outra conclusão a tirar dos resultados já obtidos» – frisa, acrescentando que foi a própria aliança PSD/CDS que quis fazer das eleições um plebiscito sobre o caso.

Luís Humberto Marcos

Ontem na Câmara do Porto

A última "cena" de Coelho de Magalhães

PORTO, 17 – «Coerente» até ao fim, o arq.° Coelho de Magalhães encerrou a sessão de ontem da Câmara Municipal do Porto (a última, possivelmente, do executivo a que consta ter presidido) com um murro na mesa e uma saída intempestiva da sala.

Tinham decorrido apenas dois minutos de sessão e outros tantos de presença das pessoas na sala, para se acomodarem e pegarem nos papéis. Coelho de Magalhães, antes de mais este gesto para os anais da Câmara portuense (aliás, nem sequer inédito durante este seu mandato), afirmou que «as reuniões da Câmara são para tratar de problemas que dizem respeito aos munícipes não para fazer política...», querendo desta forma impedir que o vereador da APU, Raul de Castro, continuasse no uso da palavra.

Raul de Castro fazia no momento uma referência aos resultados eleitorais e iniciava um comentário sobre a legitimidade governativa da actual «maioria».

«Hoje quem é oposição é a AD, visto que é ela que está em minoria» disse aquele vereador e dirigente nacional do MDP-/CDE, para acrescentar que o recente acto eleitoral «retirou a legitimidade quer ao Governo quer a esta Câmara, para continuar a governar».

As palavras de Raul Castro proferidas no período reservado a assuntos diversos, o arq. Coelho de Magalhães reagiu imediatamente e de forma ameaçadora, dizendo que encerraria os trabalhos, o que aliás concretizou momentos depois.

Os problemas que havia para tratar e que, inclusivamente, fizeram deslocar muitos munícipesà sala das sessões, foram assim adiados mais uma vez. «Adiar, adiar sempre tudo, foi de facto a forma de trabalhar que caracterizou este executivo, dos piores de que há memória nesta casa», comentava um dos presentes

No entanto, Coelho de Magalhães, que assim, na derradeira sessão do seu executivo, manifestava uma súbita e tardia vontade de tratar dos problemas dos munícipes não saiu sem a ameaça de ainda voltar de novo à Câmara do Porto.

De facto, perante os protestos de alguém que acrescentava não haver (felizmente ..) mais oportunidades para Coelho de Magalhães encerrar sessoes desta forma, o presidente cessante retorquiu: «Não sei se ainda voltarei a ser presidente desta Câmara, ouviu?»

José Gomes Bandeira

Um regresso de madrugada

Continuação da pag 1

ganhos e perdas , a questão das Lajes, igualmente, parece estar a ser encarada sob um ângulo de rendimento económico e financeiro.

Em tempo de vacas magríssimas os auxílios financeiros e as ajudas económicas, como é de prudente conselho, não podem ser desprezados. Mas as vantagens materiais, e mesmo as mais respeitáveis perspectivas de desenvolvimento regional, não deverão levar-nos a uma demissão moral e política perante os valores nacionais de segurança e de independência nacional, e perante o alto valor humano e universal de defesa da Paz.

O território português não pode ser colocado na disponibilidade para trânsitos militares que nos colocarão, de um momento para o outro, perante factos políticos consumados.

A política portuguesa de cooperação internacional e de amizade com os povos que com Portugal se comportam amistosamente não poderá ser comprometida, quaisquer que sejam as dificuldades materiais que atravessamos, por um tácito abandono de soberania, ou por acordos que põem em causa a nossa posição independente nas relações com outros povos.

Mais do que a denúncia pública de um estado de espírito perigoso, são estas palavras de advertência aos homens políticos que procuram, em apoios internacionais, o que vão perdendo no consenso nacional.

Libertação de Sérgio aguardada para esta tarde

À hora a que o «DL» começa a circular a sorte de Sérgio Godinho já deverá ter sido decidida pelo Tribunal Federal de Recursos de Brasília. O pedido de «habeas corpus» em seu favor começou a ser julgado ao meio-dia (hora de Lisboa), havendo a convicção generalizada de que os juízes se decidirão pela libertação, em condições que permitam o regresso imediato do cantor a Lisboa.

A defesa estará a cargo de Paulo Pertence e Cláudio Gusmão, advogados da editora de Sérgio Godinho, que ontem declaram aguardar «um desfecho favorável» do julgamento. Entretanto, esta tarde no Rio, prosseguirá a instrução do processo com os depoimentos de Chico Buarque, Ivan Lins, Dina Sfat, João Bosco, Lucinha Lins, Fernando Gabeira, Carlos Minc e um funcionário da Program, como testemunhas de defesa.

Segundo os advogados que no Rio estão a assegurar a defesa de Sérgio, também nesta audiência se espera que a juíza Julieta Machado determine a sua libertação, independentemente do julgamento do pedido de «habeas corpus».

Na opinião de diplomatas portugueses em serviço no Brasil, citados pela FP, também é de esperar uma libertação que possibilite o regresso imediato a Portugal

Apesar de o embaixador português, Adriano Carvalho, ter estado em contacto telefónico como ministro brasileiro da Justiça, a propósito da situação de Sérgio, a opinião generalizada dos amigos do cantor no Brasil é a de que ele já teria sido libertado há muito tempo, se os diplomatas portugueses tivessem agido com maior determinação.

As críticas ao pouco empenho mostrado pelos responsáveis portugueses na resolução do problema não poupam o Presidente da República que «poderia ter intervindo e não interviu» de forma a que Sérgio fosse libertado, segundo meios brasileiros ligados ao processo, citados pela FP

Espectáculo na Aula Magna

Diversas organizações, nomeadamente as cooperativas Eranova e Cantar Abril, as Associações de Estudantes de Letras e de Direito, a RIA, a Sociedade Portuguesa de Autores e o Sindicato dos Trabalhadores de Espectáculos, levam a efeito, no domingo à noite, um grande espectáculo de solidariedade com Sérgio Godinho.

Finalmente, na segunda-feira, terá lugar no Rossio, pelas 19 h. e 30 uma manifestação pública de solidariedade com o cantor.

Diário de Lisboa
LER ESCREVER
Suplemento literário
N.º 89 ● 17 de Dezembro de 1982

Gabriel Garcia Marquez

«Habeas» – um livro ainda por escrever

Mário de Cautin

NO irrequieto e múltiplo trabalho de Gabriel Garcia Marquez, Prémio Nobel da Literatura, uma das suas facetas talvez menos conhecidas é a sua longa luta pela defesa dos direitos humanos.

«Habeas: fundação para os direitos humanos nas Américas» é o nome de uma organização financiada e dirigida desde a sua fundação, no México, em 1978, pelo laureado escritor colombiano.

Em parte por modéstia, em parte por conveniência para os objectivos da própria organização, a actividade da «Habeas» é virtualmente mantida no anonimato.

O colaborador e amigo pessoal mais próximo de Garcia Marquez, neste aspecto, é o dr. Danilo Bartulin, chileno, que foi médico pessoal do antigo presidente Salvador Allende, um dos que o acompanharam durante a desigual batalha travada no Palácio de La Moneda em Setembro de 1973, e preso durante três anos num campo de concentração do regime militar golpista.

Casualmente, Mário de Cautin, correspondente da IPS, teve o privilégio de colaborar com o escritor colombiano nos primeiros passos da «Habeas», cujo título, como é óbvio, foi tirado da expressão latina «habeas corpus» («apresente-se o corpo»), nome de uma lei inglesa (1279) e norte-americana (1787) que começava por essas palavras.

No campo jurídico, é o direito de todo o cidadão detido de comparecer perante um tribunal para que seja examinada a legalidade da sua detenção.

Pensando levar a cabo de um modo concreto as suas posições públicas a favor dos direitos humanos, Garcia Marquez idealizou a criação da fundação «Habeas», que, para além de se tornar num centro de documentação, aproveitaria a sua estreita amizade pessoal com personagens da política latino-americana e mundial para intercederem pelos presos políticos.

O presidente Fidel Castro, o general Omar Torrijos (falecido num suspeito acidente aéreo atribuído por Garcia Marquez à CIA), o ex-presidente da Venezuela Carlos Andres Perez, o presidente François Mitterrand, entre outros políticos e estadistas, são velhos amigos íntimos do escritor.

«Habeas» recebe determinadas denúncias sobre violação dos direitos humanos, investiga-as e, uma vez comprovadas, Garcia Marquez desloca-se pessoalmente aos locais, com vista a encontrar uma fórmula de mediação, ou simplesmente pega no telefone e fala durante horas com os seus influentes amigos para que o auxiliem neste seu trabalho.

O resultado desta longa e anónima luta que vem travando «é, diz o escritor, difícil de medir». E isto porque (pormenoriza Garcia Marquez) «os resultados do meu trabalho neste campo não são precisos e imediatos, ocorrendo por vezes quando menos se espera...»

O caso que mais o satisfez, foi o de ter conseguido obter o salvo-conduto da esposa e filha do comandante Tomás Borge, hoje ministro do Interior da Nicarágua. As duas mulheres encontravam-se asiladas na Embaixada da Colombia em Manágua, na época do ditador Anastasio Somoza. Este recusava-se a conceder autorização de saída do país à família daquele que era nada menos que o último fundador sobrevivente da política de repressão sandinista.

Garcia Marquez e Borge estudaram o caso e encontraram um argumento útil: a filha de Borge fora vítima de uma insuficiência renal.

Em menos de 48 horas, as duas mulheres partiram para o México com um salvo-conduto concedido por razões humanitárias e não políticas.

Possuidor de uma ampla ideologia de esquerda que não o identifica com uma determinada facção política ou partidária. Garcia Marquez intercedeu através da «Habeas» também pela libertação de alguns presos políticos norte-americanos em Cuba, a pedido expresso das autoridades norte-americanas.

O célebre autor de «O coronel não tem quem lhe escreva» reconhece que nem sempre teve êxito na sua actividade a favor dos direitos humanos, nem tão-pouco lhe foi reconhecida a sua participação activa nas diligências para libertar pessoas detidas, o que, francamente, o não leva ao desânimo, confessa.

A seu ver, «o mais desencorajante dos casos» foi a sua contribuição para a libertação dos banqueiros britânicos sequestrados em 1979 por grupos guerrilheiros de El Salvador.

Foi o general Omar Torrijos quem lhe pediu que diligenciasse no sentido de salvar a vida dos sequestrados, que, de acordo com o ultimato dos guerrilheiros, seriam executados 48 horas depois.

Através de numerosos intermediários, conseguiu que as negociações entre o banco e os guerrilheiros fossem retomadas. Pediu além disso ao escritor britânico Graham Green, que vive em Antibes, que fizesse o contacto com a parte inglesa. As negociações duraram quatro meses – e quando surgiam obstáculos logo ocorriam os dois escritores tentando saná-los. Por fim, os banqueiros foram libertados, sem que ninguém se lembrasse de Green ou de Garcia Marquez..

«Graham Green e eu fizemos as coisas de tal forma que os ingleses devem ter pensado que éramos cúmplices dos guerrilheiros» – comenta Garcia Marquez com ironia.

Embora o escritor o não queira admitir, a «Habeas» teve alguma forma de participação em mais de uma libertação de presos políticos da Argentina, Chile e Uruguai.

«Estas coisas da «Habeas» só poderão saber-se se eu alguma vez escrever as minhas memórias» – esclarece o escritor. Daí, portanto, uma pergunta que se impõe: quando um novo livro de Garcia Marquez com o título de «Habeas»...? ●

Gabriel Garcia Marquez, em Havana, entrevistado por Eugénio Alves, nosso camarada no «DL». Oportunamente, a entrevista foi inserida no suplemento «Ler/Escrever». Nesse escrito, sobressaíam os conceitos de fraternidade do grande escritor colombiano, último Prémio Nobel

Memória (com inéditos) de Mário-Henrique Leiria

(Conclusão)

POR esta época roubei-lhe uma pasta com originais, que li de um fôlego. Dei-lhes uma sequência, boa ou má mas a minha, enviando a pasta para o Manso Pinheiro, da Editorial Estampa. (Antes que o Mário-Henrique lhes largasse fogo, agora que o seu reportório estava enriquecido com canções tupi-guarani).

Três ou quatro dias depois telefona-me.

– A minha pasta?

– Dou-ta na semana que vem.

– Ou ma dás amanhã ou vou aí e levas duas bengaladas.

– Preciso dela ainda uns dias...

– A mãe vai lá buscá-la amanhã.

– Já disse. Dou-ta na semana que vem, ainda não a li toda.

– Vem cá no domingo com ela.

Assim ficou. Fui lá no domingo e levei-lhe apenas os originais que não tinha seleccionado para o livro. (Mais tarde ele aproveitou-os todos para o segundo livro).

Quando lhe dei a notícia que a Editorial Estampa ia editar o livro, ficou felicíssimo por dentro e ferocíssimo por fora! Berrou, insultou-me, chamou-me pulha, falso amigo, vigarista, enfim, delicadezas.

Pouco tempo depois recebi esta carta do Mário:

Caríssimo

Pois é o que te digo, a velocidade é uma coisa extraordinária. Então não é que o livro vem para a rua na próxima semana! Vê lá tu isto! E, ainda por cima, com a minha capa! Ele há cada coisa!

O A.C. (1) apareceu-me ontem à meia-noite com o irmão, e por aqui ficámos em bate-papo poderoso até às quatro. São uns tipos porreiros mesmo.

Só que o A.C. é de opinião convicta que o livro vai imediatamente dentro. No entanto, ó pasmo, quer mais!!

Se apreenderem, é encrenca para ele e bode para mim, que não vejo nenhum. Paciência. Afinal até chega a ser uma boa recomendação.

Na verdade, o livro saiu («Contos do Gin Tónico») e foi um êxito. Já não me recordo bem, mas esteve à cabeça das vendas cerca de seis meses.

O êxito e o dinheiro dos direitos constituíram para o Mário, como se calcula, um forte alento. Até começou a tratar das mãos numa clínica, com uma médica sueca, que rapidamente se apaixonou por ele. Pequenino, baixinho, seco ou melhor, muito magro, com as pernas à banda, de bengala, cabeça rapada, feio como a noite dos trovões e era aquilo, sempre! A sua força, a sua inteligência, a sua alegria de viver, a sua gentileza disfarçada (mal) em rudeza, o seu saber da vida, o seu talento, o seu olhar brilhante e sempre irónico, pregavam-lhe estas partidas.

Deixou de ir à clínica.

A doutora foi lá a casa.

Correu com ela.

A família não ajudou à vida do Mário nos seus últimos anos. Ele, praticamente um inválido, sem recursos fixos, recebeu em casa uma tia (para tratar da mãe) e outra tia, mais tarde (para ser tratada). A sua carta de Junho de 1972 parece-se com o D. Quixote (aqui os intelectuais vão afunilar o olho, aprofundar o rosto e esmiuçar o texto), que nos faz rir e logo nos põe sérios e com amargos de boca. (A historinha a que o Mário se refere nesta carta, já foi publicada num jornal diário e será talvez inserida num próximo livro de contos. Se ele diz bem, não tenho culpa e se julgam que publico para me valorizar, repito, como na primeira página, estou-me borrifando, que não é uma expressão muito literária, mas que exprime bem o meu pensamento).

(1) – António Carlos Manso Pinheiro, sócio-gerente da Editorial Estampa.

Álvaro Belo Marques

Mário-Henrique Leiria – «Natureza», gouache, 1948

Caríssimo

Li a tua conversa com o arbusto. Sabes que aquilo é uma linda historinha de ficção científica? É o diabo, meu velho, afinal o que devias mesmo era escrever. Pois foi, gostei.

Junto envio a escrevinhação acerca de Beats e Angries. Não sei se serve, se não serve. No fundo, estou-me cagando para ela.

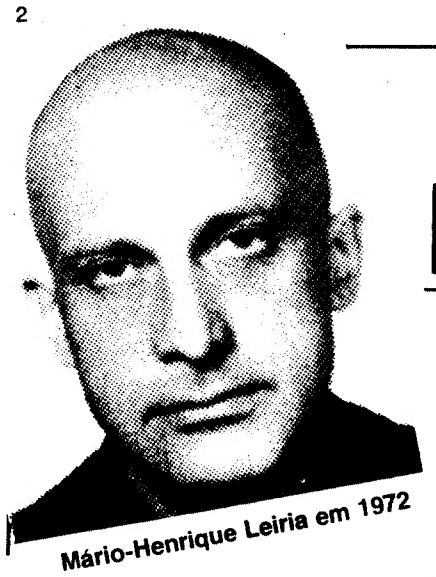
Também vai mais um caso do Direito Galático (1) que, como se vê, levantou sérios problemas aos juristas ortodoxos.

Quanto ao resto, são dois troços de F.C.. São a sério, desta vez. Afinal, alguém tem de

Continua na pág. 2

Diário de Lisboa LER ESCREVER

Memória (com inéditos) de Má



Mário-Henrique Leiria em 1972

Continuação da pág. 1

escrever F.C. nesta terra, e a F.C. serve tão bem como qualquer outra forma mais ou menos literária para dizer do nosso «estar farto». Serve-te deles como te aprouver.

Por aqui foi assim:

Já não me aguentava mais e lá me atirei para o médico, grande reumatólogo, etc.

Cheguei e disse: «Sou doente habitual e tenho hora marcada.» «Pois», disse-me a vivandeira. «São 250$00». Eu não disse mais nada. Paguei.

Entrei, fui observado e apalpado como se deve pelo génio clínico e informado que isto que tenho nas mãos, todas tortas e fora das regras, chamam os franceses «mãos em rajada de vento». Achei bonito e imaginativo mas, como não me resolvia o caso, inquiri se havia melhoras à vista. «Oh, não, isso agora ainda vai piorar», sorriu o doutor. Achei chato e expliquei laboriosamente que tenho duas velhas às costas, que não posso pôr um dedo na máquina, que escrever é uma encrenca, que patati e patatá... «Claro», disse-me. «O senhor deve é arranjar um gravador e uma secretária.» Fiquei calado, a pensar bem o que devia dizer. Não achei a frase exacta; afinal, filho da puta já não quer dizer nada. Resolvi sorrir. Ele também. Escreveu uma receita e deu-ma. Sorrimos mais, «até à próxima, meu caro sr. Leiria». Cheguei aqui. Mandei à farmácia. 10 pílulas microscópicas, 300$00. Então disse mesmo. FILHO DA PUTA!!!

E pronto. É a medicina.

Cá por casa a coisa vai. Agora, como somos supostos ser muito humanos, atiraram para aqui uma tia, irmã da mãe, que, além de cega, tem um riquíssimo cancro no nariz e na garganta por cima dos 76 anos. Está no fim, mas ainda deve dar para regougar uma semanas. Pois é, afinal a família, sabes... o amor fraterno e etc... Mas porque raio de preceito os outros resolveram não ser da família? Olha que, afinal, também são... Mas a coisa vai. A velha estertora toda a noite, aqui no quarto ao lado. A outra tia, a Jovília, a coxa que bem conheces, lá passa as noites a pôr pensos, a tirar mija e outras manipulações. A minha mãe, 80 anos de danação, anda aos pulos. Quanto a mim, leio Mao Tse Tung, a ver o que se pode fazer. E é assim.

cedo te envie mais colaboração para o pasquim. Afinal, já tenho por aqui a minha dose suficiente de literatura de cordel.

Talvez aquando do falecimento e concomitante enterro, te possa reportar qualquer coisa gostosa. Há o tio almirante e director do Instituto de Altos Estudos Militares Navais, há a velha e púdica prima Maria da Glória, dona de usina, presidente das Vicentinas, familiar do Papa e outras aberrações, há dezenas de coisas monstruosas e abomináveis que certamente aparecerão. Vai ser em cheio.

Bateram à porta. Mas não eram... ainda não foi agora. Apenas um cobrador (de quê?)

(...)

Entretanto, passaram-se horas.

E então eu tenho por aqui um disquinho, uma «suite» de ópera de ficção científica ANIARA (um nome lindo), de Karl-Birger Blondahal, electrónica, concreta, com gritos de criança e tudo. É baseada num belo poema de um sueco de que não me lembro agora o nome e que, há uns 15 anos, a minha amiga Katja finlandesa me traduziu para o francês. Creio que o tema é assim: 8000 pessoas partem para Marte numa astronave gigantesca, após a Terra ter pifado. Lá vão elas muito contentes, mas acontece que uma chuva de meteoros desvia a nave e o computador-piloto enlouquece. E pronto, a nave sai da rota e segue para o Infinito, levando aquela carga de mortos em perspectiva. Animador, como vês.

A ópera é alucinante. Guinchos, uivos, arranhamentos, e vários violinos. Uma criança chora. Bonito. Pus isso há pouco no gira-discos, bem alto, com os agudos repuxados. Resultou. A minha tia (não a câncria, a outra, a coxinha) entrou pelo quarto aos berros: «Tira isso, tira isso». Ataque da praxe. Resultou, não há dúvidas.

Para amanhã reservo uma riquíssima gravação gravação do Museu do Homem que por aqui tenho. A invocação dos demónios pelos lamas tibetanos. Vamos ver o que dá. Deve conseguir-se qualquer coisa...

Realmente a tia morreu pouco tempo depois. Apesar da sua costureira «blague», com a qual julgava encobrir os seus sentimentos, ele foi-se abaixo perante a morte, talvez pensando na dele próprio. Mas é ainda em blague, que escreve sobre o enterro:

(...)

Quanto ao resto, isto está a descambar um pouco para o desconjuntamento total. A câncria lá se finou, como convinha. Só com o que não concordei foi com a conta que o Magno apresentou (missa e ruídos de circunstância incluídos). Acabei por lhe dizer que aquilo era um dispaupério; então ele levava-me a tia, esconde-a num buraco e ainda queria mais aquilo? Não senhor, não podia ser; que me trouxesse outra vez a tia, o negócio não me convinha. Pois não aceitou! E aí estou eu com a conta à frente. Só a mim!

E é tudo.

Nunca soube bem como foram aqueles nove anos fora de Portugal. Ele nunca foi muito claro (pelo menos para mim), sobre esse período de tempo e sobre a verddadeira razão das pernas estropiadas. Soube do seu trabalho na editora infantil Giroflé, de que era proprietário o poeta Sidónio Muralha, a qual, rapidamente abriu falência. Quando ele, no prefácio do seu primeiro livro «Contos de Gin Tónico», fala que foi encenador teatral, não nos disse da paixão entre ele e a principal intérprete da peça, uma jovem japonesa muito bonita.

Como me referi ao prefácio, por ele escrito, acho melhor transcrevê-lo.

«Mário-Henrique Leiria nasceu em Lisboa em Lisboa em 1923. Freguequentou a Escola de Belas-Artes donde saiu apressadamente.

Entre 1949 a 1951 participou nas activifades da movimentação surrialista em Portugal. Depois começou a andar de um lado para o outro. Teve váriоas empregos, marinha mercante, caixeiro de praça, operário metalúrgico, construção civil (não, não. Não era arquitecto; carregava tijolo), etc.

Pelas terras onde andou: Europa cristã e ocidental, o Mediterrâneo Norte Africano, o Oriente Médio e, até, dizem, os países socialistas. Não ia aos Bacans porque tinha medo. Todos lhe diziam que lá os bigodes eram enormes e as bombas estoiravam até no bolso. Um dia teve de passar por lá. Os bigodes eram realmente grandes, mas toda a gente sabia rir. Tirou o casaco e bebeu que se fartou. Entre 1959 e 1961 foi casado e nao fez mais nada. Em 1961 foi para a América Latina, donde voltou 9 anos depois. Por lá conseguiu ser, entre outras actividades menos respeitáveis, planejador de stands para exposições, encenador de teatro e até director literário de uma editora. Fizera progressos. E agora está chateado, vive em Carcavelos e custa-lhe muito a andar. Tem colaborado em várias revistas e jornais nacionais (e não só). Está publicado em algumas antologias, tanto aqui como no estrangeiro.»

No campo dos jornais e das revistas, vivemos aventuras muito ricas – profissionais, intlectuais e humanas. Uma delas foi o semanário humorístico «O Coiso», onde Mário-Henrique como director, nos ensinou como trabalhar em equipa e como fazer de uma redacção um todo pensante, coeso e cumpridor. Esta nunca era a ideia dos ocasionais visitantes às reuniões semanais da redacção. Encontravam aquele careca, ora gritando a plenos pulmões, ora rindo até às lágrimas, batendo com a bengala na mesa, lendo a colaboração em voz alta (para aprovação ou rectificação colectiva), chamando **meninos** a todos, e nós a ele «velha» ou «velho». São desta época os seus textos sobre culinária (cada receita terminava sempre por aconselhar a dona de casa a substituir o prato por uma garrafa de Gin) e as suas versões do «Capuchinho Vermelho» e das fábulas de La Fontaine. (Creio que o dr. Ruy de Lemos irá fazer essa recolha e publicá-la, com as ilustrações originais).

Outra aventura muito menos divertida foi o semanário «Aqui», que nós, romanticamente, queríamos que fosse de «unidade de esquerda» quando se sabe, em todo o mundo e em todas as latitudes, que só a direita é unida! Mas, quanto a solidariedade, foi bom. Uma peque, na equipa trabalhou arduamente, sem salários ou qualquer espécie de remuneração (muitas vezes sem dinheiro para o almoço e para os transportes). Neste momento só me interessa falar do Mário-Henrique Leiria. Talvez um dia eu conte as sabotagens e as perseguições que sofremos no «Aqui»... por parte da esquerda. Da direita só recebemos ameaças de nos esfolarem e esquartejarem, principalmente de uma organização chamada FMU. Mário-Henrique demite-se da direcção do «Aqui», falando do FMU, mas não foi por causa das ameaças que se demitiu. Se a PIDE nunca lhe meteu medo, muito menos essa tal organização nazi.

10/11/76

Caro Álvaro

Portanto está tudo justificado.

O Aqui não tem medo da FMU (FMU?). Eu não tenho desavenças políticas com vocês, veja-se NOTA da treta que praí escrevi.

Tudo bem e tudo certo.

Dado isto – e agora é que é – demito-me de director. Não se trata de pedir a demissão. Demito-me, é tudo.

Olha, Álvaro, não vale a pena telefonemas, perguntas, e respostas, reuniões ou outras coisas. Sabes, não é? Nada de plenários, projectos, conjunturas e sabe-se lá que mais. Palavras que as pessoas começaram a usar – divertidíssimas – logo após o 25 de Abril de 1974 e que realmente ainda nem sabem o que significam, como afinal muito bem conheces. Por isso as usam aos molhos.

Além disto, tenho razões de vida privada – nada a ver com política, jornais ou outros – que me determinam ao que afirmo.

Demito-me de director do AQUI e pronto. Nada mais.

No próximo número o meu nome não aparece. Evidente.

Abração grande e amigo do velho...

É óbvio que o semanário acabou duas semanas depois.

Não foram muito felizes as últimas palavras que trocámos. Dois dias antes de me retirar de Portugal, telefonei-lhe e disse-lhe. Desatou aos gritos e chamou-me traidor, que ia lutar por outro povo quando a minha obrigação era lutar por aquele. Expliquei. Voltou a chamar-me traidor e desligou. Creio que se zangou definitivamente, pois mais tarde enviei-lhe um telegrama, ao qual não respondeu.

Procuro-o em Janeiro de 80. Estava no Hospital de Cascais. Combinei como o dr. Ruy Lemos ir dar-lhe um abraço. Mas, no dia seguinte, este amigo dá-me a notícia de que o Mário-Henrique tinha morrido. De quê? Ninguém sabia explicar. Como uma bateria que vai perdendo carga até que fica em zero. Não tinha qualquer razão para viver e, por isso, **deixou-se** morrer, como diria muito mais tarde o Ruy Lemos. Outra explicação, de um antigo colaborador de 'O Coiso' e hoje médico, é a de que o Mário-Henrique tinha deixado de beber nos últi-

Na exposição dos surrealistas em 1949. Da esquerda para a direita: H. Risques Pereira, Mário-Henrique Leiria, A. M. Lisboa, Pedro Oom, M. Cesariny, A. Cruzeiro Seixas, Carlos Eurico da Costa e F. Alves dos Santos

e agora desejo a todos

Boas Saídas

Fragmento do «Conto do Natal para crianças», Edições Forja, 1972

(1) Mais tarde publicados em livro.

ário-Henrique Leiria

mos seis meses de vida e que o seu organismo sempre se alimentou de álcool, pois pouco ou nada comia.

Deixei para o final destas recordações uma longa carta que recebi aquando do ataque dos comandos palestinos, em Munique (era enviado especial do «República», o Fernando Assis Pacheco).

Álvaro

Estou desorientado, as mãos voltaram-me para te escrever. Não sei, não percebo, estou desorientado.

Aquilo não podia acontecer e, de repente, aconteceu no noticiário dos rádios.

Olha, Álvaro, explica-me, porquê? Será que morte e ódio vão continuar? E também e até nos Jogos Olímpicos (a palhaçada olímpica de conquista de propagandas e não de entendimento, mas isso não vem ao caso)?

Álvaro, isto não pode ser possível. Sou judeu e amo os árabes, sabes. Não percebo as fardas oficiais a pisarem as terras livres, sabes. Mas porquê isto? Que culpa teve Moshe Weinberg? Que culpa têm os outros? Talvez até pudessem saber amar toda a gente. Que culpa têm os árabes?

Dachau de novo? Mais chicotadas no lombo dos construtores de pirâmides?

Presos no ódio conveniente inventado pelos Grandes que fabricam os governos da conveniência. E matamos.

Álvaro, quando ouvi a notícia, teria saltado, com bengala e tudo, teria pegado na Luger e enfiado sete de 7,65 no meu vizinho árabe. Mas o meu vizinho não é árabe, é apenas inglês (bonsinhos também, na Palestina, até ao britânico enforcamento de Ben Yusef). Não enfiei nada. Apenas fiquei desorientado, e ainda mais por ter pensado nisso, de repente. Porquê, Álvaro, porquê?

Diz-me, Álvaro, porquê duzentos presos para libertar em troca de mais ódio? E porquê antes desses duzentos presos árabes, e mais para trás, e mais para trás, e antes, e antes?

Porquê os presos e porquê os mortos?

Eretz zavat chalav un' vash. A Terra do Leite e do Mel, na língua mais cantante, mas onde é? Na raiva e nos tanques, nos Mirakes e nos zarolhos?

Desorientado, apavorado, com ódio até a mim. Estão-me a dar isso e eu aceito. Aceito? Não. Não pode ser. Não quero e não aceito.

Álvaro, escrevo-te. Preciso de escrever a alguém. Como tu. Tu sabes, tens companheira, tens as garotas, tens as mãos e olhos para me explicar.

Fica-me a solidão e a vontade de matar de novo, Álvaro.

E o medo. Explica-me Álvaro.

E mataram Yusef Romano, e não queriam fazê-lo. Quem foi? Porquê?

Fui, num arranco, rebuscar aos papéis uma história mínima, uma música que fazem (farão) parte dos CONTOS DO GIN-TONIC. São isto e tos escrevo aqui. Sabes porquê, Álvaro.

Apenas uma morte

– Shoshana está a acabar. Vai lá, parece que quer falar contigo.

Dito isto, Chaim foi-se embora, de volta à oficina de jeeps. O recado estava dado.

Larguei tudo. Atirei-me a correr, numa raiva de não ter mais pernas.

Ao aproximar-me da barraca a força foi-se e aconteceu-me ser bem devagar que abri a porta.

Shoshana, a mais maravilhosa que houvera, estava deitada, a olhar quem chegava.

Fiquei calado, com um receio desesperado de ouvir a minha súbita solidão.

Sentei o corpo ao lado da cama, na cadeira que fizera havia pouco amaciando a madeira para que ela fosse boa e quente para Shoshana.

– Micha, Micha, vieste depressa.

Shoshana sempre tivera o jeito de transformar o nome das pessoas em música irónica.

– Sim, Shoshana. Vim

– Ouve, Micha, não quero que tenhas pena.

A mão dela ainda sabia agarrar. Sempre soubera e não ia esquecer. Só se esquece o que não se sabe, o que nunca se amou.

A mão de Shoshana, extremamente determinada, com aquela certeza perfeita que indicava e acompanhava, sempre presente, o nascimento do riso e da alegria. A mão de Shoshana, com uma confiança enorme, pousada no tractor abrindo a terra, prendendo a enxada para parir frutos.

– Pena porquê, Shoshana?

Shoshana em fúria de ver soldados de outro mar enforcando Ben Yusef na terra que não lhes pertencia. Shoshana da mão por mão, pé por pé, olho por olho, dente por dente.

Shoshana de saber sorrir e amar.

Shoshana do leite e do mel para que continuássemos.

– Talvez tivesses, Micha. Nunca dizes nada.

A atravessar a areia, como um barco contra o ódio. Shoshana de velas abertas e braços cantantes, a pôr som e água na noite e na sede.

– Não Shoshana. Não precisas que eu te diga.

E sempre como uma árvore enorme. Shoshana das folhas que não morrem, que nos dão a sombra transparente.

– Não preciso não, Micha. Para quê dizeres? Está nos teus olhos.

A voz já não estava exactamente ali. A mão desceu, tão a largar suavemente como fora tão a agarrar tudo em amor.

Nunca pude chorar. Nunca tive tempo para aprender.

Shoshana.

Shoshana tão viva como nós.

Shoshana e todos.

Shoshana, Shoshana...

Eretz

Uma muralha de distância
quebrada agora
pela ânsia dos peixes e dos pássaros
a mão que recorta a terra
lembrada agora
pela guerra que fizemos para amar
um caminho muito antigo
presente agora
como o inimigo em que confiámos
o silêncio duro do deserto
sentido agora
como peito aberto aos sons ouvidos
a pedra, a noite, a garra
o dia, a água, o sol, o riso
a certeza exacta de esperar
a concha, o mar, a amarra
a erva, a flor e o teu rosto
reencontrados
como a cor que foi o teu olhar

Estás a ouvir, Álvaro? Afinal para onde? Descobri isto nos papéis e continuo a não ter aprendido a chorar, por falta de tempo, parece.

– Uma guerra que fizemos para amar
Shoshana e todos
como um barco contra o ódio
o dia, a água, o sol, o riso

Será que não tenho outra solução se não ir prá janela e começar a atirar contra os pássaros e contra os peixes, contra as nuvens e contra os homens, contra as pedras e contra a noite, até ao fim da 7,65?

Explica-me, Álvaro.

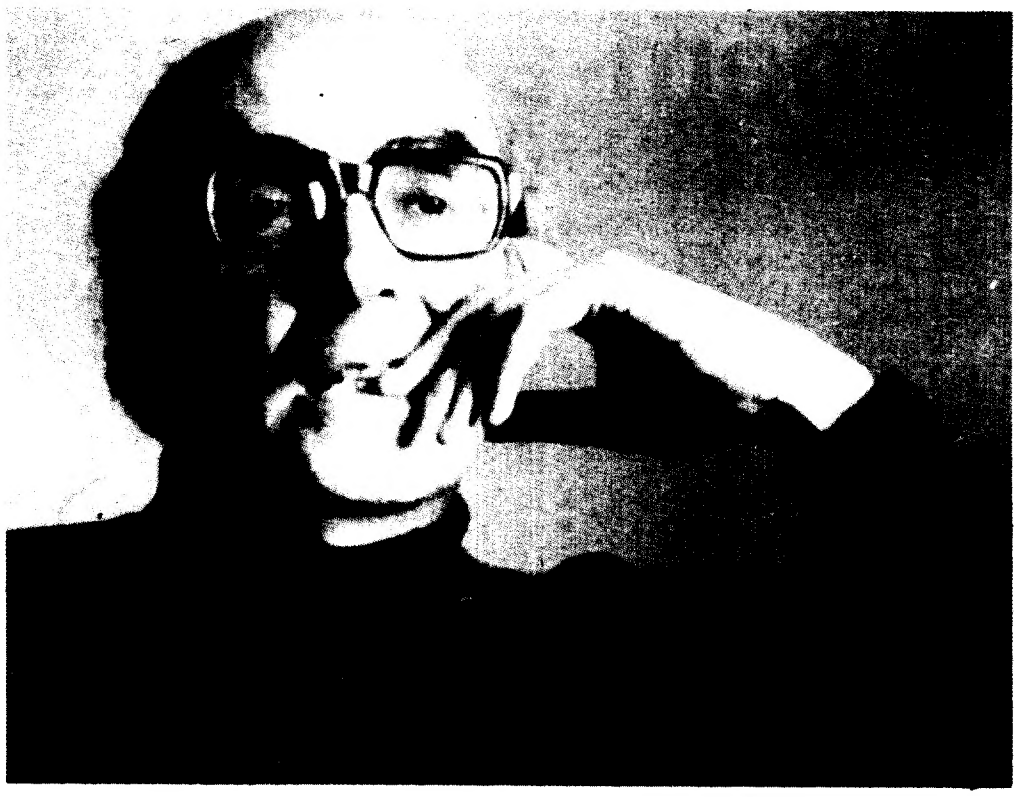
Mário-Henrique

Álvaro, como é complicado ser judeu, ser comunista mesmo, querer ser pessoa e não querer ter ódio! Não percebo nada.

MAPUTO, MARÇO DE 1982

ÁLVARO B. MARQUES

Melhores Entradas.



«MEMORIAL DO CONVENTO»

Uma personagem chamada língua portuguesa

«MEMORIAL do Convento»: vão-se os olhos por este livro como ouvindo música até Mafra. Música de cravo – e cravo que teima nos acordes mesmo quando mergulhado num poço. Porque, na verdade, esta escrita é um som. Um som que nasce do hábil arrumo da frase, que ora em memória (e não só) se apoia no decassílabo, ora na redondilha maior, ora ainda na redondilha menor, que senão noutros metros também. Só o atento ouvido dos olhos (passe a expressão) capta o itinerário e a pauta de semelhante música; e eis então que se ouve o Português que todo um povo foi construindo e aperfeiçoando ao longo dos séculos... Através desta língua, destas medidas, deste som – temos o **acto** da nossa História. Assim é: e aqui, no «Memorial de Saramago, temos o convento de Mafra, a época de D. João V, o voo (antes de tempo oportuno e completo) da passarola voadora de Bartolomeu de Gusmão. E temos igualmente o hífen que, de uma palavra a outra, liga o povo de então ao povo que ora somos.

Autêntico quadro a óleo nas cenas de opressão de todo um povo (ou na denúncia das ridículas posições do poder), aguarela na captação de momentos líricos, e também desenho de traço caricatural em instantes que outro risco não merecem – este «Memorial» é um livro que toma o leitor nos seus longos parágrafos, o dissemina por numerosas molduras, o situa em variados redemoinhos, o obriga, enfim, a respirar ao ritmo da língua de toda uma nacionalidade. Ritmo que muda (anunciando já outros tempos) o nome de Scarlatti em Escarlate...

Que a verdade é esta: o leitor transforma-se no corpo do «Memorial», repentinamente é tudo **um**, momentos se alcançam em que ele, leitor, se está lendo a ele próprio. Saramago leva-o à escrita,

Continua na pág 4

POEMA

- de José Bento -

Março declina seus casos despedindo-se
num arrepio das cordas entre os ramos insones,
nos oboés que nas fontes afroixam e se afastam
do ímpeto dos golpes que avergoam seu rosto:
primícias de sangue entre a erva pungente.
Que noivas aqui abandonaram as corolas forçadas?

Conheço por fim este lugar
após o ter calcado tantas vezes sem pureza.
Quando foi o que é hoje?
Trespasso-o com assombro,
assustado por sua nitidez:
ao fundo a morada com o número, o emblema,
o côncavo exacto para a cabeça, o sono, o abismo;
definitivo e límpido tudo isso.
E a música, a música até magoar:
rente à face recente uma concha fragosa,
escuridão habitada, interrogante.

Leio estes sinais que se conjugam
para um poema que não é ainda palavras
mas o rorejo de um ácido indeciso
e decompor a língua:

as indistintas espécies de plantas vorazes
como verbos em cuja escolha hesito
ao nomear um incidente,

a metáfora das aves
que imigraram com a ardência
dos climas que propõem em seus trinos,

a pedra total que não consente
adjectivo algum.

O bem-aventurado Henri Pollès

Henri Pollès
(Desenho por Berenice Cleeve)

HENRI POLLÈS. O seu antigo director julgava-o morto. Como Gadenne ou como Guérin. Mas é como Cailleux que ele regressa, depois de dezoito anos de ausência, com um romance de setecentas páginas. «Sur le fleuve de sang vient parfois un beau navire», a acotovelar os livros da **rentrée.** De 1934 a 1964, Pollès tinha publicado, quase exclusivamente na Gallimard, seis romances, três «diários» e alguns ensaios políticos.

Aos 63 anos, Pollès está tão esbelto e tão rico de facécias como um jovem e, entre dois jogos de **ping-pong** no jardim da sua casa de Brunoy, improvisou para nós um suplemento do seu «receituário da felicidade», o «Journal d'un homme heureux» (1953).

– V. teve em 1932 uma estreia brilhante com **Sophie de Tréguier.**

– Foi tudo muito fácil. Tinha chegado de Nantes com uma tese de filosofia no bolso, por assim dizer para preparar-me para o concurso de agregados. A Gallimard e a Rieder aceitaram o manuscrito! Dois dias depois da saída do livro, Arland, que continuou a ser meu amigo, escreveu-me uma carta muito calorosa. Depois disso, houve um belo artigo de Brasillach na **Action Française.** Eu ia sendo conduzido pela glória, aureolado por uma espécie de pureza cujo lado suspeito vim a compreender mais tarde. Benjamin Crémieux, a quem eu chamava «tio Ben», conseguiu que me dessem o **Prémio Populista.**

– V. falhou várias vezes o Prémio Goncourt. Primeiramente, em 1945, com **Toute la guerre se fait la nuit.** Mais tarde, voltou-se a falar de si quando saiu **Amour, ma douce mort,** em 1963.

– Para **Toute la guerre se fait la nuit,** o **Vendredi** tinha-me enviado a Espanha a fim de fazer a cobertura da guerra. Eu desejava ir, como H. C. Wells, aos dois campos em luta, mas isso não foi possível. **Toute guerre** é, portanto, uma reportagem subjectiva onde há bastantes coisas inventadas. Já foi comparado – a meu ver, sem razão – com **L'Espoir** e com **For whom the bell tolls.** De facto, exprimo ali o meu ponto de vista, afastado de todas as tendências, próximo apenas daquela «enésima Internacional» que fundei em sonhos e cujo único aderente sou eu. **Toute guerre se fait la nuit** foi impresso em 1939 e a Gallimard renunciou subitamente a pô-lo à venda. Todos os exemplares foram escondidos e o livro só saiu a público em 1945, no final da guerra. Gosto muito desse romance. Escrevi recentemente à Gallimard para sugerir que o reedite em edição de bolso. Mas não me deram resposta.

– Depois disso, V. escreveu dois «romances infinitos», um dos quais, **La chair des innocents est le festin des dieux,** está inédito, e o outro, **Les drapeaux habillent mal,** saiu em edição do autor.

– Escrevo desde sempre e vou empilhando os livros. Isso é mesmo o meu ofício, pois fui alfarrabista durante perto de quarenta anos. Já visitou os três andares da minha casa, que, realmente, se parecem com a minha literatura; e o meu jardim não tem nada de um jardim à francesa. Eu sou pela profusão. Classifico-me na categoria dos grafómanos, como Sartre, cujos manuscritos, depois de ele morrer, não param de ser descobertos, ou como Saint-Exupéry... Antes da guerra, vi duas malas cheias de páginas dele. Os alemães pilharam a casa onde elas estavam e, depois disso, nunca mais se ouviu falar delas. A Gallimard mudou de opinião ao ver o tamanho dos dois romances que V. mencionou. A **L'Age d'homme,** que não tem medo de nada, comprou-me os exemplares dos **Drapeaux** e vai publicar **La chair des innocents.** Por «romance infinito» entendo eu uma fervilhante evocação do mundo moderno, do seu pulular, das habilidades sensacionalistas da publicidade, uma mistura de sátira e de arremedo, um fluxo, comprimido, de todas as existências e de todos os dramas. **Sur le fleuve de sang,** de resto, corresponde também a essa estética.

– O seu **Journal d'un homme heureux,** tal como o **Journal d'un raté** (1954), é difícil de classificar. Essas obras estão recheadas de aforismos e de digressões; não cabem na classificação dos géneros.

– Já viu a minha «pollesoteca», que testemunha a minha incurável grafomania? Guardei em invólucros encadernados a couro dourado e ornamentado tudo aquilo que julguei merecer ser salvo: recortes de jornais, páginas íntimas, cartas... Cada invólucro corresponde a um tema. Poucos meses me bastam para fazer um livro com qualquer deles. Tenho, por exemplo, ao meu dispor o **Diário de um romancista,** o **Diário dos meus sonhos,** o **Diário de um condenado à morte,** o **Diário de um pai** ou o **Diário de um bibliófilo.** Tenciono publicar dentro em breve o **Journal d'un raté II.** A noção de «falhanço» é capital para mim. Admiro os escritores que venceram na vida, como Valéry, Giono ou Malraux, homens com quem privei. Sempre pensei ser um «falhado», pois fiz pontaria demasiado alta e acabei por vir procurar a felicidade na humildade. Se tive o meu «calendário de humilhações» – prémios não ganhos, cartas a recusar originais, etc. –, também ganhei com ele uma espécie de honra na sombra e na solidão, e até talvez uma parcela de grandeza.

– Depois de **Fils de l'auteur,** que saiu em 1964, nunca se voltou a ouvir falar de si.

– Escrevia sem pensar na publicação. Há sete ou oito anos retomei um curto romance, uma espécie de continuação de **Sophie de Tréguier,** e resolvi refazê-lo completamente. Fui a Versailles consultar a Imprensa da época de 1914-1918 e cheguei a interrogar algumas pessoas desse tempo, entre elas uma idosa pensionista do hospício de Tréguier. Era um trabalho insano, durante o qual fui ajudado pelas minhas recordações da terra onde vivi os dez primeiros anos da minha vida. Tréguier abre-se para todo o Universo e ganha dimensões inesperadas. Trabalhei também nas pegadas de Renan, o grande homem daquela pequena vila.

Sur le fleuve foi inicialmente recusado pela Gallimard, que depois o quis aceitar com cortes para finalmente o recusar outra vez, coisa que nem me surpreendeu nem me afectou. Mandei o manuscrito para Lausanne e o director da **L'Age d'homme** telefonou-me dias depois: «Li cento e trinta páginas do seu manuscrito... nada parece opor-se à publicação.» Está a ver que o meu «desânimo optimista» acabou por dar resultado. Encontrei finalmente um editor que me pede manuscritos!

Mas tenho outro motivo de preocupações, o meu «museu vivo do livro». O recheio da minha casa, as edições originais, os manuscritos de Lorraine, de Giono, etc., as gravuras, os quadros, os **bibelots** ligados aos grandes homens da nossa literatura, tudo isso desejo legar ao Estado ou a um município para que façam uma espécie de museu Grévin das letras. De tudo me privei para juntar esta colecção. Malraux tinha-me manifestado o seu acordo, mas deixou demasiado cedo as funções. Lang, a quem escrevi, não me respondeu. Chirac mandou dizer-me que a cidade de Paris já tinha dois museus literários, as casas de Hugo e de Balzac, e não podia tomar conta do meu! Então, terei, como Dubuffet, de dar tudo a Lausanne?

Declarações recolhidas por RAPHAEL SORIN

A guerra e o amor em Treguier

De Agosto de 1914 ao Te Deum **que celebrou a vitória de 1918, Henri Pollès entrelaça a sorte de uma vila, Tréguier, a vida de uma província, a Bretanha, o destino de quatro irmãs, as provações de milhões de soldados e a passagem de uma época a outra. Tal como em** Amour, ma douce mort, **cria um desconcertante e vasto poema lírico, uma romanza sentimental, uma liga de erudição e de metafísica celtizantes.**

As filhas do dr. Le Scolan, sem a guerra, teriam conhecido a existência daquelas que vivem e morrem sós. Se Louise, a louca, e Monique, demasiado jovem ainda para começar a vida, ficam de parte, Juliette e Marie vão encontrar, durante quatro anos, um mundo que vai mudando com dificuldade. A partida do primeiro comboio com combatentes de Tréguier, a chegada dos feridos e dos refugiados, o regresso dos mortos, a vinda dos estranhos americanos, nada falta a esta longa crónica; mas as provas por que passam Marie e Juliette têm nela tanta importância como as notícias da frente de batalha.

O unanimismo de Sur le fleuve de sang vient parfois un beau navire * **é a convergência das histórias particulares. Por exemplo, o encontro de Juliette e o capitão Armand, num cenário de hospital militar, provoca, para ele, a descoberta de Tréguier e, para ela, a recordação da Provença. De modo que o seu intercâmbio amoroso vem rimar por entre os «textos encontrados» com que Pollès enrola o seu novelo: adágios bretões, canções de guerra, citações, recortes de jornais, legendas de bilhetes postais.**

As palavras de uma época, as suas patranhas e as suas verdades vêm reboar neste «romance infinito» em longas frases sinuosas cortadas por secas rajadas. Pollès domina, finalmente, toda a sua lira. O movimento do estilo nunca impede o romance de funcionar e de ser contagioso. Tal como no melodrama, o futuro das personagens deixa-nos suspensos e as suas provações comovem-nos. Tal como nos contos, as estações desta guerra que já quase tínhamos esquecido obrigam-nos a olhar para mais longe que o dia de hoje, para a fonte das emoções puras.

RAPHAEL SORIN

* Sur le fleuve de sang vient parfois un beau navire, **de Henri Pollès, Julliard e L'Age d'homme, 709 p., 90 f.**

«MEMORIAL DO CONVENTO»

Continuação da pág. 3

desmutiplica-o por consoantes e vogais (e daí os muitos rostos que surgem, estão e não estão), plasma-o ao longo da narrativa. Torna-o desperto de sons e de pedras – e fá-lo construir o convento de Mafra contra vontade. Mas o leitor (que é o povo de então, que é o povo de agora, que é a mesma nacionalidade de agora e de então) saberá libertar-se das ordens obscuras e arbitrárias do poder: e, um dia, voará. É uma questão de vontade, de **vontades**, um simples (e difícil) arrumo de coisas. Até porque uma língua (e a língua portuguesa, o Português, é a personagem maior nesta obra de Saramago) terá sempre novas palavras, novo ritmo, nova medida para ir ocupando o espaço dos tempos que se vão apresentando e que sempre hão-de vir.

Sem dúvida que o leitor, pelos passos do «Memorial», pedreiro que é também da língua que lê, fala e ouve, muitas vezes (e já na qualidade de canteiro) a si próprio fará esta pergunta: «Quando sairei deste labirinto tão fechado, que não só me tem por entre paredes mil, como também me leva a construí-lo contra o desejo de voo que em mim existe...?» E dando o braço a uma personagem que é a língua de toda uma nacionalidade, de todo um povo, de toda uma independência e presença no mundo, o leitor então sai mesmo para fora, **exorbita**, é ganho por aquela sábia perspectiva que mostra nem coisas grandes, nem coisas pequenas, mas as coisas todas devidamente interdependentes umas das outras. Um todo, enfim.

Um todo só aparentemente parado: porque (como claro irrompe no decorrer do livro) respostas há muitas – e só as perguntas é que não são bastantes. Mas quando um povo aprende a fazer perguntas através da língua do seu berço, do seu suor, da sua aventura – então, sim, surgem as respostas, e, surgindo as respostas, logo outro é o sentido da vida. É a **passarola**, é a aeronave, é o pé na Lua. E todas as coisas, assim vistas do alto, ganham as suas verdadeiras dimensões – e o convento de Mafra limita-se a ser um grão de areia à superfície da Terra, reflectindo a pequenez de quem o ordenou e a grandeza de quem (a outros **actos** destinado) foi coagido a erguê-lo. Tal nos diz, ao longo dos mais diversos ritmos, e também ao som do cravo de Scarlatti (a quem o povo chamava Escarlate), uma grande personagem do «Memorial»: a língua portuguesa, o Português, em toda a sua longínqua memória, e em toda a sua força presente, activa – e voadora.

PEDRO ALVIM